



ROSEMARILANY BARBOSA GUIDA

**A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UGF**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

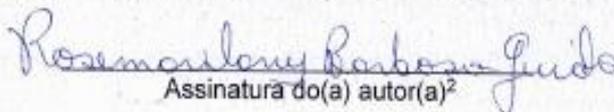
Nome completo do autor: Rosemarilany Barbosa Guida

Título do trabalho: **A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG**

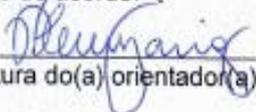
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 31/10/2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

ROSEMARILANY BARBOSA GUIDA

**A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica no Curso de Mestrado Profissional do Centro de Ensino aplicado a Educação – CEPAE/UFG; para obtenção título de mestre em Ensino na Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Área de Ensino: Linguagens e suas tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vivianne Fleury de Faria

GOIÂNIA
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Guida, Rosemarilany Barbosa

A mediação da leitura literária na biblioteca escolar [manuscrito] :
uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG /
Rosemarilany Barbosa Guida. - 2018.

157 [12] f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2018.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui fotografias, gráfico, lista de figuras.

1. Ensino na Educação Básica. 2. Biblioteca Escolar. 3. Formação
de Leitores. 4. Mediação. I. Faria, Vivianne Fleury de, orient. II. Título.

CDU 373.3



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos oito dias do mês de outubro de 2018, às 14:00 horas, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, foi realizada a defesa de dissertação de mestrado *A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFV* da mestranda **Rosemarilany Barbosa Guida**, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa a banca examinadora (Port. nº 075/PPGEEB/2018 de 05 de outubro de 2018), considerou a dissertação apresentada

Aprovada

Não aprovada

Observações:

Proclamado o resultado, o (a) presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata com os outros membros da banca examinadora.

Goiânia, 08 de outubro de 2018.

Prof. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFV) – Presidente

Prof. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFV) – Membro interno

Prof. Dra. Maria Eugênia Curado (UEG) – Membro externo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que mais uma vez me sustentou e me deu forças para vencer mais esse desafio, pois somente Deus é bom e misericordioso para com os seus filhos.

A meu amado esposo Nelson Nunes, que tanto me ajudou em todos os momentos de angústia e aflição durante a elaboração deste trabalho, pela paciência e pelo carinho.

A meu filho Henrique, tão amado e querido, que me enlouqueceu com tantas perguntas no momento em que eu estava estudando.

Aos meus pais José Guida e Rita Guida, pela força e compreensão.

À professora Vivianne Fleury de Faria, minha orientadora, pela paciência, compromisso e por me dar suporte, mostrando o caminho para a elaboração desta dissertação.

Às professoras e aos alunos de 5º e 7º ano do CEPAE/UFG, pela participação e colaboração.

Aos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFG, em especial aos da BC e do CEPAE, que me ajudaram a alcançar este objetivo.

Aos membros da Banca, pelo compromisso e contribuições necessárias.

Ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino Aplicado à Educação da Universidade Federal de Goiás, pelas condições e embasamentos para elaboração desta dissertação.

Ao Sistema de Bibliotecas da UFG e à Universidade Federal de Goiás, pelo incentivo aos seus servidores técnico-administrativos na realização de cursos de Pós-Graduação.

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”.

Romanos cap.8, v.28

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a relevância da biblioteca escolar, bem como do bibliotecário, no processo de formação do hábito de leitura pelo estudante, uma vez que a biblioteca escolar é um espaço para a prática leitora e para a formação do leitor literário, e o bibliotecário pode orientar a leitura e disponibilizar diversos gêneros literários. Dentre estes, destaca-se o texto dramático, pouco lido nas escolas. Desse modo, pretendeu-se incentivar o hábito de leitura deste gênero literário na biblioteca escolar do CEPAE/UFG, tendo como método a pesquisa-ação, sendo utilizados questionários e rodas de conversa, orientadas por uma sequência didática direcionada à biblioteca escolar, proposta por Souza (2009) e Dolz e Schneuwly (2004). Esta atividade foi desenvolvida pela pesquisadora, bibliotecária, durante cinco semanas, com alunos dos 5º anos A e B do ensino fundamental, na biblioteca do CEPAE/UFG, sendo aplicados dois questionários, um no início, antes da sequência didática, e outro no final da atividade, visando averiguar hábitos de leitura e conhecimentos acerca deste gênero literário. Também foi aplicado um questionário com uma turma de alunos do 7º ano do CEPAE/UFG, tencionando verificar os hábitos de leitura e fazer um comparativo com essas duas turmas. O objetivo era esclarecer o seguinte fenômeno: na 1ª fase do ensino fundamental, os alunos de 5º ano, mesmo com alto volume de empréstimos de livros e seguindo a agenda de biblioteca, tomam emprestados poucos livros do gênero literário dramático, enquanto os alunos de 7º ano, após mudarem de fase e deixarem de seguir a agenda, mudam também seus hábitos de leitura e frequência à biblioteca. Os resultados indicam que os alunos de 5º ano da 1ª fase têm um alto índice de leitura e de visitas semanais à biblioteca do CEPAE/UFG. Quanto ao gênero literário dramático, ao final do projeto, os alunos passaram a conhecê-lo e pretendem ler outros livros como os lidos nas rodas de conversa. Já os alunos de 7º ano da 2ª fase, tem uma menor quantidade de leituras e de visitas à biblioteca. Assim, com esses resultados, demonstramos que a agenda de biblioteca, a prática de atividades didáticas na biblioteca escolar e a mediação podem estimular os alunos ao hábito de leitura do gênero literário dramático e que a mudança de fase do fundamental 1 para o 2 altera alguns hábitos de leitura dos alunos.

Palavras-chave: Ensino na Educação Básica. Biblioteca Escolar. Formação de Leitores. Mediação.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo investigar la relevancia de la biblioteca escolar, así como del bibliotecario, en el proceso de formación del hábito de lectura por el estudiante, una vez que la biblioteca escolar es un espacio para la práctica lectora y para la formación del lector literario, y el bibliotecario puede orientar la lectura y poner a disposición diversos géneros literarios. Entre estos, se destaca el texto dramático, poco leído en las escuelas. De este modo, se pretendió incentivar el hábito de lectura de este género literario en la biblioteca escolar del CEPAE / UFG, que tiene como método la investigación-acción, fueron utilizados cuestionarios y ruedas de conversación, orientadas por una secuencia didáctica dirigida a la biblioteca escolar, propuesta por Souza (2009) y Dolz y Schneuwly (2004). Esta actividad fue desarrollada por la investigadora, bibliotecaria, durante cinco semanas, con alumnos de los 5º años A y B de la enseñanza fundamental, en la biblioteca del CEPAE / UFG, fueron aplicados dos cuestionarios, uno al principio, antes de la secuencia didáctica, y otro al final de la actividad, con el fin de averiguar hábitos de lectura y conocimientos acerca de este género literario. También se aplicó un cuestionario con una clase de alumnos del 7º año del CEPAE / UFG, con la intención de verificar los hábitos de lectura y hacer un comparativo con esas dos clases. El objetivo era esclarecer el siguiente fenómeno: en la primera fase de la enseñanza fundamental, los alumnos de 5º año, incluso con alto volumen de préstamos de libros y siguiendo la agenda de biblioteca, se toman prestados pocos libros del género literario dramático, mientras que los alumnos de 7º año, después de cambiar de fase y dejar de seguir la agenda, cambian también sus hábitos de lectura y frecuencia a la biblioteca. Los resultados indican que los alumnos de 5º año de la primera fase tienen un alto índice de lectura y de visitas semanales a la biblioteca do CEPAE/UFG. En cuanto al género literario dramático, al final del proyecto, los alumnos pasaron a conocerlo y pretenden leer otros libros como los leídos en las ruedas de conversación. Los alumnos de 7º año de la segunda fase, tienen una menor cantidad de lecturas y de visitas a la biblioteca. Así, con estos resultados, demostramos que la agenda de biblioteca, la práctica de actividades didácticas en la biblioteca escolar y la mediación pueden estimular a los alumnos al hábito de lectura del género literario dramático y que el cambio de fase del fundamental 1 al 2 altera algunos de los hábitos de lectura de los alumnos.

Palabras claves: Enseñanza en la Educación Básica. Biblioteca Escolar. Formación de lectores. Mediación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	<i>Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés</i>	54
Figura 2	Ana Maria Machado	54
Figura 3	<i>O fantástico mistério de feiurinha</i>	57
Figura 4	Pedro Bandeira	57
Figura 5	<i>Pluft, o fantasminha</i>	60
Figura 6	Maria Clara Machado	60
Figura 7	<i>Curupira</i>	63
Figura 8	Roger Mello	63
Figura 9	A Entrada do CEPAE/UFG	73
Figura 10	Entrada da biblioteca do CEPAE	75
Figura 11	Pátio e Entrada da biblioteca do CEPAE	75
Figura 12	O acervo e espaço de estudo coletivo da Biblioteca do CEPAE.....	75
Figura 13	O espaço de contação de história da Biblioteca do CEPAE	75
Figura 14	A Turma de 5º Ano A do CEPAE	76
Figura 15	A Turma de 5º Ano B do CEPAE	77
Figura 16	Registro do último encontro com a turma de 5º ano A do CEPAE	95
Figura 17	Registro do último encontro com a turma de 5º ano B do CEPAE.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Você lê com frequência?.....	99
GRÁFICO 2	Onde você adquire seu material de leitura?	99
GRÁFICO 3	Qual o material de leitura que você lê?.....	100
GRÁFICO 4	A mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou em sua escolha na questão anterior (Questão 3)?	101
GRÁFICO 5	Você gosta do gênero literário dramático?.....	102
GRÁFICO 6	Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?	102
GRÁFICO 7	Você recomenda para outros o que lê?	104
GRÁFICO 8	Qual o efeito que a leitura lhe causa?.....	104
GRÁFICO 9	Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE/UFG?.....	105
GRÁFICO 10	Você conhece o gênero dramático?.....	106
GRÁFICO 11	Quem te motiva mais a ler?.....	109
GRÁFICO 12	Onde você costuma ler?	110
GRÁFICO 13	Você frequenta outra biblioteca, além da biblioteca do CEPAE/UFG?	110
GRÁFICO 14	O que te motiva a ir à biblioteca do CEPAE/UFG?.....	111
GRÁFICO 15	Você lê com que frequência?	113
GRÁFICO 16	Onde você adquire seu material de leitura?	114
GRÁFICO 17	Qual o material de leitura literária que você lê?	114
GRÁFICO 18	A mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou em sua escolha na questão anterior (Questão 3)?	115
GRÁFICO 19	Você gosta do gênero literário dramático?.....	116
GRÁFICO 20	Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?	117
GRÁFICO 21	Você recomenda para outros o que lê?	118
GRÁFICO 22	Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE/UFG?	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	16
1.1 IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO LEITOR ESCOLAR	16
1.2 HISTÓRIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL	20
1.3 PRECARIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL	26
1.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL	31
1.5 O BIBLIOTECÁRIO DE BIBLIOTECA ESCOLAR.....	37
1.6 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	40
2 O TEATRO	43
2.1 PARTICULARIDADES DO TEXTO TEATRAL.....	44
2.2 O TEATRO NAS ESCOLAS ESTRANGEIRAS E BRASILEIRAS	46
2.3 O TEXTO TEATRAL NA ESCOLA	49
2.4 SELEÇÃO DAS OBRAS - ADEQUAÇÃO ENTRE OBRAS E TURMAS	51
2.5 APRESENTAÇÃO DOS AUTORES SELECIONADOS	53
3 O PLANO DE ATUAÇÃO	66
3.1 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA	69
3.2 PLANO DE APROVEITAMENTO DA BIBLIOTECA DO CEPAE/UFG.....	70
3.3 APLICAÇÃO DO PLANO DE ATUAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL	71
3.3.1 Local da Pesquisa: Biblioteca do CEPAE/UFG	73
3.3.2 Perfil dos alunos	76
3.3.3 Perfil da Pesquisadora	77
3.3.4 Etapas do Plano de Atuação.....	78
4 COLETA, ANÁLISE E COMPARAÇÃO DE RESULTADOS	81
4.1 RODAS DE CONVERSA	84
4.2 QUESTIONÁRIOS	98
4.3 COMPARAÇÃO DE RESULTADOS	112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	132
APÊNDICES	144
PRODUTO EDUCACIONAL	

INTRODUÇÃO

A escola é um local em que os alunos têm a oportunidade de adentrar e conhecer os mais diversos gêneros textuais. Nela encontra-se a biblioteca escolar, esta, muitas vezes, com espaço e um acervo rico e bem atualizado, e um profissional - o bibliotecário - capaz de responder aos questionamentos levantados pelos alunos no decorrer de suas atividades. Em vista disso, a biblioteca escolar deveria ser um local de formação do gosto pela leitura. Para que isto ocorra deve haver práticas educativas bem elaboradas, sempre com o envolvimento de professores e bibliotecários disponibilizando acesso aos livros de forma facilitada. Para tanto, é preciso estimular os alunos a frequentar este ambiente, colaborando, assim, para a estima pela leitura, conforme salienta Campello (2008).

Tendo em vista este contexto, escolhemos neste trabalho de pesquisa abordar a formação de leitores na biblioteca escolar, objetivando mostrar e aproximar os alunos do ensino fundamental do texto literário do gênero dramático. Assim, o intuito desta pesquisa é responder à seguinte problemática: como promover o incentivo à leitura literária do gênero dramático junto aos alunos de 5º ano do CEPAE/UFG?. E, deste modo, poder oferecer-lhes a oportunidade de enriquecimento de conhecimento, adentrando no conceito, características e possibilidades de abordagem deste gênero literário tão rico e importante para o desenvolvimento dos alunos.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é incentivar a leitura literária do gênero dramático com os alunos do 5º ano do CEPAE/UFG. E os objetivos específicos são o de demonstrar a importância e a função da biblioteca no âmbito escolar; demonstrar a importância da biblioteca e do bibliotecário como mediador no incentivo à leitura para os alunos de 5º ano do CEPAE/UFG; desenvolver práticas educativas na biblioteca por meio de ações de mediação de leitura viáveis e possíveis dentro da realidade da biblioteca CEPAE/UFG; e finalmente buscar compreender de que maneira professores e bibliotecários podem trabalhar juntos para desenvolver o gosto pela leitura de obras de literatura brasileira do gênero dramático juntamente com os alunos de 5º ano do CEPAE/UFG.

Nesse sentido para elaborarmos este trabalho primeiramente realizamos um estudo teórico metodológico, cujo intuito foi o de fundamentar teoricamente esta pesquisa, como também de orientar os caminhos a serem percorridos para alcançar o objetivo que é o incentivo à leitura literária do gênero dramático. Nessa lógica, elaboramos uma Sequência Didática, e lemos quatro obras literárias do gênero dramático, que foram trabalhadas junto aos

alunos por meio de rodas de conversa, foram elas: *Curupira*, de Roger Mello; *O fantástico mistério de feiurinha*: teatro, de Pedro Bandeira; *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetes*, de Ana Maria Machado; e *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado. E fechamos este plano de atuação com aplicação de questionários (com questões abertas e fechadas) no início e no final da pesquisa.

Esta sequência didática foi desenvolvida com duas turmas de 5º anos, A e B, do ensino fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), da Universidade Federal de Goiás, na cidade de Goiânia, no primeiro semestre de 2017. Esta prática foi dividida em 5 encontros, e utilizamos, para coleta de dados, um gravador, o diário de campo da pesquisadora e questionários para que, ao final, pudéssemos fazer a análise dos dados. Também realizamos a aplicação de um questionário em uma turma do 7º ano do ensino fundamental do CEPAE/UFG, a fim de fazermos um comparativo com as turmas de 5º ano, relacionado ao uso da biblioteca e hábitos de leitura do gênero literário dramático, pois na 1ª fase do ensino fundamental, especificamente no 5º ano, mesmo sendo alto o volume de empréstimos de livros, a quantidade deles do gênero literário dramático é baixa. Finalmente, visamos confirmar ou não a hipótese de que os alunos de 7º ano, após mudarem da 1ª para a 2ª fase, mudam hábitos de leitura e frequência à biblioteca.

Em vista disso, dividimos a pesquisa em quatro capítulos, sendo que o primeiro e segundo é de fundamentação teórica para o trabalho, o terceiro é de natureza metodológica e o quarto capítulo é de explicitação da prática desenvolvida, análise e comparação dos resultados, conforme descrito a seguir.

No primeiro capítulo, fizemos uma explanação acerca da leitura na escola, fundamentados por Candido (2002, 2004), Todorov (2009) e Zilberman (1985), e de como ela está sendo trabalhada com alunos nas escolas nos dias atuais. Em seguida, fizemos um apanhado histórico da biblioteca escolar no Brasil, baseados principalmente em Moraes (2006) e Milanesi (1993), indo desde a sua chegada e instalação nos colégios com os padres Jesuítas até os dias atuais, com leis e projetos que almejam dar a ela mais suporte legal e estrutural, através de programas desenvolvidos pelo governo federal.

Logo após, realizamos uma reflexão, fundamentada em Souza (2009), Silva (1991) e Campello (2008), relativa às razões pelas quais a biblioteca escolar é vista com descaso e qual o motivo da falta de investimentos em seu espaço, como também algumas ações que almejam mudar este quadro. Fizemos uma fundamentação sobre as funções e o papel da biblioteca escolar como suporte ao ensino-aprendizado na escola e quanto ao bibliotecário de bibliotecas

escolares, seu papel como mediador e fomentador de atividades que buscam desenvolver nos alunos o hábito de leitura.

No segundo capítulo, apresentamos o gênero literário dramático mediante um breve histórico acerca do ensino do teatro nas escolas do Brasil, sua definição e principais características. Discutimos também sobre a importância de abordar o texto dramático na escola e seus benefícios para os alunos, e do quanto pouco ele é oferecido em sala de aula. Fizemos ainda uma apresentação dos quatro autores e dos quatro livros literários do gênero dramático abordados na sequência didática.

No terceiro capítulo, são apresentados os caminhos metodológicos trilhados para a realização deste trabalho, tendo como fundamento a metodologia da pesquisa-ação de Thiollent (1986) e a sequência didática abordada por Souza (2009), esta desenvolvida neste projeto de pesquisa; como também a maneira como os dados foram coletados, o espaço em que a pesquisa foi realizada, o perfil dos alunos e da pesquisadora, os instrumentos e as etapas do plano de atuação deste projeto.

No quarto capítulo, apresentam-se a verificação de dados coletados, com o detalhamento das Rodas de Conversa, dos Questionários, e a análise e comparação dos resultados, por fim concluímos a dissertação com as considerações finais a respeito deste trabalho.

O produto educacional da pesquisa consiste em uma sugestão de sequência didática a ser desenvolvida em uma biblioteca escolar. Com efeito, espera-se que o conteúdo apresentado na sequência didática possa auxiliar professores, bibliotecários ou auxiliares de bibliotecas que desenvolvam trabalhos de promoção e de incentivo à leitura em bibliotecas escolares.

1 A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

1.1 IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO LEITOR ESCOLAR

Considera-se que formação humana é parte do escopo da escola, espaço onde o indivíduo tem acesso ao conhecimento. E, nesse universo, estão inseridos os estudos literários, os quais exercem um papel importante na formação do homem na sociedade, conforme explicita Coelho (2010). Ainda de acordo com o autor, a literatura estimula o exercício da mente, o entendimento acerca da realidade, o respeito ao próximo e promove o reconhecimento do ser humano como participante da realidade social, ou seja, ajuda na formação da criança e do adolescente, assim como o fazem a escola e a família. Sobre isso, Candido também afirma:

Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de romance, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CANDIDO, 2002, p.84).

Através da literatura, o homem se expressa, seja na forma poética, ficcional ou dramática, ela é a exposição universal da vida humana através do tempo, ainda segundo Candido (2004, p. 175) “não existe homem ou povo que viva sem ela”, e está presente em todos nós, no dia a dia, seja nas histórias em quadrinhos, noticiário policial, caso, etc. Para o autor “a literatura concebida no sentido amplo [...], parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (2004, p. 175).

Para Candido (2004), a literatura está relacionada com os direitos humanos, é um direito ao qual todo ser humano deve ter acesso. O autor pontua que há dois tipos de necessidades humanas, supérfluas e fundamentais, que estão divididas em dois grupos de bens. O primeiro grupo Candido (2004) denomina de “bens compressíveis, como cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas”. O segundo grupo é dos bens incompressíveis, nos quais o autor insere a literatura, compreendida como um bem essencial, ou seja, todo ser humano deve ter direito a ela: “são bens incompressíveis, não apenas os que asseguram a sobrevivência física em nível decente, mas os que garantem a integridade espiritual [...] alimentação, moradia, instrução, saúde” (CANDIDO, 2004, p. 174). A literatura se enquadra

neste último grupo, pois é uma necessidade, um direito fundamental para o desenvolvimento intelectual e mental, o qual, conseqüentemente, tem reflexos na vida em sociedade dos indivíduos, tornando-os seres sociáveis com visão de mundo e do próximo de forma diferenciada, de forma humanizada.

Tzvetan Todorov (2009) também confirma esse conceito de socialização e interação entre as pessoas, de sentimento de vida, do quanto ela, a literatura, auxilia na compreensão de experiências vividas e que ajuda a compreender e relacionar-se com os outros. Assim o autor argumenta que,

a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentidos e mais belo. (TODOROV, 2009, p.24)

Desta forma, a partir das concepções apresentadas, enfatizamos que a literatura nos aproxima dos outros seres humanos, nos faz sentir emoções e percepções da realidade que somente ela pode nos oferecer. E, como afirma Candido, a leitura literária constitui,

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p.180)

Com efeito, a literatura proporciona e transforma os pensamentos, através dela o homem se expressa, abre a mente para reflexões e questionamentos, torna as pessoas mais sensíveis à condição do seu semelhante, humaniza, como também proporciona prazer. Assim, o ato da leitura literária como afirma Eco (2003, p.9), “traz deleite, elevação espiritual, ampliação dos próprios conhecimentos, prazer”.

Contudo, de acordo com Todorov (2009, p. 27), a literatura está sendo empregada nas escolas para discutir acerca de questões conceituais de diversas áreas do conhecimento, tais como linguística, política, momentos históricos, períodos e escolas literárias, etc., o que não favorece a apreensão do objeto estético que a obra literária é, bem como um meio para ver e sentir a condição humana, fazer reflexão sobre a vida - tristezas, alegrias, angústias, desesperos, desigualdades -, e assim, proporcionando ferramentas para a formação humana, salienta o autor.

Ainda de acordo com Todorov, outra questão seria a de que muitos estudiosos e professores têm conhecimento dessa situação, mas não procuram revertê-la. Na escola, o adequado seria abordar o texto literário em sua essência, ou seja, dar o texto a ler, e professores e/ou bibliotecários atuarem como mediadores do texto literário, auxiliando o aluno a ler e interpretar, observando sempre o sentido da obra literária e suas particularidades estéticas. Para Todorov:

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que este sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos. Como já o disse, essa ideia não é estranha a uma boa parte do próprio mundo do ensino; mas é necessário passar das idéias à ação. (TODOROV, 2009, p.89)

A respeito disso, Zilberman (1985) confirma esse conceito, segundo o qual o texto literário é utilizado como instrumento ao aprendizado de conteúdos afins, deslocando o foco da aula de literatura de seu objeto por excelência - o texto literário. Para a autora, “em situações escolares, o texto costuma virar pretexto, ser intermediário de aprendizagens para outras que não ele mesmo” (p. 53). A autora salienta que nenhum texto literário deve ser utilizado como objeto de estudo, dissecação e de análise, nem para o aumento do vocabulário, para a “dimensão de repositório de ocorrências linguísticas que seguem à risca as normas gramaticais cultas” (ZILBERMAN, 1985, p. 56).

É fundamental que a escola disponibilize aos alunos o maior número de gêneros literários, a fim de que possam reconhecer as diversas variações textuais, como as crônicas de jornais, letras de músicas, etc. No entanto, é necessário cuidado, deve-se familiarizar o aluno com textos de escrita e interpretação mais complexos, o romance, o poema, a crônica, o texto dramático, reconhece Zilberman (1985):

O que é complexo – ou melhor, complexo, no bom texto – é a relação que ele permite instaurar entre ele (texto) e seu leitor. Esta relação é tanto mais complexa quanto mais maduro for o leitor, melhor (literariamente falando) for o texto. Há, então, que expor o aluno a uma gama variada de textos, se realmente se quer que ele melhore sua leitura. E *melhorar*, aqui, nada tem a ver com memorização ou velocidade de leitura. Tem a ver, isto sim, com níveis sucessivos e simultâneos de significados que o leitor (aluno) vai considerar para o texto. (ZILBERMAN, 1985, p. 58).

Todavia, é preciso ter cuidado ao disponibilizar os gêneros textuais, pois, de acordo com o estudioso Gregorin Filho (2012), muitas vezes o aluno deixa de ter sua leitura

aprofundada e é afastado de uma leitura prazerosa e que, conseqüentemente, poderia torná-lo um leitor literário, para se transformar em uma imposição, já que o aluno irá ler para responder a questões que abordam os próprios gêneros textuais, as figuras de linguagem, a biografia do autor, entre outros fatores que nada tem a ver com a obra literária em si. Para o autor,

a escola, em seu papel de formar leitores, tem agido no intuito de formar leitores para o consumo da própria escola, para a inserção em novas etapas da formação ou para o vestibular. A escola precisa, urgentemente, formar leitores para a vida e para a sociedade, para ler o outro, para ler a multiplicidade das relações humanas que se processam na e pela vida social. (GREGORIN FILHO, 2012, p.152)

Destarte, a formação do leitor literário na escola é, em primeiro lugar, viável e, acima de tudo, papel do professor e do bibliotecário - ou seja, dos profissionais da escola - apesar da diversidade de situações que elencamos anteriormente no texto. Para alcançarmos este objetivo, que é a formação do leitor na escola, conforme salienta Souza (2009, p. 50), faz-se necessário trabalhar com os diferentes interesses de leitura dos alunos, valorizando e respeitando suas escolhas e necessidades. Assim a autora entende a formação do leitor:

Concebe-se a formação do leitor como um processo possível de ser desenvolvido em sala de aula ou no espaço da biblioteca com um acervo diversificado, em um ambiente organizado e dotado de uma programação de leitura animada, especialmente, com as imagens. (SOUZA, 2009, p. 51)

Ainda em conformidade com Souza (2009), cada comunidade de leitores possui diferentes interesses de leitura, empatia por determinados livros, autores, ou mesmo por gêneros literários específicos e, na medida do possível, o professor deve abrir espaço para as escolhas dos alunos. Afirma também a importância de se disponibilizar livros no espaço das bibliotecas - através de programas de distribuição de livros dos governos municipais, estaduais e Federal -, ou nas salas de aulas, para que os alunos tenham acesso aos mais diversos gêneros literários. A autora salienta que a escola deve garantir também um tempo na escola para ler, individual ou coletivamente, e é preciso o reconhecimento pela escola do quão importante é a leitura literária para a formação das pessoas. E, por último, mas não menos importante, é a valorização do trabalho de mediação para o alcance do objetivo que é a formação do leitor literário na escola.

Segundo Zilberman (2014, p. 105), o texto literário proporciona aos alunos o amadurecimento intelectual, o reconhecimento de diversos autores e de diferentes épocas, como também dos mais diversos estilos literários, capacita os alunos para que eles, fora da escola, possam reconhecer e entender as mais diversas situações de leituras e textos literários.

Também, em conformidade com Zilberman (2014), o texto literário os instrui para se tornarem sujeitos críticos dos textos que leem, e assim poderem usufruir, da melhor maneira possível, o que ele oferece, capacitando-os às exigências da vida social e promovendo o seu desenvolvimento intelectual e humano.

Assim, a escola deve garantir ações através do professor e do bibliotecário, mediadores da leitura literária, para que os alunos possam ter acesso e oportunidade de conhecimento tanto de mundo quanto das pessoas - ou seja, do outro ser humano que está do outro lado do livro. Também é papel do mediador estimular e dar condições para a formação de leitores, disponibilizando o texto literário na sala de aula e/ou na biblioteca de maneira eficiente e democrática dentro da escola.

Em vista disso, acreditamos que a biblioteca escolar pode ser o local em que o professor e o bibliotecário possam fomentar essas ações de mediação da leitura, aproximando o aluno do livro através de práticas educativas estimulantes. Por isso, em seguida, faremos um histórico narrando sua trajetória no Brasil ao longo dos séculos, sua implantação nas escolas, a conceituação e seus recursos disponíveis.

1.2 HISTÓRIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

As primeiras bibliotecas brasileiras surgiram e foram organizadas pelos jesuítas, que trouxeram os livros para o Brasil no período colonial, objetivando evangelizar, catequizar índios e colonos, como salienta Milanesi (1993). Os jesuítas abasteciam com livros os colégios que fundaram em diversas partes da colônia, no entanto, em número insuficiente para atender a todos. Enquanto os jesuítas solicitavam mais livros e novos exemplares não chegavam de Portugal, os padres nas escolas copiavam as cartilhas para atender aos mestres e estudantes. Estas bibliotecas podiam ser consultadas por qualquer pessoa, não só por alunos e mestres, desde que fizessem o pedido aos padres de forma competente, como descrito por Moraes (2006, p. 9).

Devido à pouca quantidade, os jesuítas solicitaram junto à corte portuguesa o envio de mais livros para a colônia, e assim foram chegando diversos gêneros para continuar a instrução dos colonos e dos índios e o aperfeiçoamento dos mestres, como afirma Moraes (2006, p.7). Com o abastecimento de livros, os jesuítas ao final do século XVI já tinham instalado uma biblioteca em cada um de seus colégios, nas cidades de Salvador, no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, nestas três últimas, em menor escala. Criaram diversas bibliotecas em vários colégios sob sua responsabilidade, sendo que estas foram as maiores e

mais completas. Segundo Silva (2006, p.39), as bibliotecas dos Colégios e conventos dos jesuítas foram as principais instituições formadoras da elite brasileira daquela época, tendo oferecido os mais diversos e atualizados livros.

Neste período, as bibliotecas dos colégios jesuítas também eram enriquecidas com livros adquiridos (além dos recebidos de Portugal e das doações de padres e ricos intelectuais) através da renda obtida com a venda de produtos de suas fazendas e dos remédios de suas farmácias, enfatiza Moraes (2006), e os acervos das bibliotecas destes colégios eram sofisticados, alcançando nível universitário, tanto que foi solicitado por um colégio de Salvador ao “governo de Portugal uma petição no sentido de se equipararem os cursos do colégio aos da universidade de Évora e de Coimbra” (MORAES, 2006, p. 9), o que demonstra o nível e grau de qualidade de seus acervos.

Dentre as bibliotecas criadas, a que merece destaque nesse período é a de Salvador, de acordo com Moraes: “O teto da suntuosa sala é uma das joias da pintura brasileira. [...] Não há dúvida que lembra as esplêndidas salas que os reis e príncipes europeus mandavam construir e decorar para instalar seus livros e seus *cabinets de curiosités*” (2006, p. 8). Esta biblioteca começou de forma modesta, com os livros trazidos de Portugal pelo Padre Manuel da Nóbrega, e chegou até 15.000 volumes - número expressivo para a época – perdurando até o tempo em que os jesuítas foram expulsos do Brasil. Vale ressaltar que desta sala surgiu em 1811, na cidade de Salvador/Bahia, a primeira biblioteca pública do Brasil (MILANESI, 1993, p. 25).

Em 1759, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas do Brasil e confiscou todos os bens da igreja, inclusive as bibliotecas e os acervos, salienta Milanesi (1993). Ainda segundo o autor, após a expulsão e o confisco dos bens da igreja, as bibliotecas e os seus acervos foram quase que totalmente destruídos, sendo que muitos livros foram dilapidados, roubados, vendidos e até mesmo usados como papel para embrulho de mercadorias. Desse modo, muito se perdeu, as poucas obras que restaram foram entregues a um bispo nomeado pelo governo. Alguns livros considerados “proibidos” foram devolvidos a Portugal e o restante deveria ser entregue “à casa do desembargador João Antônio Salter de Mendonça” e para “as casas de algumas pessoas que fossem capazes de os fazerem conservar em limpeza, e darem conta deles” (MORAES, 2006, p. 11).

Com a chegada ao Rio de Janeiro da Família Real e do governo Português em 1808, houve uma grande transformação na situação das bibliotecas no Brasil. De acordo com Silva (2006), graças à liberação da imprensa, esta proibida no Brasil desde o início da colonização, criou-se a Imprensa Régia para a confecção dos documentos do governo, como: cartazes,

sermões, folhetos e outros mais. Milanesi (1993) também destaca a liberação da imprensa e a gradativa confecção de títulos:

Também chegou ao Brasil, nos porões dos navios, a tipografia para a constituição da imprensa Régia. Até aquela data as oficinas tipográficas estavam totalmente vetadas por Lisboa. Depois, sob a tutela da Corte, só em 1808 foram editados 37 títulos e até 1822, 1154. (MILANESI, 1993, p. 29)

A extinção da censura e liberação da imprensa régia para outras impressões - isto porque a impressão era centralizada e monopolizada na cidade do Rio de Janeiro – acarretou no crescimento das publicações e ampliação da leitura pela elite, devido principalmente ao desejo de conhecimento pela política e pela independência do Brasil, como afirma Silva (2006, p.40).

O rei também trouxe de Lisboa a Biblioteca Real, formada por milhares de livros - vários manuscritos e documentos da coroa, tudo acompanhado por cuidadores -, “era uma livraria rica e versátil, [...] era uma esplêndida coleção quase toda suntuosamente encadernada em marroquino vermelho”, referindo-se a ela Moraes (2006, p. 91). Ainda segundo o autor, tal acervo foi instalado primeiramente no Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na cidade do Rio de Janeiro, e a biblioteca inaugurada em 1811. No início, a consulta era permitida apenas aos estudiosos, diante de solicitação prévia; apenas em 1814, foi aberta ao público, que finalmente pôde assim desfrutar de seu acervo de aproximadamente 60.000 volumes. Logo após a Independência, foi anexada ao patrimônio público brasileiro e passou a ser denominada de Biblioteca Nacional.

Até então, a impressão de livros estava sob o controle da Imprensa Régia e, com a independência do Brasil, o país passou por um momento de euforia. A liberdade para realizar impressões de jornais e a implantação de tipografias foram necessárias como mecanismos de divulgação para difundir os ideais nacionalistas deste período, conforme dito por Milanesi (1993, p. 30): “É um novo tempo para o pensamento no Brasil. Abrem-se escolas, criam-se jornais, circulam ideias”. E assim, com a impressão de jornais, também surgem os folhetos e os livros.

Com a chegada de Dom João VI no Brasil, a literatura infantil ganha espaço no currículo escolar objetivando o desenvolvimento da leitura e da escrita, associadas ao desenvolvimento do ensino, e utilizada nas escolas como instrumento de aprendizado, assim afirma Válio (1990, p. 2-3). O autor também destaca que os livros eram traduções de obras estrangeiras ou didáticas. Vale ressaltar que, no entanto, eram poucas as pessoas que tinham acesso à escola, pois o número delas era insuficiente para atender a todos e suprir os anos de

deficiências acumuladas durante o período colonial. De acordo com Milanesi (1993), o índice de analfabetismo era extremamente alto, dificultando o acesso às escolas e, conseqüentemente, aos livros.

Em 1818, surge a literatura infantil genuinamente brasileira, com o “livro de leitura” intitulado *Leitura para os meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre a geografia, cronologia, história de Portugal, e história natural*¹, de José Saturnino da Costa Pereira. A obra obteve sucesso de público, sendo reimpressa três vezes de 1821 a 1824, afirma Moraes (2006). No final do século XIX, é publicada uma obra voltada especificamente ao público infantil, de Alberto Figueiredo Pimentel, *Contos da Carochinha* (1894), que, apesar de ser direcionada ao público infantil, não teve, segundo Válio (1990), o cuidado de ter uma linguagem específica para crianças:

[...] nosso primeiro livro do gênero. Trata-se de uma adaptação de estórias do folclore mundial ou de outras por ele colhidas da tradição oral, em forma interessante, embora sem o necessário cuidado na linguagem, nem sempre perfeitamente adequada aos pequenos a que se destina. A sua acolhida, porém foi extraordinária e as tiragens excederam a cem mil exemplares. (COUTINHO, 1986: 206-7 apud VÁLIO, 1990, p.3):

É oportuno destacar os primeiros livros infantis deste período, pois são estes os principais livros que passam a integrar os acervos das bibliotecas escolares. Assim, foi a partir das publicações anteriormente citadas que foram surgindo e lançados outros livros, destinados ao público escolar.

De acordo com Silva (2011), até os anos de 1870, as poucas bibliotecas escolares existentes - próximas ao modelo que conhecemos hoje -, estavam concentradas em escolas privadas e católicas, ou seja, eram associadas a um conceito religioso, porque só existiam em conventos e escolas religiosas, concepção enraizada no período colonial. A essas bibliotecas somente tinham acesso pessoas com *status* econômico e social privilegiados.

Já as bibliotecas escolares, no formato em que as conhecemos atualmente, surgiram no país com a implantação das escolas normais, sendo a primeira a “Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, nos anos de 1880” e, em 1894, foi inaugurada a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital. A partir dos anos de 1930/40, novas bibliotecas escolares foram criadas, de maneira mais significativa, isto ocorria na medida em que crescia

¹ Na grafia original, com a ortografia da época: *Leitura para os meninos, contendo huma collecção de historias Moraes relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e hum dialogo sobre a geographia, chronologia, história de Portugal, e historia natural.*

o número de ginásios estaduais, conforme salienta Válio (1990), fruto de reformas educacionais que ocorreram na década de 1930. Foi com a reforma proposta por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), chamada de - “Escola Nova” -, que a biblioteca escolar ganhou força e legitimidade na educação brasileira, assim destaca Silva (2011):

No âmbito nacional as reformas do ensino pautadas na Escola Nova, realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino (EGGERT-STEINDEL; FONSECA, 2010, p. 2 apud SILVA, 2011, p. 7).

Outro importante momento para a biblioteca escolar no Brasil aconteceu na década de 1970, nesse período ocorreu a reforma do ensino de 1º e 2º graus, por meio do PREMÉM². Neste programa foi explicitado e aprofundado o papel da biblioteca escolar no ensino. Segundo Polke (1973), os documentos governamentais fazem menção direta à biblioteca escolar:

As instalações para ciência e para biblioteca, a serem colocadas em cada escola são a base para modernização do currículo e do ensino, tanto no que toca às humanidades como às ciências, e servirão de fonte de recursos educacionais a um programa bem equilibrado. (PREMEM, p.8 apud POLKE, 1973, p.5)

É a partir desta reforma que as bibliotecas escolares passam a ser incluídas dentro do plano de ensino escolar. No entanto, este espaço necessitou de programas e de iniciativas do Estado Brasileiro para que se consolidassem no decorrer dos anos, tanto a distribuição de livros às escolas quanto as construções e adequação de bibliotecas, ainda precárias no Brasil até os dias de hoje.

No que se refere à distribuição e socialização de materiais para as bibliotecas escolares, alguns programas e projetos de governo foram implementados ao longo dos últimos anos, o que auxiliou e oficializou a biblioteca no âmbito escolar, tais como a sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), na Lei 12.224 e, mais recentemente, no Projeto de Lei do Senado nº 28, de 2015, que instituiu a política nacional de bibliotecas, sobre os quais discorreremos a seguir.

² O Programa de Expansão e Melhoria do Ensino - PREMÉM - seu objetivo principal foi o de aperfeiçoar o sistema de ensino de primeiro e segundo graus no Brasil, ano de 1972. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=199928>> Acesso em: 08 jun. 2017.

O reconhecimento da biblioteca escolar no Brasil, inserida no ambiente da escola, foi alavancado com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e de sua inclusão em 1997 no PCN de Língua Portuguesa, documento no qual é reconhecida como fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação de leitores competentes. Assim,

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. (BRASIL, 1998, p.71)

Já no Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE de 1997, foi feita uma proposta para implantar, ampliar e atualizar o acervo das bibliotecas de escolas públicas brasileiras, este programa foi efetivado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica – FNDE, em parceria com a Secretaria de Educação Básica do ministério da Educação (SOUZA, 2009), e encontra-se vigente até os dias atuais.

Existem algumas ações legais importantes que foram discutidas e aprovadas nos órgãos legislativos federais, nos últimos anos, e que estão ajudando na implantação, legalização e acesso às bibliotecas. São elas a Lei 12.224 e o PL nº 28 de 2015.

A Lei 12.224, aprovada em 24 de maio de 2010, prevê a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país, atendendo assim a uma reivindicação de bibliotecários e instituições educacionais, que buscam reconhecimento e valorização da biblioteca escolar. De acordo com a lei, as instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, deverão ter uma biblioteca, e será obrigatório um acervo de no mínimo um título por aluno matriculado, obrigando o sistema de ensino a adequar a ampliação do acervo de acordo com a sua realidade, como também será responsável pela guarda, preservação, organização, funcionamento e divulgação da biblioteca, com um prazo máximo de dez anos para a sua plena efetivação (BRASIL, 2010). E deverá estar em pleno funcionamento até maio de 2020, cabendo às instituições de ensino se adequar e colocar em prática o que foi estipulado por ela. Deve-se, no entanto, refletir quanto à condição financeira e estrutural que a maioria das escolas apresenta. Infelizmente, construir espaços para a biblioteca e contratar bibliotecários para todas as escolas é problemático, pois não existem tantos profissionais que possam atender a esta grande demanda e nem recursos financeiros para a construção das bibliotecas. Portanto, esta lei é extremamente válida, apenas não foram observadas as condições para que ela seja aplicada em sua plenitude.

Já o Projeto de Lei do Senado (PL) nº 28 de 2015, do Senador Cristovam Buarque, que institui a Política Nacional de Bibliotecas, ainda se encontra em tramitação no Senado Federal, entretanto o relatório do projeto de lei foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado em 24 de maio de 2017. Neste projeto, o autor faz algumas reflexões relativas às leis já criadas, e que formalizam ou concretizam o papel fundamental dos mais diversos tipos de biblioteca. Desta forma, este projeto propõe a normalização de alguns conceitos de bibliotecas – pública, especializada, escolar, universitária, comunitária, especial e nacional, e seus acervos – além de responsabilidades do Estado para com elas (BRASIL, 2015).

Constatamos, portanto, que ao longo de vários anos a biblioteca escolar passou por diversas situações, desde a sua quase extinção no período colonial até a criação de leis e projetos que buscam a sua valorização e reconhecimento nas últimas décadas. Isso demonstra o desejo de torná-la um local que possa reunir e disponibilizar os mais diversos materiais e os mais variados gêneros textuais, podendo fornecer condições para o desenvolvimento e aprendizagem constante de alunos desde a infância até a universidade, com um acervo rico e atualizado, capaz de responder aos questionamentos dos leitores no decorrer de suas atividades de pesquisa e de leitura. Campello (2008) ressalta ainda que a biblioteca é um ambiente de promoção ao gosto ou prazer à leitura, isto desde que disponibilize acesso aos livros, e que a escola estimule seus alunos a frequentarem seu espaço, colaborando para a estima do ato de ler.

1.3 PRECARIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

As bibliotecas possuem um papel importante na formação e no desenvolvimento humano. No entanto, historicamente, houve dificuldades para serem reconhecidas e inseridas como auxiliar na formação humana, e, neste âmbito, a biblioteca escolar foi a mais negligenciada. Destacaremos aqui situações que dificultam seu desenvolvimento e valorização e as ações governamentais para mudar tal situação.

Nos anos de 1970, a educação brasileira passou por uma mudança profunda, com base na lei nº 5.692 de 1971, que determinava uma reforma no ensino de 1º e 2º graus (por meio do PREMEM, especificado anteriormente).

A lei previa a implantação de novas práticas educativas, que passariam a ter uma estrutura de ensino profissionalizante, imposição da pesquisa escolar, e cabendo às bibliotecas atender a esta demanda educacional. Com a instituição da pesquisa escolar - a partir de 1971-,

criou-se a demanda de milhares de jovens e crianças pelas bibliotecas, pela procura de matérias que suprissem as exigências de informações solicitadas pelos professores em sala de aula (MILANESI, 1993, 2002). Isso levou inúmeros alunos a buscar na biblioteca pública os livros e materiais para responder às pesquisas solicitadas pelos professores, já que nas escolas não existiam ou eram precárias as poucas existentes.

Desse modo, por serem em número insuficiente e pela precariedade das que já existiam, as bibliotecas escolares pouco satisfizeram as necessidades deste público, como afirma Polke (1973, p. 4), cabendo às bibliotecas públicas, melhores equipadas, este papel, ainda que tenham sido concebidas no Brasil para promover a leitura, por resolução do INL³, e não para atender à demanda escolar.

Essa situação persistiu por vários anos. Dado que a biblioteca pública se tornou o único apoio às pesquisas escolares, ela teve que ser adaptada para atender às necessidades dos estudantes, o que ela fez por meio da aquisição de materiais como enciclopédias, principal recurso de pesquisa disponível na época, entre outros. A intenção era atender sobretudo aos alunos das classes sociais menos favorecidas, que não tinham condições de adquirir estas coleções (MILANESI, 1993).

Portanto, a biblioteca pública, que foi concebida para promover a leitura, precisou se adequar às necessidades da escola. E esta grande procura por parte dos alunos foi uma das justificativas para que o Estado investisse na biblioteca pública, adquirindo livros e outros materiais para suprir a demanda escolar. Com isto as bibliotecas escolares foram deixadas de lado, não recebendo nenhum tipo de investimento, seja financeiro, estrutural ou profissional, o que agravou sua condição. É o que confirma Milanesi:

Esta transformação alterou a ideia de biblioteca pública e, através de medidas oficiais, deu esse novo papel a ela. Como seria inviável, na ótica dos administradores, criar bibliotecas escolares e públicas em condições adequadas de funcionamento, pela força das contingências, escolarizou-se a pública. (MILANESI 1993, p.55)

Essa situação de abandono perdurou por anos, e, somente a partir dos anos de 1980, o Estado Brasileiro coloca efetivamente em prática políticas públicas voltadas para o incentivo da leitura nas escolas públicas, e com ações diretas nas bibliotecas escolares e na formação de leitores, dentre estes programas estão:

³ Instituto Nacional do Livro, órgão federal criado em 1937 para implantar a expansão das bibliotecas públicas no Brasil, seu objetivo era que cada município brasileiro possuísse uma biblioteca.

Programa Nacional Sala de Leitura – 1984 a 1987: Foi criado pela fundação de Assistência ao Estudante - FAE e seu trabalho era compor, enviar e repassar recursos para ambientar as salas de leitura. Foram distribuídos livros de literatura para os alunos e professores. Era realizado em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação e com universidades responsáveis pela capacitação dos professores.

Proler – 1992: Em vigência até os dias atuais, foi criado pela Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, e tinha como objetivo possibilitar à comunidade em geral, em diversos segmentos da sociedade civil, o acesso a livros e a outros materiais de leitura. O MEC participava desse programa de forma indireta, com repasse de recursos por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE.

O Pró-leitura na Formação do Professor – 1992 a 1996: Foi criado através de uma parceria entre o MEC e o governo francês. Pretendia atuar na formação de professores leitores para que eles pudessem facilitar a entrada de seus alunos no mundo da leitura e da escrita. Inserido no sistema educacional, o Pró-leitura se propunha a articular os três níveis de ensino, envolvendo em um mesmo programa, alunos e professores do Ensino Fundamental, os professores em formação e os pesquisadores. O programa aspirava estimular a prática leitora na escola pela criação, organização e movimentação das salas de leitura, cantinhos de leitura e bibliotecas escolares.

Programa Nacional Biblioteca do Professor – 1994 a 1997: Criado com o objetivo de dar suporte para a formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, buscava desenvolver duas linhas de ação: a aquisição e distribuição de acervos bibliográficos e a produção e difusão de materiais destinados à capacitação do trabalho docente. Esse programa foi extinto com a instituição do Programa Nacional de Biblioteca da Escola – PNBE pela portaria 652 de 16/09/97. (SOUZA, 2009, p. 144-145)

No entanto, tais ações e programas não obtiveram grande êxito, pois atendiam a quantidades determinadas de escolas. Eram inconstantes, ou seja, não havia garantia de continuidade nos anos seguintes, e dependiam da administração vigente, sendo estes programas continuados ou não, dependendo de orçamento e vontade política, conforme destaca Souza (2009).

Ainda em conformidade com Souza (2009), dentre os programas criados pelo governo Federal, um que ainda se encontra vigente é o PNBE, cujo principal objetivo é atualizar os acervos e democratizar o acesso de professores e alunos das escolas da rede pública brasileira, tanto às mais diversas obras literárias infanto-juvenis como também a materiais de pesquisa e de referência.

De acordo com a resolução nº 07 de março de 2009 que regulamenta o PNBE, determina-se a necessidade de implantação, ampliação e atualização do acervo das bibliotecas escolares de escolas públicas brasileiras, prevendo, para tanto, distribuição de acervos para atenderem à demanda, cuja finalidade é o apoio à prática da educação básica:

Art. 2º Serão distribuídos às escolas acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica, visando:

I - à democratização do acesso às fontes de informação;

- II - ao fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores; e
 - III - ao apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor.
- (BRASIL, 2009)

Conforme salienta Silva (1991), é obrigação do Estado promover a instalação de bibliotecas e de programas que incluam a biblioteca escolar em projetos de incentivo ao hábito da leitura, no entanto, a biblioteca escolar brasileira continuou sendo negligenciada pelas autoridades e muitas vezes até mesmo pelos gestores das escolas, não constituindo objeto de preocupação e valorização de tudo o que ela poderia oferecer, ou seja, como ambiente para vivências de pesquisa, estudos e convivência entre alunos, professores e a comunidade.

O resultado foi terem sido relegadas a uma sala ou espaço qualquer na escola, muitas vezes sendo apenas um espaço decorativo, sem acesso para os leitores. Outra prática lamentável, mas não incomum, era o ambiente da biblioteca ser utilizado como espaço para o castigo ou para a correção dos alunos, como afirma Silva (1991, p. 111): “Por vezes, o espaço da biblioteca escolar vem servir de local de castigo aos alunos indisciplinados, transformando-se em verdadeira sala de tortura ou de inculcação das normas da instituição”, o que levou muitos alunos a sentirem aversão tanto pela biblioteca quanto pelos livros. Infelizmente, esse tipo de situação ainda perdura em algumas bibliotecas escolares.

Outro fator que contribui para a questão da precarização da biblioteca escolar é o não conhecimento de alguns professores e outros profissionais da escola quanto à amplitude de serviços e de opções culturais oferecidos por ela. Seja por este motivo ou pela falta de promoção dos serviços da biblioteca - por meio de ações culturais e de programas de incentivo à leitura, fomentados pelos profissionais da biblioteca -, o que ocorre é que muitos alunos a frequentam apenas para atender às demandas de pesquisas solicitadas pelos professores, como afirma Silva:

Outro problema relacionado com a visita de alunos às bibliotecas diz respeito à elaboração da chamada “pesquisa escolar” [...]. Cópias literais de autores, xerox de páginas de enciclopédias, reproduções superficiais de artigos encontrados em hemerotecas, paráfrases sem contexto etc. Tudo isso aponta para a falta de preparo dos alunos no que tange à busca de conhecimento no espaço das bibliotecas. [...] Desta forma, a biblioteca, em termos de natureza e finalidade, se transforma num espaço onde a reprodução do já dito e a atividade inócua são as tônicas principais. (SILVA, 1991, p.111)

Portanto, para que a pesquisa escolar, no espaço da biblioteca, seja um instrumento de auxílio no aprendizado dos alunos e permita o desenvolvimento, a participação e a

colaboração em grupos, é imprescindível que aconteçam orientações e intervenções por parte do bibliotecário e do professor no momento da seleção do tema e da realização da pesquisa na biblioteca escolar, sendo necessário o entendimento de que a pesquisa escolar é complexa e por isso merece atenção especial. E com a prática de pesquisa na biblioteca, o aluno poderá desenvolver intimidade com este ambiente e se tornar capaz de localizar e selecionar o material existente. Ou seja,

os mediadores devem criar condições para que, ao longo do processo, o aluno fale sobre seu trabalho, utilizando o diálogo como forma de desenvolver idéias. A pesquisa deve constituir, também, uma oportunidade para o estudante aprender a trabalhar em grupo. (CAMPELLO, 2008, p.26).

Tais condições ocorrem quando o professor e o bibliotecário atuam juntos, o professor ao orientar com clareza e objetividade os alunos, determinando o tema das pesquisas e materiais a serem abordados, e o bibliotecário ao disponibilizar material e treinamentos para uso da biblioteca escolar.

Vale ressaltar que a biblioteca escolar possui funções específicas dentro da escola, como dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa - como salientado anteriormente -, favorecer a socialização e compartilhamento de ideias entre alunos, professores e comunidade escolar, e dar apoio pedagógico a professores e alunos. Para Fonseca (2010, p. 53), “a biblioteca escolar tem o objetivo específico de fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores. Ela oferece a infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio”.

Em virtude do exposto, a fim de que a biblioteca possa ser vista e usufruída como um instrumento de apoio ao aprendizado e desenvolvimento no ambiente da escola, é necessário, primeiramente, políticas públicas bem definidas e apoio financeiro voltado para a criação e manutenção de acervo, mobiliário apropriado e espaço adequado, bem como a contratação de pessoal capacitado, ou seja, o bibliotecário. Enfatizamos ainda a necessidade de leis que socializem e disponibilizem o acesso e utilização por parte de todos os alunos à biblioteca escolar e, por fim, é necessária a colaboração e integração entre professores e bibliotecários no momento da elaboração do programa escolar, dos projetos e atividades pedagógicas desenvolvidas ao longo do ano.

Assim, podemos considerar que o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, cujos programas de ensino de Língua Portuguesa contemplam e incluem a biblioteca, oferece essas condições citadas, pois dispõe de uma biblioteca bem estruturada, conta com apoio

técnico e financeiro da Universidade Federal de Goiás para a aquisição de livros, mobiliário e outras necessidades rotineiras, e possui um quadro de funcionários qualificados - técnicos administrativos, pedagogo e bibliotecário. De fato, a equipe da biblioteca participa dos programas escolares, promovendo atividades pedagógicas durante o ano com a participação de professores e a equipe da escola. Por tudo isso, escolhemos a Biblioteca do CEPAE/UFG como lócus desta pesquisa, pois acreditamos que podemos contribuir ainda mais para o seu aperfeiçoamento e promoção.

1.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Conforme afirma Calvino (2007, p. 13), cabe à escola propiciar o primeiro contato dos jovens com o mundo literário, oferecendo certo número de livros para que os alunos os conheçam e, posteriormente, possam eleger os seus preferidos. Já para Silva (2012, p. 108), em suas reflexões na pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil 3*, é a escola o local onde é oferecida a transmissão do conhecimento, tão importante para a formação e desenvolvimento do ser humano, ou seja, é por meio de práticas pedagógicas ou de diversas experiências educacionais, destacando-se dentre elas a leitura, que o saber historicamente produzido pela humanidade é absorvido pelos discentes. Silva afirma ainda que é na infância e na adolescência que se lê mais, ou seja, na fase da educação infantil e da educação básica, em virtude da mediação da leitura literária na escola, feita por professores e bibliotecários.

Isso demonstra a responsabilidade da escola em oferecer os livros e condições de leitura para o jovem no ambiente escolar, dado que muitos alunos, seja por questões financeiras ou culturais, têm acesso a livros somente na escola. E sabemos o quanto a leitura literária é importante e imprescindível para o aprendizado e formação intelectual, cultural e cidadã dos jovens. Martins (1997, p. 25) pontua que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”. Logo, é preciso que seja incentivada na escola, através da colaboração entre profissionais, professores e bibliotecários, pois, ao incentivarem a leitura de forma dinâmica e diferenciada, poderão contribuir para ampliar a compreensão dos alunos acerca tanto das obras literárias como do próprio mundo que está ali representado.

E o espaço mais propício para a promoção do hábito de leitura na escola e consequente formação do jovem leitor literário, segundo Polke (1973), é a biblioteca escolar, pois possui

funções, objetivos concernentes ao ato literário além de oferecer condições para que isso ocorra, seja através da interação entre professor e bibliotecário - realizando atividades que promovam o incentivo a leitura -, seja disponibilizando materiais bibliográficos atualizados e convidativos à leitura. Sendo assim,

Nenhuma outra instituição tem condições melhores para reunir e dinamizar material bibliográfico condizente com as aptidões de leitura das crianças do que a biblioteca escolar: a proximidade da sala de aula, a interação professor-bibliotecário-aluno, as orientações mais atuais do ensino que impõem a criança para a busca-descoberta através de diferentes textos[...]. (POLKE, 1973, p.1)

De fato, o ofício da biblioteca é ser um espaço democrático para a aprendizagem, a transmissão e disseminação do conhecimento. Como afirma Zilberman (2014, p. 197), “sua função básica é a transmissão da herança cultural às novas gerações, de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro”. Assim sendo, a biblioteca deve dispor de um acervo diversificado e de qualidade, serviços dinâmicos e funcionais. Isso será possível se houver critérios definidos no momento da seleção e aquisição de materiais, agilidade no processamento técnico de livros e materiais, agilidade no momento dos empréstimos e atendimento ao usuário, estímulo e criação de projetos que incentivem o hábito e gosto pela leitura, como também deve possuir um espaço, mobiliário e equipamentos adequados para a eficiente formação de alunos, professores e a comunidade escolar (ZILBERMAN, 2014).

Com efeito, para que a biblioteca se torne lugar de promoção e incentivo à leitura, formadora de leitores literários, e local que o aluno tenha o hábito de frequentar, é indispensável, enfatiza Nery (1989), que ela se torne espaço de práticas dinâmicas e criativas - inovadoras - espaço em que se desenvolvam atividades em grupo, tais como: dramatizações; jogos que envolvam livros; leitura/debates e comentários feitos pelos próprios alunos sobre os livros lidos; propaganda por meio de varal e cartazes; teatro de fantoches, quando o aluno poderá encenar uma história lida ou criar outras; entrevistas com autores e personagens dos livros. O cantinho da leitura e a hora do conto, momentos nos quais o professor ou bibliotecário será o contador da história, transmitindo a magia do livro, como afirma Nery (1989, p. 46), “a expressão do contador é que ele oferece o colorido e desperta o interesse, muitas vezes além do próprio enredo”. É importante frisar que todas essas atividades devem ter como ponto de partida o próprio texto literário, para que os alunos apreciem a obra literária em si e vejam por meio dela as mais diversas formas de expressão dos seres humanos, fazendo com que os alunos se tornem mais sensíveis à condição do seu semelhante.

Nesse contexto, a biblioteca escolar deve disponibilizar materiais que retratem a leitura de mundo feita por vários escritores, em diferentes épocas e situações sociais, como também ser completa, e oferecer todo tipo de material informacional, desde os mais modernos até os mais clássicos. Assim, o usuário poderá ter experiência com grandes autores e saber o que pensavam ou sentiam no momento em que produziam as obras. Nesse sentido, Manguel afirma que,

a existência de toda e qualquer biblioteca, mesmo da minha, permite aos leitores uma visão de qual é de fato seu ofício, um ofício que luta contra os rigores do tempo, trazendo fragmentos do passado para o presente. As bibliotecas oferecem aos leitores uma visão de relance, mesmo que secreta ou distante, das mentes de outros seres humanos, e permitem que tenham, por meio das histórias conservadas para seu escrutínio, um certo conhecimento de sua própria condição. Sobretudo, as bibliotecas dizem aos leitores que seu ofício reside no poder de recordar ativamente, ao ensejo de uma página, momentos seletos da experiência humana. (MANGUEL, 2010, p. 34).

Destacamos, portanto, a relevância da biblioteca escolar e sua participação no apoio à aprendizagem no ambiente da escola, seu papel como disseminadora do conhecimento, socialização e disponibilização de materiais. No entanto, ressalta-se aqui que as conquistas que ocorreram no decorrer dos anos são fruto de lutas e de estudos de diversos intelectuais, participação de associações e instituições tanto nacionais quanto internacionais, como também de programas de governo, de leis e projetos que almejam dar visibilidade à questão da biblioteca no ambiente da escola.

Dentre estas iniciativas, estão a Lei nº. 12.244, e os preceitos nas diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar - Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições; Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, órgãos reconhecidos e respeitados internacionalmente. O objetivo dessas entidades foi o de regulamentar o acesso à biblioteca a todos os alunos, bem como o de disponibilizar e facilitar o acesso deles aos mais diversos materiais informacionais oferecidos pela biblioteca escolar.

Cumprindo dar evidência às diretrizes da IFLA/UNESCO, um aprimoramento do Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar. A criação do manifesto ocorreu em 1999, pela IFLA, sendo aprovado pela UNESCO em sua conferência geral de 1999. Este documento salienta a importância da biblioteca escolar na promoção do ensino e da aprendizagem na escola e constitui-se como um dos principais referenciais teóricos sobre a biblioteca escolar. A partir dele foram criados documentos como as diretrizes da IFLA/UNESCO, que aprimoraram o Manifesto, por meio de conferências e discussões de diversos profissionais e peritos da área. No Manifesto, encontram-se os aspectos primordiais

para o bom trabalho e bom andamento das bibliotecas escolares, que vão desde a sua função no ensino-aprendizado da escola, objetivo, pessoal, serviços, mobiliário, dentre outros (para um maior esclarecimento, consultar o anexo; o Manifesto na íntegra encontra-se no ANEXO D).

Em 2010 foi sancionada e publicada pelo governo federal a Lei n. 12.244, prevendo que “as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas” (BRASIL, 2010). Tal lei dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, tendo como prazo máximo para sua efetivação dez anos, cabendo aos sistemas de ensino do país “desenvolverem esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos na lei, seja efetivada” (BRASIL, 2010).

Estabeleceu-se, assim, um grande avanço, pois determina aos gestores das escolas não só um local e condições adequadas para a instalação da biblioteca escolar, como também de profissionais formados na área, para dar suporte de qualidade e fazer com que estes espaços funcionem de fato. A lei ordena que haja uma equipe compromissada e treinada para melhor atender aos usuários que buscam qualquer tipo de demanda informacional.

Conforme afirma Nery (1989), o papel técnico e de suporte pedagógico da biblioteca escolar, seja ele físico ou virtual, é o de reunir coleções de informações de qualquer tipo, sejam elas em papel - como enciclopédias, periódicos, folhetos, livros técnicos e científicos, livros de conhecimentos gerais, dicionários, monografias -, ou digitalizadas e armazenadas em mídias digitais e banco de dados. Ou seja, é necessária a disponibilização, na biblioteca, de diferentes fontes de informações, nos mais diversos suportes, tornando-a espaço de difusão educacional, cultural e informacional, para que assim possa atender aos interesses e necessidades dos usuários.

Para Corte e Bandeira (2011), as bases pedagógicas e de suporte aos programas educacionais dentro da escola ocorrem quando na biblioteca disponibilizam-se vários tipos de materiais e fontes de informação à comunidade escolar, e quando ela é laboratório para os mais diversos tipos de aprendizagem, sendo vista como espaço de participação nos planejamentos da escola, junto aos professores e gestores escolares. Desse modo, a biblioteca escolar contribuirá na formação do aluno, exercendo papel político, social, educativo e cultural, uma vez que objetiva:

Ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos
Colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementem o currículo escolar

Promover e facilitar o intercâmbio de informações
Promover a formação integral do aluno
Tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático
Facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura
Promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais.
(CORTE; BANDEIRA, 2011, p.12)

Ainda de acordo com Corte e Bandeira (2011), o espaço físico da biblioteca deve ser flexível e agradável, e oferecer possibilidades de se transitar livremente, atender ao usuário e ser utilizada de forma dinâmica. Ou seja, um local onde as pessoas sentem-se à vontade de ir e gostariam de estar. A localização precisa ser próxima à passagem de professores e alunos, mas, ao mesmo tempo, é imprescindível que seja um local desprovido de ruídos. Outro fator seria quanto a acessibilidades, não esquecer que a biblioteca tem a obrigação por lei de ser adaptada a pessoas com necessidades especiais.

Para tanto, segundo Corte e Bandeira (2011), seu ambiente deve ser muito bem iluminado, aproveitando ao máximo a claridade natural - tendo-se o cuidado de essa luz não atingir o acervo. Sua dimensão deve ser adequada para acolher o acervo em seus diversos suportes, e adequar-se às diversas coleções em espaços específicos, tais como: área do acervo geral, coleção de referência, coleção de periódicos, coleção infantil, ambientes destinados aos usuários - salas de estudo individuais e em grupos -, balcão de empréstimos, local para consulta e pesquisa de acervos e salas para o pessoal técnico administrativo da biblioteca.

Outro ponto que merece destaque e que está explicitado nas diretrizes da IFLA/UNESCO (2006) para a biblioteca escolar é sobre a participação e colaboração de professores e bibliotecários como mediadores de leitura, ao divulgar e potencializar programas, inserindo a biblioteca nas atividades curriculares da escola por meio de projetos desenvolvidos coletivamente. Com a cooperação desses profissionais, certamente haverá êxito em alcançar-se-á os objetivos de propiciar o desenvolvimento escolar e incentivar nos alunos o gosto pela leitura. Assim, orientam as diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar:

Os professores e os bibliotecários devem trabalhar em conjunto, com a finalidade de:
Desenvolver, instruir e avaliar o aprendizado dos alunos conforme previsto no programa escolar;
Desenvolver e avaliar habilidades no uso e conhecimento da informação pelos alunos;
Desenvolver planos de aula;
Preparar e realizar projetos de trabalho, num ambiente mais amplo de aprendizagem, incluindo a biblioteca;
Preparar e realizar programas de leitura e eventos culturais;
Integrar tecnologias de informação ao programa escolar;

Oferecer esclarecimento aos pais sobre a importância da biblioteca escolar; (IFLA/UNESCO, 2006, p. 13).

Esta cooperação fornecerá aos alunos mais oportunidade de aprendizagem, já que as atividades pedagógicas estarão integradas entre a biblioteca e a sala de aula, e a serviço da comunidade escolar, ou seja, a professores, alunos, colaboradores e pais de alunos, auxiliando-os na demanda por informação e conhecimento. Desse modo, a biblioteca escolar ajudará o aluno, dando-lhe oportunidade de:

Encontrar seu ritmo e buscar na biblioteca os materiais que mais lhes interessem.
 Permitir que ampliem as explicações da sala de aula, de acordo com seus interesses.
 Ensinar a trabalhar com documentos muito diferentes e em todos os suportes.
 Preparar os alunos para utilizar outras bibliotecas
 Preparar para o uso de novas tecnologias, para navegar na internet.
 Compreender o mundo.
 Despertar o gosto pela leitura. (Baró; Maña; Velloso, 2001, PP.16-17 apud SOUZA, 2009, p.117).

E ao professor, o auxiliando:

Para construir o projeto educativo e facilitar aos professores a preparação de materiais docentes.
 Para a formação continuada de professores.
 Para aproveitar melhor os recursos da escola e compartilhá-los.
 Para manter-se informada cotidianamente.
 Para ter acesso mais facilmente a outras bibliotecas, no caso de um sistema integrado em rede. (Baró; Maña; Velloso, 2001, PP.16-17 apud SOUZA, 2009, p.117-118).

Isto posto, a biblioteca no contexto escolar, utilizada como incentivadora da leitura e transmissora do conhecimento científico e humano, será o espaço no qual o aluno aprenderá a gostar de ler, e não apenas o local para guardar e distribuir livros, do castigo ou da disciplina, como muitas vezes é considerada. Conforme destaca Maroto (2009, p. 64): “Seu espaço é utilizado como lugar de punição, de castigo, ou é o espaço onde os alunos vão para copiar verbetes de enciclopédias”. A biblioteca escolar deve ser desfrutada como um ambiente onde o aluno possa expressar seus pensamentos e conhecimento, educar-se, buscar e refletir sobre as informações e conhecimentos que ela oferece. É o espaço onde o aluno será capaz de socializar seus conhecimentos e experiências com colegas e com os profissionais que ali trabalham. Para Campello:

A biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência, para promover experiências criativas de uso de informação. Ao reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia a dia, como profissional e como cidadão. (CAMPELLO, 2008, p.11)

Portanto, seu ambiente deve ser adequado à pesquisa e ao estudo, fornecendo materiais e condições ambientais para isto; à recreação, que objetiva tanto o hábito de frequentar a biblioteca quanto ao incentivo e ao gosto pela leitura; à orientação pessoal ou atendimento individualizado para usuários que necessitem de uma informação específica; e, por último, à colaboração entre educadores - professores e bibliotecários – na elaboração de projetos de trabalhos da escola, e de participação da biblioteca nos planos de aula e realização de programas de leitura e eventos culturais.

1.5 O BIBLIOTECÁRIO DE BIBLIOTECA ESCOLAR

Para que a biblioteca escolar possa ser usufruída e utilizada em sua totalidade, é fundamental que os profissionais que ali trabalham sejam pessoas aptas para tal. Ou seja, profissionais que reconheçam e saibam o quão importante é seu papel na formação dos alunos, e estejam preparados tanto para otimizar a colaboração entre bibliotecários, professores e gestores, quanto para atender com qualidade e rapidez na disponibilização e acesso aos mais diversos recursos que a biblioteca oferece.

O primeiro ponto a ser destacado é sobre a imagem equivocada que se tem do bibliotecário - o de um mero “guardador de livros”, um almoxarife, ou “fiscal” das bibliotecas, como descrito por Silva (1986, p. 67). Esta imagem equivocada se deve ao fato de que os alunos, ao buscarem determinada informação na biblioteca, precisam obedecer a regras inerentes ao funcionamento daquele espaço, por esse motivo, cabe a este profissional manter a ordem para que, ao ser solicitada determinada informação, ele possa atender ao usuário com rapidez, eficiência e qualidade.

Segundo o dicionário *Aurélio*⁴ o bibliotecário é “aquele que superintende uma biblioteca”. No entanto, fazer essa afirmação é genérico, pois o bibliotecário desenvolve diversas atividades, dentre elas a supervisão e gerência de bibliotecas. Já a Classificação Brasileira de Ocupações⁵ do Ministério do Trabalho classifica os profissionais da informação e/ou bibliotecários de forma mais específica, afirmando que eles:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.

⁵ CBO. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/261205-bibliotecario>. Acesso em: 12 de jun. 2017

redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas [...](BRASIL, 2002)

Nos últimos anos, com o advento de novas tecnologias e conseqüentemente modificando os serviços oferecidos pelas bibliotecas, o bibliotecário precisou passar por qualificação, atualização e desenvolvimento profissional para se adequar às novas demandas informacionais exigidas pelas bibliotecas - para organizar, processar, recuperar e disseminar a informação -, o profissional “deve manter-se atualizado com as novas tecnologias, possuir conhecimento sobre os termos específicos de cada área”, conforme ressaltam Corte e Bandeira (2011, p. 124), para assim atuar nos mais diversos tipos de bibliotecas e centros de documentação, e com isso poder oferecer e disponibilizar a informação de forma rápida e eficiente, empregando para o alcance deste objetivo técnicas por ele apreendidas na universidade.

Segundo Silva e Bortolin (2006), os bibliotecários que trabalham em bibliotecas escolares precisam de certas particularidades que os diferem de outros bibliotecários que atuam em outros tipos de bibliotecas, isto porque a sua atuação encontra-se mais próximo da de educadores e pedagogos, pois têm a responsabilidade de auxiliar a escola na execução do Projeto Político-Pedagógico. Portanto, além de possuir conhecimento das diversas técnicas biblioteconômicas apreendidas na universidade e aplicá-las, também deverá elaborar projetos na biblioteca que almejem a promoção e o incentivo à leitura.

De acordo com Milanesi (2002), com a inserção da pesquisa na escola e o dever de que as bibliotecas escolares atendessem à comunidade escolar, houve a “exigência” de que o bibliotecário escolar se adequasse e se capacitasse com saberes tecnológicos e conceituais para atender à demanda de informações. Deve possuir características diferenciadas, como a interação com os membros da comunidade, ser comunicativo, possuir características e conhecimentos gerenciais, dentre outros, já que a sua principal função na escola é auxiliar e fornecer conhecimentos e materiais para o ensino e a aprendizagem dos alunos e também apoio pedagógico à escola. Assim para Milanesi,

Aquele que se volta para atuar nesse campo, intermediando a informação e o processo educacional, deve, necessariamente, compreender muito bem a criança e o adolescente. Sem isso, sem essa dimensão educacional, o responsável pela biblioteca será, apenas, o agente da ordem dos manuais de regras”. (MILANESI, 2002, p.64-65)

Além de ser mais que um bom profissional e um bom leitor, deve ter habilidades e sensibilidade para lidar com crianças e adolescentes. Assim, as principais habilidades que os bibliotecários de bibliotecas escolares precisam desenvolver são as seguintes:

Possuir curso de biblioteconomia, conforme a lei nº4 084/62
 Ser um investigador permanente
 Possuir atitudes gerenciais proativas
 Possuir espírito crítico e bom senso
 Ser participativo, flexível, inovador, criativo
 Facilitar a interação entre os membros da comunidade escolar
 Possuir capacidade gerencial e administrativa
 Possuir capacidade de comunicação e relacionamento interpessoal
 Saber que a informação é imprescindível à formação do aluno
 Dominar as modernas tecnologias da informação
 Estar em constante questionamento
 Estar atualizado na sua área de atuação
 Ter consciência de que o usuário é seu fim último
 Saber que a informação é imprescindível à formação do cidadão
 Reconhecer sua profissão como importante e necessária para a sociedade
 Reconhecer-se como um agente de transformação social
 Ser um leitor crítico, que distingue, no momento da seleção e da indicação do livro, a literatura infantil e juvenil que é de qualidade.
 (CORTE; BANDEIRA, 2011, p.15)

Ressalta-se que este profissional deve, além de executar essas tarefas, participar e desenvolver atividades dentro da escola - seja com sua equipe ou com os professores -, interligando a sala de aula com a biblioteca por meio de projetos e ações criativas que objetivem formar leitores e pesquisadores competentes. Conforme salienta Sousa (2009), este profissional precisa ter uma visão dinamizadora e que almeje transformar a biblioteca em um espaço de práticas de vida cotidiana, tanto no aspecto informativo quanto literário, cultural e ou social de todos aqueles que usufruem do espaço da biblioteca.

Estas ações e projetos criativos, alguns já citados anteriormente, e que, segundo Silva (1986, p. 95), promovem o incentivo ao hábito de leitura, dependem de uma série de atividades, ou seja, a “formação do gosto de leitura depende do conjunto de interação, do circuito educativo em torno dos livros”. Cabe listar algumas dessas atividades, tais como:

Hora do Conto: [...] Um profissional capacitado (contador de história) reúne as crianças em roda, ou da forma que for a mais agradável, sentadas em almofadas, em cadeirinhas, no chão, e vai apresentando cada personagem e sua história. Pode também fazer a dramatização da história que acaba de ser contada.

Sarau literário ou sarau poético: Consiste em ler textos de autores conhecidos ou não e em seguida fazer breve análise sobre o que foi lido, em que contexto o texto foi criado ou produzido, e suas repercussões.

Roda de Leitura: O mediador escolhe determinado texto - crônica, poesia, um artigo, trecho de um romance - e o lê. Após a leitura abre-se espaço para o debate sobre o que foi lido.

Encontro com o escritor: Pressupõe o convite a um escritor, poeta, contista, repentista, jornalista, que falará sobre o seu processo de criação. É interessante que o

bibliotecário ou moderador tenha conhecimento do assunto a ser apresentado para conduzir o debate e incentivar perguntas.

Dia do vídeo: Pelo menos três vezes por ano, reserve um dia para exibição de um filme que tenha sido inspirado em determinado livro. Coloque esse livro à mostra, e fale sobre o autor, o assunto, contextualizando o momento histórico-social e político em que foi escrito.

Feira do Livro: Uma vez por ano incentive os alunos a organizarem uma feira do livro trazendo livros para serem trocados ou vendidos, a preços simbólicos.

Palestras: Convém convidar pessoas da comunidade, que tenham excelentes conhecimentos e facilidade de comunicação, para realizar palestras sobre temas que fazem parte do cotidiano. [...] Procure selecionar e apresentar livros, documentários e artigos que ficarão à disposição dos alunos após as palestras para aprofundamento dos temas.

Exposição: A biblioteca deve estar atenta a datas importantes do calendário cívico, nacional, regional e local e preparar exposições alusivas a cada data.

Grupo teatral: A biblioteca deve apoiar a escola na criação de grupo teatral. Disponibilize material sobre o autor da peça e a peça propriamente dita, cedendo espaço para as leituras e os ensaios. Divulgue a apresentação valorizando o autor e o livro que inspirou a peça.

Os dez mais: Uma boa estratégia de incentivar a leitura é listar e colocar em exposição, com resumo sobre cada um, os livros mais retirados para empréstimo num determinado mês.

Premiação: A biblioteca pode premiar sempre com um livro ou algo relacionado ao hábito de leitura alunos que mais leram no semestre, os que mais compareceram à biblioteca para estudar, os que mais participaram das atividades por ela promovidas e organizadas, etc. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p.127 a 131).

Lembrando que existem outras atividades, além das citadas, que podem ser desenvolvidas no espaço da biblioteca e que dependerão da criatividade dos profissionais que ali trabalham juntamente com o professor. Observamos ainda que, na maioria das atividades, a figura do mediador é de suma importância, pois é ele quem irá dinamizar todas essas ações. Assim sendo, logo abaixo faremos uma explanação sobre este agente mediador na formação de leitores.

1.6 O BIBLIOTECÁRIO COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Dentre as várias práticas escolares, considera-se a mediação da leitura e o incentivo à leitura literária em particular, ações de extrema importância para formação intelectual e humanística do aluno. De acordo com Silva e Bortolin (2006), a mediação de leitura na escola abrange diversos conhecimentos para que seja bem-sucedida, dentre alguns deles estão: o conhecimento das obras a serem indicadas e trabalhadas em sala de aula, do gênero, do processo de ensino e do projeto educativo da escola. De fato, a mediação deve ser planejada por quem irá desenvolvê-la levando em consideração as concepções de leitura e de práticas pedagógicas, o espaço ou local onde será desenvolvida a leitura. Isto é, a biblioteca escolar.

Todas estas particularidades devem ser observadas pela pessoa que fará a mediação de leitura: o professor e/ou bibliotecário escolar. Mediação, segundo Silva e Bortolin (2006, p. 56), “é a ação que ocorre entre dois elementos no intuito de provocar uma intervenção”. O mediador de leitura é alguém que tem familiaridade com os livros, tem a leitura como hábito e experiência de vida, pois será ele quem irá apresentar este mundo ao leitor.

Para que haja a formação de leitores literários na biblioteca escolar, é necessária a mediação. Primeiramente, os profissionais que almejam alcançar este objetivo devem fazer uma prévia seleção de obras, e dentre os critérios para isto encontra-se: “qualidade literária do texto, das imagens (...) e do objeto material no qual estes se apresentam, valor moral contido na história, opinião dos leitores e o lugar da aprendizagem” (SOUZA, 2009, p. 53). Para isso, é necessário conhecerem o texto literário, ou seja, ler os livros e, por último, apresentar os livros aos alunos ou leitores em formação - é importante que, além de apresentar o livro, o professor ou bibliotecário também leia com eles, pois são estas ações prévias que irão estimular os alunos a buscar e desejar estes livros, como afirma Colomer:

‘Estímulo’, ‘Intervenção’, ‘mediação’, ‘familiarização’ ou ‘animação’ são termos associados constantemente à leitura no âmbito escolar, bibliotecário ou de outras instituições públicas e que se repetem sem cessar nos discursos educativos. Todos esses termos se referem à intervenção dos adultos encarregados de “apresentar” os livros às crianças (2007, p. 102).

Em geral, leitores entram no universo dos textos literários através de um mediador, comumente um familiar, um professor ou um bibliotecário. No ambiente escolar, o bibliotecário e o professor exercem esta função, pois são como um elo que liga os alunos às obras, estimulando e apresentando diferentes gêneros literários, com o objetivo de que estes jovens apreciem e tornem a leitura um hábito permanente ao longo de suas vidas. Para Barbosa:

São muitas as histórias daqueles que, embora tenham vivido parte da vida longe dos livros, atestem que tudo começa com a mediação, com o encontro com o livro mediado por uma voz, uma entonação, uma indicação e, sobretudo, como uma clara orientação acerca de como ir ao texto, de como olhá-lo como espaço de interlocução, de diálogos com outros textos. A mediação começa com uma disponibilidade para a hospitalidade – esta entendida como o ato de acolher aquele que chega e dar-lhe lugar e condições para que, após essa chegada, possa prosseguir com força e vigor a sua própria caminhada. (BARBOSA, 2013, p.11)

Reforçamos a necessidade de que os profissionais da escola, professor e bibliotecário, trabalhem em conjunto em projetos ligados à biblioteca, visando à formação de leitores, tornando-se mediadores de leitura, instruídos e capazes de proporcionar práticas e eventos que

promovam a leitura, e cujo sentido é o de formar novos leitores, e manter os já leitores em atividades mais constantes e diversificadas de leitura.

Destaca-se que estes profissionais precisam ter a prática da leitura como algo indispensável em seu cotidiano, assim como diz Barbosa (2013, p. 46): “Ser mediador de leitura na escola é ser leitor, ser capaz de enriquecer o contato do leitor iniciante, pela oferta de outros textos com os quais cotejar o que se leu e como se leu o que se leu.” Segundo a autora, somente aqueles que têm afinidade e prática cotidiana com o texto literário poderão formar novos leitores, tendo o conhecimento de diversos textos nos mais variados formatos e gêneros literários.

Cabe ao professor estimular seus alunos a buscar na biblioteca informações que complementem o que foi visto em sala de aula, além de participar com o bibliotecário escolar na seleção dos recursos informacionais que irão enriquecer o acervo bibliográfico. Deve haver, portanto, a colaboração entre estes profissionais para que haja o incitamento à frequência e hábito dos alunos a frequentar a biblioteca escolar, propiciando o gosto pela leitura e o desenvolvimento cultural, intelectual e crítico, como bem afirmam Corte e Bandeira (2011), assim a biblioteca deve promover a

- Criação e desenvolvimento do hábito de utilizar informações tanto na escola quanto fora dela,
- Criação e desenvolvimento do hábito de buscar informações para fundamentar trabalhos escolares e tomar decisões na vida adulta,
- Gosto pela leitura como forma de lazer e enriquecimento cultural,
- Criação do hábito de usar a biblioteca, o que o ajudará em diferentes situações de sua vida,
- Desenvolvimento da consciência crítica,
- Motivação para busca permanente do aperfeiçoamento intelectual. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p.12)

O bibliotecário deve ser um agente ativo de leitura, cabendo a ele ser leitor e servir como exemplo de leitor a ser seguido, disponibilizar materiais de leitura de diferentes gêneros literários aos usuários da biblioteca. Silva (1995, p. 76) afirma que “a tarefa de orientar o aluno na utilização da biblioteca, e principalmente, a de despertar nele o gosto e o hábito de leitura são as atribuições mais reveladoras da natureza educativa do trabalho biblioteconômico na escola”. Desse modo, logo a seguir será explicitado o desenvolvimento de uma atividade pedagógica no CEPAE cujo intuito foi o de contribuir para a formação do leitor do gênero dramático, pouco abordado nas escolas, de acordo com Coenga (2012). No entanto, faremos primeiro uma abordagem das principais características deste gênero, iniciando pelo teatro, que é tão importante para a formação e o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

2 O TEATRO

É significativo, neste momento, entendermos alguns conceitos sobre o teatro, como surgiu e algumas de suas principais particularidades. Isso porque o texto teatral é o tema a ser apresentado e lido com os alunos nessa pesquisa, por isso, é preciso conhecermos sobre ele e assim estarmos fundamentados teoricamente para a execução deste projeto.

Ao refletirmos sobre o teatro, faz-se necessária uma reflexão sobre o conceito de *mimesis*, que significa, segundo Aristóteles (1993), “imitação”, ou seja, uma representação de algo real. Para Hubert (2013), o conceito de arte mimética supõe a existência de dois objetos, que são o modelo - o que é real - e o objeto criado, embora este objeto nunca seja uma cópia do real, mas se transfigura em uma forma de imitação ideal, o que lhe dá um tipo de eternidade. E, quando aplicado à literatura, e mais especificamente ao teatro, a *mimesis* atinge seu ápice, pois coloca no fictício a imitação em cena como se fosse real.

Para a representação da peça teatral, de acordo com Hubert (2013, p. 15), as artes miméticas dividem-se em três perguntas, são elas: com que se representa? Os meios, ou seja, a forma, os instrumentos utilizados, os materiais empregados pelos artistas, ou seja, tudo aquilo a que o ator dramático recorre, como música, canto, gestos, etc. O que se representa? Os objetos podem ser outros homens ou outros objetos, como um animal ou uma paisagem. E, por fim, como se representa? Seria o modo de representação em si.

Aristóteles, ao construir a definição do teatro, utiliza essas três perguntas. Conforme salienta Hubert, (2013), para Aristóteles, toda tragédia comporta necessariamente seis partes, são elas: a história, os caracteres, a expressão, o pensamento, o espetáculo e o canto. A história, os caracteres e o pensamento são considerados os objetos de representação, entram na estrutura da peça. O modo de representação é a organização do espetáculo. A expressão e a composição do canto são os meios de representação e abrangem o trabalho rítmico e versificação da peça teatral. Assim,

É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o “terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”. (ARISTÓTELES, 1993, p.37)

Neste conceito de tragédia, duas características essenciais podem ser observadas: são a nobreza da ação e os sentidos que produzem no espectador através das emoções - a piedade e o temor - provocadas pelo espetáculo teatral, denominadas de *catarse*. Hubert (2013) afirma

que a ação é o ritmo da peça, e no decorrer dela, através das cenas de destruição, ferimentos e dores, estas causam sentimentos de empatia pelo “herói”, levando o público a se identificar com ele, tomando suas aflições para si, mas mantendo uma distância e um olhar crítico. Essa profunda identificação entre plateia e personagem leva à catarse, que, para Hubert (2013, p. 38), é o “estado de apaziguamento da alma que, libertada da tirania do corpo e seus desejos, se aproxima do Bem”.

Ao espectador caberá também ser um criador, pois deverá construir - a partir de suas vivências e experiências de mundo -, significados e sentimentos acerca do que foi apresentado na peça teatral (FERREIRA, 2012). Com efeito, ao assistir a uma peça, os sentidos do espectador são aflorados de modo semelhante ao que ocorre com o leitor literário, pois, como bem afirma Candido (2004), a literatura também desperta sentidos no leitor, nos emociona, ajuda a compreender as relações humanas, nos aproxima das outras pessoas, humaniza, ou seja, provoca um sentimento de empatia.

2.1 PARTICULARIDADES DO TEXTO TEATRAL

A palavra teatro origina-se do grego *theatron* e significa “ver” ou “assistir”. Sua origem está nas festas de adoração ao deus Dionísio, associado à fertilidade e ao crescimento, conhecido como deus do vinho. Nesses cultos festivos de adoração, eram abordadas questões humanas, feitos heroicos, acontecimentos que demonstravam a influência dos deuses sobre os homens. Assim, durante as representações teatrais, a tragédia enaltecia a virtude e a nobreza do caráter humano, como afirma Cebulski (201-, p. 18).

De acordo com o autor, além da tragédia, outro gênero importante que perdura até hoje é a comédia, que também surgiu a partir das festas e cultos ao deus Dionísio, no entanto, era de cunho popular e, de acordo com Aristóteles, em seu livro *Poética*, acontecia nas cerimônias *fálicas*. Para Cebulski [201-], a palavra comédia deriva de *Komos*, orgias noturnas nas quais os jovens da sociedade ática desfilavam festivamente, saciando sua sede por bebida, dança e amor, em nome do deus. Suas principais características são a sátira aos excessos humanos, às falsidades, mesquinhas e tinha como propósito provocar o riso.

Para Filipouski (2009), a palavra drama refere-se à ação, e implica o personagem em um determinado tempo e um determinado espaço onde as práticas sociais são representadas e o texto teatral apresenta simultaneamente duas situações, uma principal, que constitui a fala dos personagens, e outra que aparece em itálico, que são indicações de cenário e posição dos atores e demais circunstâncias pertinentes, estas informações não são proferidas pelos

personagens da peça. Ainda conforme o autor, o texto teatral já apresenta ao leitor a cena no espaço e no tempo, enquadrando e fornecendo indicações sobre o estado de espírito e sentimentos dos personagens, o que permite ao leitor acesso a dois textos: o escrito literalmente, e o encenado, através do espetáculo teatral. E se caracteriza por uma ligação com o cotidiano das pessoas, por que reflete os problemas, os sentimentos e as ações que afetam os seres humanos.

De acordo com Flory (2010), no teatro, o espectador compreende os personagens em movimento, emancipados de um narrador, dando a impressão para o espectador de que a obra se narra sozinha. Esta característica do gênero dramático é intensificada quando o texto teatral está no formato de livro. De fato, Filipouski (2009) destaca que neste suporte a figura do narrador não existe, a ação do texto desenvolve-se por meio dos diálogos, pois exige que o leitor preencha com sua imaginação as lacunas deixadas por esta ausência.

Quanto ao tempo, Flory (2010, p. 21) afirma que é um “presente que se desdobra em futuro, isto devido ao diálogo entre os personagens”, que se configura na base para o conflito entre eles no gênero dramático. Segundo o autor, neste gênero, não há conexão com o contexto histórico, pois não existe um autor ou narrador que nos remeta a uma situação exterior à peça, como ocorre em outros gêneros literários. A consequência disso seria o ilusionismo, “sem qualquer espécie de vínculo com as condições sociais e culturais em que se insere” (FLORY, 2010, p. 21). Considera-se problemático, no entanto, conceber que exista algum gênero que prescindia do seu contexto histórico e social, mesmo que no teatro este seja relativizado.

Outra questão corresponde à sintonia entre o sujeito (aquele que fala) e o objeto (aquilo do que se fala). Flory (2010) salienta que ocorre a eliminação do espaço existente entre o sujeito e o objeto, em virtude da inexistência de um narrador a mediar o texto para o leitor, desse modo o mundo, as ações, os homens são apresentados diretamente. Existem ainda outras particularidades do texto teatral, como as indicações do cenário, denominadas de rubricas ou didascálias, referentes à maneira como o cenário é construído, o propósito e a forma com que os personagens falarão durante as cenas, ou seja, a entoação das vozes durante a apresentação. Flory (2010) também enfatiza que, no teatro, o espaço apresenta-se por meio de recomendações técnicas, contidas nas cenas, mas que se encontram fora do próprio texto, e cuja finalidade é situar o leitor na peça. Além disso, há a sequência das ações para o clímax, e por fim uma concentração das ações cujo objetivo é a solução dos impasses e conflitos, isso se deve ao tempo de duração do espetáculo teatral não poder ter mais que algumas horas.

Por ser nosso foco de trabalho o texto dramático na escola, é pertinente conhecermos qual o histórico deste gênero nas escolas brasileiras e como ele está sendo abordado, assim fizemos uma breve contextualização dessa situação nas escolas do Brasil e quais os benefícios de se ofertá-lo aos alunos.

2.2 O TEATRO NAS ESCOLAS ESTRANGEIRAS E BRASILEIRAS

Segundo Tavares (2004), em 1900, John Dewey publicou o *Educational Principles*, no qual apresenta a teoria do “aprender fazendo”, que passou a orientar o ensino em várias escolas experimentais americanas e se realiza com dramatizações livres. Tal método foi (e ainda é) utilizado nas escolas americanas como instrumento de ensino de diferentes disciplinas, dentre elas a literatura, as línguas, os estudos sociais, colaborando com o desenvolvimento comunicativo e oral dos alunos.

Neste mesmo período na Europa, criou-se no interior das companhias de teatro infantil um trabalho com crianças, estimulando-as à interpretação. Na França e Londres, Léon Chancerel desenvolveu trabalhos de interpretação semelhantes com os escoteiros. A proposta deste pesquisador influenciou gradativamente educadores, diretores e atores de teatro, originando uma relação entre a educação e a arte teatral nestes países.

Tavares (2004) salienta ainda que o teatro na França foi palco de grandes mudanças no século XIX e início do XX, em razão da influência de diretores que revolucionaram a arte teatral, como Piscator, Meyerhold, Stanislavski, Brecht, Grotowski. Mas foi no “movimento de Educação popular na França” que o teatro encontrou ambiente favorável para o desenvolvimento de uma proposta metodológica de ensino do jogo teatral, e passou a ser adotado na educação de crianças e jovens em todo país. Depois de várias experiências, institucionalizou-se o ensino do teatro nos Liceus parisienses, por meio da parceria entre professores de língua e literatura francesa, atores e profissionais das companhias de teatro. Tal trabalho colaborativo, entre educadores e artistas de teatro, envolve todos na reflexão e na prática do trabalho teatral.

O estudioso Peter Slade defendia que o jogo dramático infantil é “uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade *inventada* por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos” (SLADE, 1978, p. 17), deveria ser um instrumento pedagógico, ou seja, ser uma disciplina na escola, com suas particularidades, pois proporciona o desenvolvimento comunicativo dos alunos. Assim, por influência das ideias de Slade, a partir dos anos de 1950, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, o sistema de ensino passou a oferecer este

método - as atividades dramáticas - como disciplina curricular e em apoio às mais diversas disciplinas escolares (TAVARES, 2004).

Já no Brasil, desde o início de sua história, especificamente no período colonial, o desenvolvimento cultural esteve totalmente ligado aos interesses de Portugal e todo e qualquer ideário iluminista que chegasse da Europa era proibido pelas autoridades, como as publicações de livros e as artes. De acordo com Paranaguá (2004), o ensino artístico deu-se, oficialmente, a partir de 1816, com a criação da Escola de Ciências, Artes e Ofícios e da Academia Imperial de Belas-Artes, as duas na cidade do Rio de Janeiro. Em 1823, com a Proclamação da Independência e a instalação da Assembleia Constituinte, ocorreu um debate sobre a questão educacional, reivindicando-se melhorias na área da educação. Contudo, foram inaugurados e reformulados cursos superiores em áreas que atendiam tão somente aos interesses imediatos da corte - direito, medicina, belas-artes e engenharia militar - e deixavam de lado as necessidades educacionais da maioria da população, carente de um sistema de ensino nacional e unificado.

O Colégio Pedro II foi criado para ser padrão de organização escolar, contemplando conteúdos da área de artes, dentre elas a retórica e a poética - ligadas ao ramo teatral -, no entanto, foi ignorada a leitura de peças dramáticas em público, mesmo estando em voga as peças de Martins Pena, Gonçalves Dias e João Caetano, responsáveis pela modernização do teatro nacional. Conforme Paranaguá (2004), a revolução cênica que marcou a virada do século XIX na Europa trouxe propostas novas de natureza estética e técnica, a arte dramática e a performance do autor, tornando o fazer teatral complexo e exigindo um estudo. Essa teoria repercutiu no Brasil e, com isso, houve a abertura de escolas e conservatórios teatrais em meados do século XX.

Paranaguá (2014) salienta que a inserção dessa área de conhecimento na escola básica se deu em função de datas comemorativas, cívicas ou outras solenidades. No entanto, na prática escolar, o teatro e as outras formas artísticas tiveram maior valorização com a Escola Nova (1940), que pregava o pensamento nacionalista e a expansão da escolarização. O autor destaca que, em 1948, o artista plástico Augusto Rodrigues foi o precursor das “Escolinhas de Artes” e do conceito de educação através da arte, inicialmente no Rio de Janeiro e expandindo-se depois a outras cidades. Tais escolas voltavam-se para o ensino informal e depois tornavam-se centros de formação de professores. De fato, as influências teóricas no campo do teatro-educação vieram de países de cultura anglo-saxônica e difundiram-se em torno do jogo dramático infantil, utilizado no método de ensino, colaborando para a livre-expressão e configurando-se como um dos fundamentos para o movimento de educação pela

arte. Assim, o ensino do teatro se utilizava da abordagem espontânea, com conteúdos voltados à dramatização de fundo psicológico, e não só como complemento de outras disciplinas do currículo escolar.

Em 1971, ocorre no Brasil a educação tecnicista importada dos Estados Unidos. E, por influência desta linha de abordagem, implantou-se em algumas escolas brasileiras o ensino de educação artística com objetivos meramente instrumentais, fundamentado em técnicas ou tarefas e atividades artísticas, o que gerou diversas críticas (PARANAGUÀ, 2004). E apesar das críticas à educação oficial e à política da ditadura, houve a inserção no currículo escolar de uma disciplina com conteúdo adjetivado - a educação artística -, que englobava todas as áreas da arte como a música, teatro, dança, sem um aprofundamento de cada uma delas. Este modelo de ensino ainda vigora e foi criticado no Parâmetro Curricular Nacional – Arte, de 1998.

De maneira geral, entre os anos 70 e 80 os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística viram-se responsabilizados por educar os alunos (em escolas de ensino fundamental) em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em arte. Com isso, inúmeros professores tentaram assimilar e integrar as várias modalidades artísticas, na ilusão de que as dominariam em seu conjunto. Essa tendência implicou a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que o ensino das linguagens artísticas poderia ser reduzido a propostas de atividades variadas que combinassem Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança, sem aprofundamento dos saberes referentes a cada uma delas. (BRASIL, 1998b, p.27)

Para Paranaguá (2004), houve o improviso de professores para se adequarem ao ensino dessas disciplinas, voltando-se mais para o sentido pedagógico de técnicas e materiais didáticos, com desprezo ao conhecimento e às linguagens das artes que colaboram para uma educação de qualidade e contribuem para a cidadania. Ainda que tenha sido alvo de críticas ao longo das últimas décadas, os cursos de licenciatura em Educação Artística expandiram-se com a reforma universitária de 1968, formando bacharéis, e as licenciaturas em teatro. Fato que levou o ensino do drama a todo o Brasil, seja na escola básica ou na educação informal e atividades culturais.

Legalmente, o processo de inserção do ensino da arte nas escolas básicas do Brasil se deu através da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (1996) e de legislações decorrentes. Desde então, o ensino de artes tornou-se obrigatório no currículo escolar, sendo ministrado em quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro.

2.3 O TEXTO TEATRAL NA ESCOLA

O ensino do teatro passou por diversas situações até chegar a fazer parte dos currículos das escolas brasileiras. De fato, o texto teatral ainda hoje sofre resistências para ser inserido nos projetos e trabalhos escolares, seja pela falta de professores ou até mesmo por desinteresse dos docentes, que não se sentem preparados para fazê-lo, em razão da formação acadêmica que receberam.

No entanto, entendemos que é no ambiente escolar o local mais adequado a serem trabalhados os mais diversos gêneros literários e cabe tanto ao professor quanto ao bibliotecário fornecerem acesso a esta modalidade de leitura. À escola compete oferecer estrutura que possibilite o acesso a este tipo de gênero textual, seja por meio de acervos atualizados e bibliotecas estruturadas, seja por meio de práticas educativas que envolvam a leitura e oferecendo salas de leitura, como também através de um currículo que privilegie a leitura ou acesso a ela. Já o professor, agente no processo do ensino e da aprendizagem, deverá selecionar e disponibilizar os mais diversos formatos de textos, e oferecê-los a seus alunos através de atividades pedagógicas diferenciadas e bem articuladas, cujo objetivo final será acessar as mais diversas formas de expressões culturais e de escritas disponíveis no texto literário (ZILBERMAN; ROSING, 2014).

Dentre os diversos textos literários que podem ser ofertados pela escola e que, conseqüentemente, anseiam fazer do aluno um leitor literário, estão: o poema, os contos, as fábulas, os textos teatrais, e outros mais. E, dentre estes, daremos especial destaque ao texto teatral, pois, segundo Coenga (2012, p. 129), “os jogos teatrais podem figurar como um recurso a mais na formação dos alunos”, ou seja, o próprio texto possibilitará que os alunos percebam situações do cotidiano, aproximando-o de situações da vida real, como também o seu desenvolvimento e interação social. Assim, afirma o PCN de Artes ao dizer que,

a experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambigüidade. [...] O teatro favorece [...] compartilhar descobertas, ideias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização. (BRASIL, 1998b, p.88).

A experiência do teatro na escola leva os alunos a desenvolver a capacidade de interação e desenvolvimento intelectual e social, afirma Coenga (2012, p. 132). O professor, ao trabalhar com diferentes textos literários, incluindo aqui o dramático, poderá proporcionar

diferentes possibilidades de linguagens de aprendizado e desenvolvimento intelectual, como também promover e favorecer o gosto pela leitura. E, por essas razões, acreditamos ser importante oferecer o gênero dramático na escola e mais especificamente na biblioteca. Assim, o texto teatral define-se como sendo um texto escrito ou encenado,

[...] em que os diálogos são os que mais bem imitam as situações reais. Nelas os personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena. Na peça de teatro não existe a figura do narrador, apenas os diálogos e as rubricas, que orientam o leitor ou o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelos personagens e a entonação da voz, por exemplo. A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as características de cada personagem e compreender os conflitos da trama. (COSTA, 2008, p.146)

Conforme ressalta Coenga (2012), ao oferecer o texto teatral, o professor poderá favorecer diversas atividades aos alunos, inclusive a socialização, por meio de uma série de tarefas, tais como: escolher a peça, realizar a leitura silenciosa e dramática de partes da peça para os alunos e com os alunos, explicar as principais características da peça, elencar todas as etapas, dos personagens das cenas, dos atos, observar junto aos alunos a estrutura, a articulação dos atos, cenas, personagens, iluminação, cenários, dentre outros. E ao final poderão até mesmo ensaiar e representar a peça, favorecendo deste modo o gosto pela leitura, especificamente pelo texto dramático.

De acordo com o PCN de língua portuguesa, o texto teatral é um dos gêneros literários de referência básica que precisa ser contemplado no instante da prática da escrita e da leitura de textos no ambiente escolar. Enfatiza ainda que o drama é um dos gêneros “cujo domínio é fundamental à efetiva participação social”, ou seja, ao desenvolvimento intelectual e social através do próprio texto, pois possibilita a interação e participação entre toda a comunidade escolar (BRASIL, 1998a, p. 53).

No entanto, apesar dos numerosos benefícios e vantagens que citamos, o texto teatral tem sido o menos abordado nas escolas, como afirma Coenga (2012, p.123): “não temos o costume de ler peças teatrais em nossas escolas”. Isso ocorre, provavelmente pelo desconhecimento de alguns educadores quanto às inúmeras possibilidades de aprendizado intelectual e social, seja por optarem por contemplar outros gêneros textuais que não o dramático, ou até mesmo por falta de interesse. Quem confirma essa situação é Grazioli (2007), ao dizer que são mais privilegiados em sala de aula outros tipos de gêneros textuais, como o narrativo e o lírico, e menos o dramático. Fato que gera uma impossibilidade de o aluno conhecer, apreciar ou mesmo ter familiaridade com o gênero literário dramático.

Outra perspectiva levantada por Grazioli (2007, p. 16) é que a não disponibilidade de leitura do texto dramático na escola gera duas consequências diretas para os alunos, são elas, primeiro, o distanciamento do leitor do texto dramático impresso, e segundo, o afastamento dele da arte dramática, podendo assim impedi-los de conhecer e interagir com as artes cênicas.

Portanto, observamos que este é um gênero repleto de especificidades e que colabora para o desenvolvimento social e intelectual dos indivíduos, além de ser “uma alternativa metodológica extremamente rica, que contribui para a formação de leitores, amplia o desenvolvimento da expressão e da comunicação e ajuda o aluno a desenvolver suas potencialidades estéticas” (COENGA, 2012, p. 133). E mesmo assim é pouco divulgado nas escolas e nas bibliotecas escolares.

Uma das medidas possíveis para que esta situação mude seria o trabalho interdisciplinar entre Artes e Língua Portuguesa, através da leitura de peças teatrais nas aulas de Artes, ou da encenação de peças teatrais nas aulas de Português, ou seja, uma interação entre essas duas disciplinas. Outra possibilidade seria oferecer o gênero dramático aos alunos por meio de atividades pedagógicas e lúdicas no ambiente da biblioteca escolar, pois acreditamos que dar a chance de conhecer este gênero literário, suas particularidades e estrutura, proporcionará oportunidades para que eles melhorem seu conhecimento e sintam desejo de ler textos teatrais.

2.4 SELEÇÃO DAS OBRAS - ADEQUAÇÃO ENTRE OBRAS E TURMAS

O professor, ao trabalhar com os alunos o texto literário, deve ter o cuidado no momento da seleção e preocupar-se em oferecer textos que os levem ao pensamento crítico, ao desenvolvimento intelectual e à formação de leitores competentes, como salienta o PCN de Língua Portuguesa. É conveniente que o profissional, ao instruir os seus alunos, atente-se para a idade, o tipo de leitura e o material a ser oferecido. Assim, os textos a serem selecionados são aqueles que,

[...] por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998a, p.24)

Quanto aos livros infantis, devem envolver o aluno no momento da leitura, fazendo com que sinta o desejo de conhecer o enredo e o destino dos personagens, e assim, compreendendo o que lê, tenha também uma grande chance de desenvolver o hábito de

leitura. De acordo com Bamberger (1977), existem diversas fases de leitura e variam conforme a idade. No entanto, o autor salienta que não existe literatura, ou seja, um título específico para cada idade, mas sim interesses literários.

Dentre esses interesses literários, elencados pelo autor, destacamos cinco fases, são elas: *Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis*, e situa-se entre os dois a seis anos de idade. Nessa fase, a criança se atém mais às gravuras, interessa-se pelos versos infantis, em razão do ritmo e das rimas, gosta dos sons; segundo Bamberger (1977, p. 37), “a criança se interessa menos pela ação do que pelas cenas individuais”.

Ainda de acordo com o autor, a fase seguinte denomina-se *Idade do conto de fadas*, e situa-se entre os cinco e nove anos de idade. Nesta fase, a criança aprecia, sobretudo, os contos de fadas, mas o interesse e o prazer pelas rimas e versos continuam como na fase anterior.

Em seguida, vem a fase de *Idade da história ambiental e idade da leitura “fatural”*, que se situa entre os nove e os doze anos de idade. Nela, a criança orienta-se no mundo concreto e objetivo. É quando surgem as perguntas “Como?”, “Por quê?”, momento em que aflora a curiosidade, apesar de ainda se entusiasmarem pelos contos de fadas e pelas sagas, mas inicia-se aqui o interesse pela aventura (BAMBERGER, 1977).

Além das fases elencadas anteriormente, Bamberger (1977) inclui a fase denominada de *Idade da história de aventura: realismo aventuroso*, sendo esta a “fase de leitura psicológica, orientada para as sensações”, que ocorre entre os doze e os quinze anos de idade, coincidindo com o momento da pré-adolescência, quando a criança vai tomando aos poucos conhecimento de sua personalidade. Os interesses de leitura passam a girar em torno de livros de aventura, romances sensacionais, livros de viagens, histórias ordinárias e até sentimentalismo.

A última fase, denominada de *Os anos de maturidade* ou o “desenvolvimento da esfera lítero-estética da leitura”, acontece entre os quatorze e os dezessete anos. É o momento em que o adolescente descobre seu mundo interior, a crítica, o desenvolvimento de um plano de vida, desenvolvimento de valores. Nessa fase, o jovem busca e avalia a trama, a forma e o conteúdo de seu material de leitura, os interesses de leitura agora giram em torno de aventura de conteúdo intelectual, livros de viagens, romances históricos, biografias, histórias de amor, entre outros.

O público-alvo desta pesquisa é composto por crianças e adolescentes de nove a dez anos e de doze a treze anos, correspondentes às turmas de 5º ano e uma turma de 7º ano do CEPAE/UFG - nessa última não fizemos a intervenção, somente aplicação de um

questionário. Realizamos, portanto, uma programação de leitura para as duas turmas de alunos do 5º ano, através da Sequência Didática para apresentar livros da fase de interesse literário desses alunos, tendo como objetivo mostrar a eles um gênero específico de leitura literária, no caso próprio deste trabalho, o texto dramático.

Esta atividade caracteriza-se como sendo uma programação que tem por objetivo:

[...] dialogar com aquilo que não é familiar aos alunos, a partir do que lhes parece pouco conhecido ou usual, selecionando textos dentro de um critério estético-literário a eles estranho. Programa-se um título, um autor, um estilo, ou mesmo um gênero, no desejo de sugerir, convocar e promover um encontro, aproximando leitores e obras. Nesta situação, o professor ou bibliotecário transforma-se num colaborador dos alunos para o enfrentamento da obra. (SOUZA, 2009, p. 62)

Destacamos que foi a partir dos livros de Souza (2009) e Dolz e Schneuwly (2004) que elaboramos a Sequência Didática (Apêndice - B), a atividade diagnóstica (Apêndice A), cujo intuito é diagnosticar hábitos de leitura e observar qual o grau de conhecimento das turmas relativo ao gênero dramático, essa é a primeira atividade a ser realizada com os alunos.

A sequência didática é a atividade que norteará as rodas de conversa, tendo como propósito abordar o texto literário dramático com alunos do ensino fundamental de primeira fase.

Assim, escolhemos neste projeto trabalhar com a formação de leitores na biblioteca escolar. A motivação é dar oportunidade para que estes alunos adentrem neste gênero literário e usufruam o que ele possa oferecer.

E, ao final, disponibilizar um produto educacional, que possa ser uma sugestão para que professores e bibliotecários possam trabalhar diferentes obras existentes na biblioteca escolar, podendo seguir a sugestão de atividades desta sequência didática desenvolvida com os alunos, e também realizar a promoção da leitura de diferentes gêneros literários, de autores, assuntos ou temas existentes no acervo da biblioteca de sua escola. Assim, foram selecionados quatro livros infanto-juvenis do gênero dramático de autores brasileiros, descritos a seguir.

2.5 APRESENTAÇÃO DOS AUTORES SELECIONADOS

Com a intenção de que haja o aproveitamento e que ocorra a formação de leitores literários do gênero dramático, é necessário que sejam selecionadas obras que possam

enriquecer o conhecimento e a fruição⁶ estética dos alunos. Por esta razão, elencamos três pontos essenciais para que haja sucesso na escolha dos livros.

Em primeiro lugar, devem ser obras escritas e publicadas no Brasil, da literatura brasileira e do gênero dramático. Desse modo, possibilita-se o acesso aos alunos de títulos notadamente reconhecidos no Brasil e no exterior. Segundo, os livros devem ser da literatura infanto-juvenil de autores renomados da literatura brasileira, reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. E terceiro, os livros devem compor e estar disponíveis para empréstimos e consultas no acervo da biblioteca do CEPAE/UFG, a escola campo desta pesquisa. Levando em consideração tais critérios, selecionamos os seguintes títulos: *Curupira*, de Roger Mello; *O fantástico mistério de feiurinha: teatro*, de Pedro Bandeira; *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado; e *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado.

Assim, para a composição do próximo tópico, fizemos uma breve biografia dos autores, um resumo das histórias e reflexões sobre cada uma, utilizando os próprios livros literários e trabalhos acadêmicos, todos eles referenciados ao final do trabalho, como também sites da internet que contêm biografias dos autores, estes em notas de rodapé.

***Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés* - uma divertida história de Ana Maria Machado**

Figura 1 - *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*



Fonte: <https://www.skoob.com.br/hoje-tem-espetaculo-no-pais-dos-prequetés-13561ed14959.html>

Figura 2 - Ana Maria Machado



Fonte: <http://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado>

⁶ **Fruição:** Trata-se do aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias, musicais ou artísticas, de modo geral – bens culturais construídos pelas diferentes linguagens –, depreendendo delas seu valor estético. Aprender a representação simbólica das experiências humanas resulta da fruição de bens culturais. Disponível em: BRASIL. **PCN+ Ensino Médio:** orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2018.

O livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés* é de autoria da escritora brasileira Ana Maria Machado⁷. A autora nasceu no Rio de Janeiro, em 1941, é graduada em Letras pela Universidade do Brasil, hoje UFRJ, e doutora em Linguística e Semiologia pela Universidade Sorbonne, de Paris, França.

Ana Maria Machado é considerada uma das melhores escritoras infanto-juvenis do Brasil, bem-conceituada no Brasil e no exterior. Seu currículo conta com mais de cem histórias para crianças e jovens, dentre as quais podemos citar: *Menina bonita do laço de fita* (1986); *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981); *Mico Maneco* (1988), dentre outros. Também escreveu nove romances e oito ensaios, com destaque para *Esta força estranha* (1996).

Esta grande quantidade de livros e a qualidade de suas obras lhe renderam a medalha Hans Christian Anderson, concedida pela Organização Internacional do Livro para Crianças e jovens em 2000; um dos mais importantes prêmios internacionais para a Literatura infanto-juvenil. Também conquistou vários prêmios aqui no Brasil, destaque para 3 prêmios Jabuti, este considerado o mais importante prêmio para livros brasileiros, concedido pela Câmara Brasileira do Livro; conquistou também o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, e outros prêmios internacionais, como o da Casa de Las Américas, em 1980, em Cuba, e o Príncipe Claus, na Holanda, em 2010; diversas homenagens e menções honrosas, em diversas Instituições, Associações e Congressos pelo Brasil e no exterior.

Foi professora no Brasil, na UFRJ, ministrando aulas de Literatura, como também em faculdades do exterior, entre elas estão a Sorbonne, em Paris, onde ministrou Língua Portuguesa, também fez parte do quadro de professores da Universidade de Berkeley, na Califórnia, EUA.

Considerando as referências de Ana Maria Machado, decidimos incluir um de seus livros dentre os selecionados para a realização desta pesquisa junto com os alunos de 5º ano do CEPAE/UFG. Observando, além dos critérios já citados, os seguintes aspectos: o gênero dramático; quanto à linguagem, deve ser de fácil leitura e compreensão, pois desejamos promover rodas de conversa com os alunos, para que eles possam realizar a discussão das leituras de maneira leve e descontraída.

Depois de pesarmos estas questões, optamos pelo livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, um texto teatral. Sua história inicia-se mostrando ao leitor as divisões da peça

⁷ A vida e a obra de Ana Maria Machada encontra-se em seu site. Disponível em: <<http://www.anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

teatral, o cenário em que irá se desenvolver a cena e especificação de quais serão os personagens. Dentre eles, estão as crianças - Nita, Chico, Lucinha, Zé e Juca -, os bonecos - Pracatá, Prequeté, Priquiti, Procotó e Prucutu - e por fim os trabalhadores – Mané, Zefa, Tião e Antônio.

A história começa com uma turma de crianças brincando de Bento-que-bento-é-o-frade, conhecida popularmente como “O mestre mandou”, são elas: Nita, Chico, Lucinha, Zé e Juca. As brincadeiras acontecem de forma harmônica até o momento em que Nita começa a questionar as regras, e o motivo pelo qual uns têm que mandar e outros obedecer a tudo sem questionar. Após essa sua reflexão, ela deixa de brincar com seus amigos e decide sair pelo mundo. Segundo a personagem, é para “sair por aí para conhecer e ficar sabendo como é que é”. Questionada pelos colegas sobre como irá sobreviver ela diz que viverá como Pedro Malasarte⁸.

E assim sai pelo mundo afora, sozinha, cantando, e logo ouve a voz de um boneco chamado Prequeté. Ele a chama para brincar e conversar. No entanto, logo em seguida, desistem da brincadeira, pois não entram em acordo e decidem conversar. Ele chama seus irmãos Pracatá, Priquiti, Procotó e Prucutu para participarem desse diálogo. Sem demora, resolvem brincar. Desta vez, uma brincadeira sem regras, o que Nita logo percebe que não dará certo, e acaba por reconhecer que é preciso haver regras e discussões de ideias para se chegar a um acordo comum.

Depois disso, ela continua sua caminhada e chega a um local onde acontece um mutirão para a construção de uma casa, e se surpreende ao ver a dinâmica dessa construção realizada por uma turma de vizinhos. Percebe que, na atividade em grupo, prevalece o companheirismo, o trabalho em equipe e a amizade. Então, volta para casa e compartilha com seus amigos todas essas aventuras e tudo o que aprendeu em sua viagem.

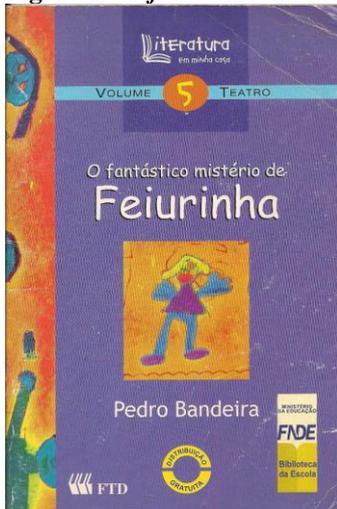
Como se vê, o livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés* nos ofereceu as situações que almejamos proporcionar aos alunos durante a sua leitura e posterior discussão, ou seja, o gênero dramático e a linguagem, pois a autora nos brinda não só com o universo das brincadeiras de crianças, o companheirismo, a inocência da infância, o uso de diversas canções populares como também figuras de linguagem, utilizadas para o divertimento, e pudemos verificar o quanto é criativo o mundo infantil e rica a cultura brasileira.

⁸ Pedro Malasarte é um personagem do folclore brasileiro e está no livro *As Aventuras de Pedro Malasarte* de Júlio Emilio Braz. O livro fala sobre as aventuras de Pedro Malasarte, dono de uma lábia sem igual, que sai pelo mundo em busca de aventura.

Ao final do livro, o leitor é levado a refletir sobre conceitos, como o que é certo e o que é errado, sobre obediência e desobediência, e a convivência entre as pessoas.

O fantástico mistério de feiurinha: teatro - um conto de fadas às avessas do autor Pedro Bandeira

Figura 3 - *O fantástico mistério de feiurinha*



Fonte: <http://clickartuneb.blogspot.com/2010/07/bandeira-pedro-1942-o-fantastico.html>

Figura 4 - Pedro Bandeira



Fonte: https://www.ebiografia.com/pedro_bandeira/

O escritor brasileiro Pedro Bandeira⁹ nasceu em Santos, em 1942, formou-se em Ciências Sociais, e em Psicologia e Educação. Exerceu diversas atividades ligadas à comunicação, como o teatro, a publicidade, a editoração e o jornalismo, e diretor de teatro. Foi professor de Literatura Brasileira e Portuguesa no ensino médio e, devido à experiência, participa de conferências e realiza palestras voltadas a professores.

Em 1962, trabalhou na área de jornalismo e publicidade, na revista *Última Hora*, e logo depois trabalhou na *Editora Abril*, escrevendo para várias revistas e sendo convidado a participar da elaboração de uma coleção de livros infantis. Em 1983, publicou seu primeiro livro, *O dinossauro que fazia au-au*, dirigido exclusivamente para crianças. No entanto, foi com o livro *A droga da obediência*, publicado em 1984, direcionado para o público jovem, que o autor se consagrou.

A partir de 1983, passou a dedicar-se à criação literária para crianças e jovens. Já publicou mais de cem livros, divididos em livros para crianças, jovens e adultos e mais algumas séries voltadas para adolescentes, como as séries *Os Karas*; *Emoções*; *Pequenos e*

⁹ Vida e Obras. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/pedro_bandeira/> e <<http://www.bibliotecapedrobandeira.com.br/biblioteca.php>>. Acesso em 11 dez. 2017.

sabidos; Mistério, suspense e aventura, dentre outras. De suas inúmeras obras, destacamos algumas: *A droga da obediência* (1984), *A droga do amor* (1994), *O fantástico mistério de feiurinha* (1986), *A marca de uma lágrima* (1985), *Agora estou sozinha* (1988), *É proibido miar* (1983) e *Prova de Fogo* (1996).

Pedro Bandeira lançou obras no exterior, e recebeu vários prêmios literários, como o Jabuti, a Medalha de Honra ao Mérito Braz Cubas, da cidade de Santos, em 2012, o APCA, o Adolfo Aizen, considerado "Altamente Recomendável" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

O fantástico mistério de feiurinha: teatro foi escrito no ano de 1986, sendo vencedor do prêmio Jabuti de literatura infantil no mesmo ano. A história gira em torno do desaparecimento de uma princesa chamada Feiurinha e do esforço de outras princesas dos contos de fadas tradicionais, junto com o escritor, para tentar encontrá-la.

Assim é narrada a busca por essa princesa, e de forma divertida é descrita a vida das princesas de Contos de Fadas de histórias tradicionais, como Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida, entre outras, mostrando o que aconteceria a elas após o “Felizes para sempre”, como, por exemplo, o casamento com seus príncipes, os filhos, engordar e envelhecer, enfim o que vem depois do final da história.

A peça acontece em apenas um ato, e se desenvolve em 4 cenários divididos no palco: (1º) o salão do castelo da Dona Branca Encantado, (2º) a casa dos pais de Feiurinha, (3º) o interior da casa das bruxas, (4º) a sala de trabalho do escritor. Os personagens mudam de cenário de acordo com o desenrolar da história. São eles: o escritor; Jerusa; Caio, o Lacaio; Dona Branca Encantado; Dona Cinderela Encantado; Dona Rapunzel Encantado; Dona Bela Adormecida Encantado - como todas se casaram com um Príncipe Encantado, todas têm o mesmo sobrenome e são parentes; Senhorita Chapeuzinho Vermelho; Jerusa; Feiurinha; o Bode Encantado - que depois se transforma no Príncipe; as três bruxas, Ruim, Malvada e Pioranda; Belezinha; o Pai e a Mãe de Feiurinha. E, ao final do livro, há um glossário sobre teatro, para facilitar para o leitor a compreensão de alguns termos utilizados neste universo.

Tudo começa com um escritor em sua sala de trabalho, buscando ideias e inspiração para escrever, quando, de repente, recebe a visita de Caio, o Lacaio, que fora enviado por Dona Branca Encantado – da história da Branca de Neve, que depois de casada com o Príncipe Encantado muda de nome – do País das Fadas. Caio explica ao escritor que esta é uma família muito nobre, conhecida e respeitada, e é quem fornece príncipes para se casarem com as princesas de contos de fadas.

Caio conta ao escritor que a senhora Dona Branca Encantado, junto com as outras princesas, percebeu que a princesa Feiurinha havia desaparecido. Colocando em perigo a existência e a felicidade de todas as outras princesas, pois se uma delas desaparecer – não foi feliz para sempre – as outras poderiam desaparecer. Por isso, foi feita uma reunião entre todas elas, que decidiram por procurarem pela história de Feiurinha nos livros, para ver se assim descobririam seu paradeiro. No entanto, ninguém descobriu quem havia escrito a história de Feiurinha e por isso as princesas optaram por enviar Caio, o laçao à procura de um escritor que soubesse de sua história.

E Caio encontra o escritor, pedindo-lhe ajuda para encontrar Feiurinha. Porém, o escritor diz nunca ter ouvido falar dela, nem de sua história, mesmo assim concorda em ajudar a encontrá-la. Caio, durante o tempo em que espera, decide ajudar Jerusa com os afazeres da casa. Por muito esperarem, as princesas decidem ir ao encontro do escritor e repetem toda a história contada por Caio, enfatizando que Feiurinha é uma princesa e que seu destino é ser feliz para sempre e, se caso não a encontrem, o destino de todas correria perigo. Aí entra em cena Jerusa que pergunta quem são aquelas senhoras lindas. O escritor diz serem suas primas. Ela não acredita e diz que, apesar de estarem mais velhas, são Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel, Cinderela, Bela da Fera e Chapeuzinho Vermelho, o autor confirma e Jerusa volta a seus afazeres.

Apesar de todas as buscas em livros, em cartas enviadas a outros escritores, procurando pela história de Feiurinha, ninguém tinha ouvido falar dela, isso deixa as princesas desesperadas. Em meio a toda essa agitação, surge Jerusa, que escuta o nome Feiurinha e diz que sempre gostou muito dessa história, e que sua avó costumava contá-la para os netos ao pé da lareira. Isso deixa a todos entusiasmados.

Assim, Jerusa senta-se em uma banquetta e começa a contar a história de Feiurinha para as princesas, para Caio e para o Escritor, que, prontamente, toma nota da história contada por ela. Soluciona-se o desaparecimento de Feiurinha, que foi esquecida porque as pessoas não contavam mais sua história. Mas o problema foi resolvido porque o escritor reescreve a história e indaga ao leitor se ele irá ler esta história e defender os personagens, as heroínas, passando para ele a responsabilidade de manter vivos os contos de fadas.

Segundo Magro (2011), o livro mostra a importância de preservar e registrar por meio da escrita a tradição oral para que as histórias não desapareçam, preservando a cultura. Pois, como foi visto, a história de Feiurinha se perdeu por não haver quem a transmitisse a outras gerações. E só a conseguiram resgatar graças a Jerusa, que se lembrou das histórias contadas por sua avó, e dentre elas estava a de Feiurinha.

Outro ponto levantado pelo autor é o “felizes para sempre”, pois leva o leitor a fazer uma reflexão relativa a esta expressão tão utilizada nos contos de fadas. Por fim, a história mostra de uma maneira engraçada e divertida as princesas de contos de fadas, desmistificando o preceito de que todas elas devem ser sempre educadas, jovens, lindas, perfeitas, e assim divertindo o leitor.

***Pluft, o fantasminha*, um clássico do teatro infantil brasileiro de Maria Clara Machado**

Figura 5 - *Pluft, o fantasminha*



Fonte: <https://livralivro.com.br/books/show/417932?recommender=I2I>

Figura 6 - Maria Clara Machado



Fonte: <http://otablado.com.br/maria-clara-machado/vida/>

A escritora e dramaturga brasileira Maria Clara Machado¹⁰ nasceu em 1921, em Belo Horizonte, e faleceu em 2001, no Rio de Janeiro. É filha do escritor e crítico literário Aníbal Machado e, cresceu no convívio com diversos artistas e personalidades, como Pablo Neruda, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, dentre outros. Fato que, juntamente com o convívio com esses diversos artistas em sua juventude, com a experiência como bandeirante e a ligação com a igreja católica a aproximou do teatro.

No entanto, foi trabalhando no Instituto Pestalozzi que começou a escrever peças para o teatrinho de bonecos da instituição.

Em 1950, obteve uma bolsa da Unesco para estudar teatro, balé e mímica em Paris, onde permaneceu por um ano. Ao retornar ao Brasil, fundou O Tablado, a mais famosa escola de teatro do Rio de Janeiro, considerada um centro de referência para a formação de atores

¹⁰ A Vida e a Obra de Maria Clara Machado encontra-se no site O Tablado. Disponível em: < <http://otablado.com.br/maria-clara-machado/vida/>> Acesso em: 05 dez. 2017.

teatrais. De 1964 a 2000, ministrou aulas no Tablado, lecionou improvisação no Conservatório de Teatro, hoje UniRio, a convite de Sadi Cabral, ator dramático.

É considerada pela crítica literária a maior autora do teatro infantil brasileiro. De acordo com Zilberman (2005), Monteiro Lobato deu início à produção narrativa destinada ao público infantil e que Maria Clara Machado foi a precursora do gênero dramático para crianças no Brasil.

Maria Clara escreveu vários livros. Os voltados para o público infantil são 29 peças infantis, com destaque para *Cavalinho Azul* (1959), *A bruxinha que era boa* (1954), *A menina e o vento* (1962), *O rapto das cebolinhas* (1953), *Tribobó city* (1971) e *Pluft, o fantasminha* (1955), este último considerado um clássico da dramaturgia infantil. Escreveu também seis peças para o público adulto, dentre as quais destacam-se *Os Embrulhos* (1969) e *Um tango argentino*, de 1977. Foi diretora e atriz em diversas peças teatrais.

Recebeu o prêmio Molière em 1981, concedido pela Air France, pelos 30 anos do Tablado em 1981; o prêmio Machado de Assis, pela Academia Brasileira de Letras, em 1991, pelo conjunto de sua obra; o prêmio Shell de teatro de 2001, por sua contribuição às artes cênicas; recebeu também o prêmio Mambembe, em 1984, como melhor autora de texto para teatro infantil, com a peça *O Dragão Verde*; em 1987, de melhor espetáculo, com *O Gato de Botas*; o Prêmio Coca-Cola, em 1988, na categoria Hors Concours; e, em 1994, como melhor espetáculo, com *A Coruja Sofia*. Foi reconhecida por meio de trabalhos acadêmicos diversos, com destaque para o livro intitulado *Maria Clara Machado - a vida e a obra - fruto de uma tese acadêmica de autoria da pesquisadora Cláudia Campos Arruda*, em 1998.

A peça *Pluft, o fantasminha* (1955) é considerada um de seus mais importantes trabalhos, cuja primeira encenação aconteceu no mesmo ano. Obteve grande aceitação, além de ter sido encenada em diversas cidades do Brasil e do exterior, seu texto foi traduzido para diversas línguas, como o espanhol, o alemão e o francês. Esta peça rendeu ao Tablado, local de inúmeras encenações, diversos prêmios e homenagens ao longo dos anos.

Pluft, o fantasminha acontece em um ato, e se desenvolve no sótão da casa velha, não havendo divisão de cenas. Os personagens são: Pluft, o fantasma; a menina Maribel; a Mãe fantasma; Gerúndio, o tio de Pluft; Perna de Pau, o marinheiro pirata, e os três marinheiros amigos, Sebastião, Julião e João.

A história se inicia com o sequestro de Maribel, neta do Capitão Bonança, famoso pirata que deixou um tesouro de herança para ela, pelo Pirata Perna de Pau, que a leva para uma casa abandonada na praia e a esconde no sótão. E cabe aos três marinheiros amigos de Maribel, Sebastião, Julião e João, encontrarem-na e a livrarem do malfeitor.

No sótão, encontra-se Pluft, o fantasma, que tem medo de gente, junto com sua mãe, cujo passatempo é fazer tricô e especialista em pastéis de vento e de fofocar ao telefone com a prima bolha e seu tio Gerúndio, um ex-marinheiro do barco do Capitão Bonança, que agora vive de comer pastéis de vento e dormir em um baú.

Pluft questiona sua mãe se gente existe. Ela diz que sim. Ele diz ter medo de gente, ela responde para ele deixar de ter esse medo bobo e ser como o pai quando era vivo, um fantasma muito corajoso. Durante o tempo em que conversam, se aproximam da casa e do sótão o Pirata Perna de Pau junto com Maribel, amarrada em uma cadeira. Os fantasmas se escondem, e assim o pirata começa a procurar pelo sótão o tesouro do Capitão Bonança e a dizer para Maribel que logo que encontrar o tesouro irá se casar com ela e roubar sua herança, no entanto, por estar muito escuro no local, o pirata decide sair e buscar uma lanterna.

Pluft fica à espreita, observando Maribel, e assim que ela o vê, desmaia. Logo que acorda, os dois ficam a se observar, no início com medo, mas depois de muito conversarem acabam se tornando amigos. Pluft decide ser corajoso e salvá-la, mas, assim que Perna de Pau retorna, toda a sua coragem desaparece, o que deixa sua mãe desapontada. Então, o pirata retorna com três velas para continuar a procurar o tesouro. Porém, Pluft e seu tio Gerúndio apagam as velas, assustando o pirata, que puxa Maribel para fora e deixa Pluft desesperado para salvar sua amiga. Ele pede ajuda a seu primo Xisto, fantasma de avião, para encontrar o tesouro e a prima Bolha, pois ela trabalha na polícia secretíssima.

E assim, durante essa conversa e agitação, surgem os três marinheiros: Sebastião, Julião e João que, ao verem o fantasma, entram em desespero, correm, gritam e, ao final, acabam desmaiando de medo. Ao acordarem encontram o baú e decidem olhar o que tem dentro, mas ao verem se tratar de outro fantasma - Tio Gerúndio -, fogem desesperados da casa. Pluft então convence seu Tio Gerúndio e o primo Xisto a salvarem Maribel, e contam com a ajuda do batalhão de marinheiros-fantasmas. Logo em seguida, o pirata Perna de Pau retorna com a menina Maribel ao sótão e continua sua procura pelo tesouro, que descobre no baú, mas não encontra a chave para abri-lo.

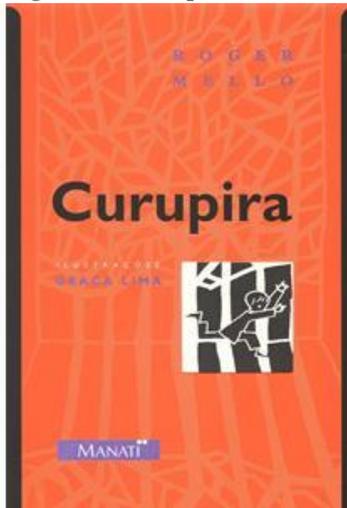
Neste mesmo momento, chegam os três marinheiros, eles estão agora com uma rede, e dão uma surra em Perna de Pau, exigindo-lhe que liberte Maribel. De repente, todos ouvem o som das cornetas dos marinheiros-fantasmas e ficam a tremer de medo e todos desmaiam. Ao acordarem, veem Pluft abrir o tesouro, e nele encontra-se um retrato de Maribel, uma receita de peixe assado e um rosário, mas nada de dinheiro, então tio Gerúndio diz ao pirata Perna de Pau que o dinheiro está no fundo do mar e que os marinheiros fantasmas o levarão até ele, fazendo com que Perna de Pau fuja desesperado. Ao final, Maribel reencontra-se com seus

três amigos e comemoram, humanos e fantasmas, a derrota do pirata malvado e a amizade que surgiu entre eles.

O livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, é um primoroso texto dramático. Observa-se nele um encadeamento crescente de ações do início até o momento do clímax, que é a libertação de Maribel e a derrota do pirata Perna de Pau. No texto, podemos observar, principalmente quanto aos dois personagens principais, ação, emoção e medo, mas não o medo covarde, e sim o medo que inquieta o leitor. São situações humanas que conseguem contagiar o leitor ao realizar a sua leitura. Existe o lado cômico, na figura dos atrapalhados amigos de Maribel. E, ao final, vemos que Pluft, depois de toda a luta para salvar sua amiga, consegue superar seu medo e fazer novas amizades. Assim, a autora nos mostra em seu livro o valor da amizade, da solidariedade, da família e que devemos lutar para conseguir superar nossos medos.

Curupira, uma lenda do folclore brasileiro de Roger Mello.

Figura 7 - Curupira



Fonte: <https://www.travessa.com.br/curupira/artigo/8681aa5b-50bf-4cb0-b563-97e68e99fd57>

Figura 8 - Roger Mello



Fonte: <http://rascunho.com.br/simulador-de-memorias-e-futuros/>

O escritor e ilustrador brasileiro Roger Mello¹¹ nasceu em Brasília em 1965. Ele publicou seu primeiro livro infantil *A Flor do lado de lá* em 1990, livro de imagens. Por ser um talentoso ilustrador foi requisitado e ilustrou mais de 100 obras, dentre elas a de autores renomados como Guimarães Rosa, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Roseana Murray, dentre outros.

¹¹ Biografia Disponível em: <<http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=637-roger-mello>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Escreveu e ilustrou cerca de 22 livros infantis. O autor é detentor de diversos prêmios, dentre eles, pelo conjunto de sua obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras e também pela UBE (União Brasileira de Escritores); premiado pela Fundação Nacional do Livro infantil e Juvenil (FNLIJ), com os prêmios Malba Tahan, Luís Jardim e Ofélia Fontes; e também prêmios da Biblioteca Nacional e da Câmara Brasileira do Livro. Em 2002, conquistou o Prêmio Jabuti de Ilustração e melhor livro infantil com a obra *Meninos do mangue* (2001). Como autor teatral, recebeu o Prêmio Coca-Cola de Teatro Infantil com o texto *Uma História do Boto-Vermelho* (1995). Recebeu o prêmio de melhor livro de teatro em 2003 e a menção altamente recomendável concedida pela (FNLIJ) com o livro *Curupira* (2002).

Seus prêmios internacionais foram diversos, e dentre eles o mais importante foi a conquista do Hans Christian Andersen, em 2014, o mais cobiçado da literatura infanto-juvenil. Esta premiação foi o reconhecimento da qualidade e diversidade de suas obras e da ampla divulgação da cultura do Brasil. É constantemente requisitado para participar de feiras e exposições internacionais, pois seus livros abordam temáticas regionalistas, cheios de lendas e folclore da cultura oral brasileira.

A obra infanto-juvenil *Curupira* reconta em forma dramatizada uma lenda do folclore brasileiro. O livro inicia-se com uma apresentação do personagem principal, feita pela autora e pesquisadora Bia Hetzel. Nessa apresentação, ela destaca as características e as peculiaridades de Curupira, um ser encantado que mora nas florestas do Brasil, é muito esperto, debochado e mentiroso, mas utiliza sua lábia e seus poderes para proteger o meio ambiente, enganando qualquer um, seja um caçador ou malfeitor que esteja fazendo algo que prejudique a floresta ou os animais.

O livro é muito bem estruturado, para que o leitor, ao iniciar sua leitura, possa entender todas as divisões do livro e as características do personagem principal, deste modo facilitando o entendimento de toda a obra. *Curupira* é dividido em cenas, e também apresenta uma caixa cênica para demonstrar a estrutura física de apresentação da peça, como também a especificação de cada um dos personagens, que são: Teobaldo, Jeremias, Velho, Papagaio, Velha da Embolada, Menina e Curupira.

O livro foi escrito em 2002. Nele o autor descreve as peripécias de Curupira, personagem do folclore brasileiro, que utiliza de seus poderes para proteger os animais e a floresta brasileira. A história começa com Teobaldo e Jeremias, dois irmãos que ficam em volta de um lampião contando histórias assustadoras durante todas as noites.

Em um dia rotineiro de trabalho, estão os dois, realizando os afazeres da roça, quando Jeremias avista uma cutia e sai em seu encalço. Teobaldo o aconselha a deixá-la ir, e voltarem para casa, pois já passa das sete horas da noite, mas ele não ouve seus conselhos. Logo escurece e Jeremias se perde na floresta. De repente, surge um velho e começa a conversar com ele. Questiona o porquê de ele ter perseguido a cutia e diz que foi o Curupira quem o fez se perder, pois Jeremias estava perseguindo um animal inocente.

Enquanto isso, seu irmão sai a sua procura e encontra a velha da embolada e um papagaio. Ela conversa com Teobaldo sobre as histórias contadas à noite, e diz que as ouve e fala a respeito de uma delas, a da história da mariposa, que ele conta frequentemente para seu irmão. Segundo a velha, esta é uma história verdadeira e a menina existe de verdade. Em seguida Teobaldo encontra a menina e passam a conversar, ele já bem cansado de procurar seu irmão. A menina diz para ele que foi enfeitiçada pela velha e transformada em mariposa, mas rapidamente despedem-se, pois ele precisa continuar a procurar por Jeremias.

Mais tarde Jeremias encontra-se com a velha da embolada, ela está com a camisa de Teobaldo. Ao perceber isto ele a ameaça e começam um jogo de rimas, Jeremias vence, fazendo com que a velha fuja ao ser derrotada. Curupira surge, e começa a dialogar com Jeremias que justifica não querer fazer mal a nenhum dos animais, e por sua vez Curupira diz ser ele o responsável por Jeremias ter se perdido na floresta. Após muito conversarem, eles se entendem e Curupira mostra o caminho para ele voltar para sua casa e se encontrar com seu irmão.

A história mostra uma interação muito grande entre o leitor e o texto, fazendo com que o leitor perceba e sinta como se estivesse visualizando as cenas e os diálogos, sentindo os personagens e toda a ação das cenas. Apresenta o Curupira, uma lenda do folclore brasileiro, de maneira bem simples, fazendo com que o leitor compreenda e entenda as ações do personagem. O autor expressa a preocupação com a preservação da flora e da fauna do Brasil e mostra aos leitores a diversidade que é a cultura e as peculiaridades do povo simples do campo, suas crenças e sua cultura, por meio de seus personagens.

Após descrevermos a vida e as obras destes quatro autores selecionados, fazendo um breve apanhado da vida e de suas principais obras, e dos inúmeros prêmios pela contribuição à literatura infanto-juvenil no Brasil, e o reconhecimento tanto nacional quanto internacional de suas obras, acreditamos que oferecer as quatro obras literárias destes autores aos alunos de 5º ano de CEPAE/UFG irá favorecer e enriquecer culturalmente os alunos, além de introduzi-los no conhecimento deste gênero, estrutura da peça e possibilitando a formação leitora dos alunos.

3 O PLANO DE ATUAÇÃO

A abordagem de pesquisa utilizada neste trabalho é a qualitativa e de natureza etnográfica, seguindo a metodologia da pesquisa-ação. A coleta de dados efetivou-se por intermédio de quatro instrumentos, estes enumerados em seguida. Também utilizamos um diário de campo para os devidos registros dos diálogos sucedidos durante o desenvolvimento do trabalho. Assim, especificaremos quais foram estes caminhos para a realização desta pesquisa, são eles:

- 1º - Atividade Diagnóstica (Apêndice - A);
- 2º - Sequência Didática (Apêndice - B);
- 3º - Rodas de conversa, estas realizadas com duas turmas de alunos do 5º ano;
- 4º - Aplicação de questionários (Início - Apêndice C, e Final - Apêndice D).

Estas atividades elencadas foram desenvolvidas na biblioteca escolar do CEPAE/UFG, na cidade de Goiânia, pela bibliotecária pesquisadora com as duas turmas de 5º ano desta mesma escola. Para efeito de comparação, também fizemos a aplicação de um questionário com uma turma do 7º ano (Apêndice E), mas enfatiza-se que as atividades de intervenção foram desenvolvidas somente com as duas turmas de 5º ano.

Toda a sequência de realização do trabalho com os alunos de 5º ano encontra-se no tópico 3.3.4 - Etapas do plano de atuação. Nele estão especificadas todas as etapas do trabalho, desde a apresentação até o cronograma completo das atividades.

Ressaltamos que, por ser esta uma pesquisa que inclui a participação de seres humanos, solicitamos primeiramente a autorização junto ao comitê de ética da UFG e também autorização dos pais e/ou responsáveis. Destarte, obtivemos tanto a autorização do comitê quanto dos pais dos alunos, e não tivemos nenhum problema quanto a esta questão.

Ao iniciarmos essa reflexão acerca das principais teorias e instrumentos que subsidiarão esta pesquisa, é importante compreendermos qual o conceito de método científico ou metodologia, que é o

conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 65).

A partir desta concepção, realizamos o levantamento bibliográfico com o intuito de embasar teoricamente o trabalho, por meio de informações obtidas em livros, sites,

periódicos, dissertações, teses, artigos de jornais, leis e outros mais, objetivando amparar teoricamente os argumentos e as propostas levantadas.

Assim, é significativo também entender qual o conceito da pesquisa-ação. Conforme salienta Messias (2012, p.27), neste tipo de pesquisa, o pesquisador faz intervenções e tem participação ativa. Este caráter investigativo caracteriza-se por ser uma linha de pesquisa associada à ação do grupo, orientada pelo pesquisador para a resolução de problemas, e cujo desejo é o de alcançar algum tipo de transformação. Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação conceitua-se como sendo:

[...] Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14)

Esta pesquisa, portanto, seguiu os conceitos de pesquisa-ação em que o pesquisador tem um contato direto com o grupo pesquisado, e privilegia o empirismo, como salienta Thiollent (1986, p.9). Considera-se que esta foi uma boa escolha, uma vez que detectou-se, por meio da observação direta dos alunos que frequentam a biblioteca escolar do CEPAE/UFG, pela pesquisadora, que é bibliotecária e trabalhou neste local, que os alunos do ensino fundamental da primeira fase – do primário ao 5º ano – frequentam mais a biblioteca do que os alunos de 2ª fase do 6º ano em diante.

Isto posto, utilizamos como apoio para a realização dessas atividades dois livros que orientam e trazem conceitos para a realização dessas práticas pedagógicas no ambiente da biblioteca escolar. Deste modo, elaboramos e desenvolvemos as práticas educativas amparadas nas metodologias descritas por Dolz e Schneuwly (2004) no livro *Gêneros orais e escritos na escola*; como também de Souza (2009) no livro *Biblioteca Escolar e práticas educativas*. Apesar de consultarmos estes dois livros para desenvolver a Sequência Didática, tomamos como principal referência Souza (2009), pois a autora especifica de maneira bem detalhada as etapas da sequência didática utilizada em uma biblioteca escolar.

Sequência Didática é, segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 97), “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ainda em conformidade com Dolz e Schneuwly (2004, p. 82), um modelo didático possui duas características principais, são elas, primeiro, uma síntese com objetivo prático e definido, cuja finalidade é orientar o professor no momento da prática pedagógica ou intervenção didática. Segundo, demonstrar ao professor opções de abordagens possíveis, e

com esta base teórica poder criar outras sequências didáticas viáveis de serem aplicadas em sala de aula.

De acordo com Souza (2009), a Sequência Didática adotada em uma biblioteca escolar deve iniciar-se com a *delimitação do tema*, depois define-se o *público-alvo*, a *previsão de tempo*, a duração das atividades a serem desenvolvidas, como também os *objetivos* a serem alcançados. Em seguida, deve-se observar qual será a *metodologia* utilizada. Neste caso, podem ser: rodas de conversa, roda literária, atividades de escrita e ilustração, entre outras.

Destacamos que é preciso observar três situações no momento da execução da metodologia selecionada. A primeira, de acordo com Souza (2009), é, antes de começar a falar sobre o livro selecionado e cuja leitura já se pediu, apresentar o autor, falar sobre a capa, sobre o ilustrador e ilustrações, ou seja, dar informações gerais sobre a obra. Após esse momento, realizar o empréstimo. Segundo, durante a conversa sobre o livro já lido, organizar a turma, observar comentários de alunos, professores e bibliotecário a respeito dele, ressaltar comentários acerca de passagens da narrativa que lembram outras. Terceiro, ao final da conversa, a autora destaca que é interessante saber dos alunos o que mais gostaram da história, o que mais lhes chamou a atenção, falar sobre os personagens, e quaisquer outras questões que forem relevantes sobre o livro lido.

Um ponto também levantado por Souza (2009) é quanto aos *recursos materiais*, que devem ser bem especificados, como os livros da biblioteca, cadernos, canetas, lápis, ou seja, todos que serão utilizados. Outro aspecto levantado é sobre a *avaliação*, deve ser feita pelo professor ou bibliotecário, no entanto, para a elaboração deste trabalho, optamos por não realizar nenhum tipo de avaliação, para que, assim, os alunos possam participar das rodas de conversa de maneira mais espontânea e natural possível. E, por último, a *bibliografia*, neste caso, são todos os livros utilizados.

Vale dizer que consideramos o ambiente da biblioteca escolar um espaço propício para a elaboração e desenvolvimento de programas e projetos que almejem formar leitores, como também espaço para fornecer os mais diversos recursos informacionais necessários para o desenvolvimento do conhecimento (KUHLTHAU, 2002, p. 10).

Seguindo essa metodologia de pesquisa, pretende-se cooperar para que a biblioteca escolar seja um ambiente para a mediação e promoção do texto dramático junto aos alunos do ensino fundamental. E, assim, dar oportunidade para que eles enriqueçam seu repertório acerca deste gênero que é cheio de particularidades - tornando-o atraente aos alunos - e totalmente diferente dos outros, como o conto, a novela, o romance e a poesia, por exemplo.

3.1 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

No que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, mostraremos a seguir quais foram utilizados para a obtenção das informações que, ao final, nos deram subsídios para análise e considerações finais.

Iniciamos com uma Atividade Diagnóstica, aplicada nas duas turmas de 5º ano do ensino fundamental do CEPAE/UFG, por meio de uma roda de conversa, para fazer uma sondagem no público sobre o gênero literário a ser lido; se o conheciam, se sabiam de suas particularidades. Em seguida, uma explicação a respeito do gênero dramático, que seria lido com eles.

Depois, aplicamos a Sequência Didática, por meio de uma roda de conversa, acompanhando a metodologia descrita por Souza (2009, p. 107-108). E durante a intervenção com os alunos de 5º ano, informamos que não haveria avaliação, pois avaliar não é o objetivo deste trabalho, mas sim a formação de leitores do gênero dramático de maneira livre e sem exigências.

As Rodas de Conversa seguiram a sequência didática proposta. Por ser um diálogo bem informal, esta atividade oferece um momento para que todos compartilhem suas observações a respeito dos livros lidos. Como também para compartilhar o conhecimento acerca de um autor ou gênero e fazer relações com algum outro texto, e por fim, por meio do mediador, apresentar e aproximar os alunos do texto literário dramático.

Os questionários, conceituados como um “instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 184), podem possuir questões abertas e fechadas. Sendo mais um instrumento de verificação aplicado nessa pesquisa, são compostos por questões abertas, aquelas em que o informante responde livremente, usando sua própria linguagem e emite opiniões; e questões fechadas, aquelas em que o informante escolhe sua resposta entre duas opções, como o sim e o não. Ambos aplicados com alunos da 5ª e 7ª séries do CEPAE/UFG.

Para auxiliar a coleta de dados e o seu armazenamento, utilizamos um gravador, a fotografia, para registro das situações de debate e discussão; e confeccionamos um diário de campo para descrever a rotina desenvolvida durante a realização da pesquisa.

Todas as práticas citadas e os questionários foram desenvolvidos no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG, tendo a ciência e o acompanhamento da professora de

Língua Portuguesa, pois intencionamos divulgar a biblioteca e seu acervo junto à comunidade escolar, em todas estas ações a bibliotecária pesquisadora atuou como mediadora.

3.2 PLANO DE APROVEITAMENTO DA BIBLIOTECA DO CEPAE/UFG

Conforme o plano de ensino da disciplina de Língua Portuguesa do CEPAE/UFG, os alunos do ensino fundamental da primeira fase - 1º ao 5º ano - (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017b) possuem uma agenda semanal de uso da biblioteca (Anexo E). A agenda especifica que, durante 1 (um) dia da semana, cada turma A e B do 1º ao 5º ano terão um horário da aula de Língua Portuguesa no ambiente da biblioteca da escola e, durante estas aulas, os professores, juntamente com os profissionais da biblioteca, fazem um trabalho de mediação do incentivo à leitura literária com essas turmas.

Para tanto, professores e bibliotecários lançam mão da roda da leitura, da contação de histórias, da socialização das leituras e outras atividades que estimulem os alunos a desenvolver o gosto pela leitura literária.

É nestas visitas que ocorrem os empréstimos domiciliares de livros, que permitem ao aluno levar para casa, por tempo determinado, livros disponibilizados no acervo da biblioteca. Esta metodologia de trabalho resulta em uma grande quantia de obras literárias emprestadas aos alunos. E no dia de aula na biblioteca os alunos compartilham suas leituras com os colegas, mediados pelo professor e os profissionais da biblioteca, assim desenvolvendo a mediação e o incentivo à leitura com essas turmas. Todas essas atividades acontecem no ambiente da biblioteca do CEPAE como descrito no Plano de Ensino da disciplina de Língua Portuguesa e no horário escolar do 5º ano.

A partir do 6º ano, os alunos não têm mais essa agenda semanal de uso da biblioteca, (ANEXO F), não sendo mais obrigados a ir à biblioteca e, conforme especifica o plano de ensino do 7º ano, os alunos frequentam a biblioteca somente durante as visitas orientadas pelo professor para adquirirem os livros de livre escolha, o que ocorre, em média, uma vez por bimestre. No entanto, eles ainda desfrutam da flexibilidade de adquirir os livros para leitura em suas casas ou outro local qualquer, que não seja a própria biblioteca do CEPAE/UFG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017c).

De fato, a partir de uma observação de natureza empírica feita por esta pesquisadora, gerou-se a hipótese de que a mudança no plano de ensino da disciplina de Língua Portuguesa das turmas da 1º fase do fundamental e das turmas de 2º fase resulta na significativa

diminuição nos empréstimos de livros para as turmas da 2º fase e a consequente diminuição - o que se buscou comprovar ou não - da quantidade de livros lidos por cada aluno.

Ressalta-se que na 1º fase do ensino fundamental, especificamente o 5º ano - que aqui nos interessa - mesmo com o alto volume de empréstimos de livros, poucos eram do gênero literário dramático.

Desse modo, consideramos a necessidade de realizar um trabalho de investigação e responder à seguinte problemática: como promover o incentivo à leitura literária do gênero dramático juntamente com os alunos de 5º ano do CEPAE/UFG? E deste modo ser capaz de oferecer-lhes a oportunidade para que enriqueçam seu conhecimento, adentrando no conceito, características e possibilidades de abordagem deste gênero literário para o aprimoramento dos alunos, e promover a biblioteca escolar, como um espaço onde os alunos sintam prazer em estar e usufruir em plenitude de tudo o que ela oferece.

3.3 APLICAÇÃO DO PLANO DE ATUAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL

A instituição de ensino onde ocorreu esta pesquisa é o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. Ele foi criado pelo Decreto Lei n.º 9.053, de 12 de março de 1966, e suas atividades iniciaram-se em março de 1968, no prédio da Faculdade de Educação/UFG. Na Reforma Universitária ocorrida em 1968, o Colégio de Aplicação foi incorporado à Faculdade de Educação, tornando-se um órgão suplementar (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017a).

O principal propósito do CEPAE, naquela época, era ser um laboratório experimental de técnicas e processos didáticos, objetivando melhorar os métodos de ensino e se tornando uma escola experimental para novos cursos conforme a lei, e para os cursos já existentes, com currículos, métodos e períodos escolares próprios, adequando-os às exigências legais, e ser laboratório de estágio supervisionado para o curso de Pedagogia.

Em 1994, foi criado o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), por meio da portaria n.º 0063, do Magnífico Reitor Ary Monteiro do Espírito Santo a partir do Departamento de Estudos Aplicados à Educação da Faculdade de Educação/UFG, criado em 1982, este composto pelos membros do Colégio de Aplicação. Nos dias de hoje, a unidade está vinculada à Pró-Reitoria de Graduação (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017a).

Atualmente, o CEPAE/UFG atende cerca de 700 alunos da educação básica, composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, bem como cursos de

especialização *lato sensu* e *stricto sensu* com o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica.

O Departamento de Educação Infantil - anteriormente creche da Universidade Federal de Goiás - incorporou-se, em 2013, como órgão suplementar do CEPAE, logo após a mudança do Estatuto da UFG e a aprovação do Regimento do CEPAE. Assim, essa unidade passou a denominar-se Departamento de Educação Infantil (DEI), contemplando cerca de 76 alunos, em período integral, matutino ou vespertino, de acordo com a necessidade da família e disponibilidade de vagas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2017a).

O ensino fundamental, primeira fase, constitui-se do 1º ao 5º ano, as aulas são regulares e no turno matutino. As turmas de 1º e 2º anos contam com 20 vagas por turmas A e B; já as turmas dos 3º, 4º e 5º anos contam com 30 vagas por turmas A e B; que ao final totalizam cerca de 260 alunos. A segunda fase constitui-se em turmas de 6º ao 9º ano, com aulas regulares e atendimentos no período vespertino, organizados por disciplinas específicas para alunos com dificuldades.

O ensino médio constitui-se em turmas do 1º ao 3º ano. Organizadas em período semi-integral, com aulas do núcleo básico no turno matutino e no turno vespertino, sendo ministradas disciplinas do núcleo flexível – com disciplinas eletivas que acontecem semanalmente. Há ofertas de aulas de reforço em cada disciplina. Ao final do 3º ano, os alunos deverão desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TECEM), cujo intuito é o de aproximá-los à iniciação científica.

O acesso a este centro de educação básica acontece por meio de sorteio público e universal, realizado anualmente para todas as etapas da educação básica, da educação infantil ao ensino médio, não havendo reserva de vagas para nenhum segmento.

O corpo docente é constituído por 94 professores, entre efetivos, substitutos, estagiários e bolsistas de programas da própria universidade e do colégio; o quadro de técnicos administrativos conta com 29 profissionais.

A escola é inclusiva e oferece suporte educacional ao aluno com deficiência em todas as etapas da Educação Básica, e está sob a supervisão da Comissão de Educação Inclusiva, responsável por assegurar este direito aos alunos. Toda a regulamentação consta em uma resolução¹², aprovada em 2016, que especifica, normatiza e orienta quanto ao atendimento do aluno com deficiência.

¹² Resolução CEPAE nº 03/2016.

Disponível em: [https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Resolu%C3%A7%C3%A3o_03_2016_-_Educa%C3%A7%C3%A3o_Inclusiva_\(2\).pdf](https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Resolu%C3%A7%C3%A3o_03_2016_-_Educa%C3%A7%C3%A3o_Inclusiva_(2).pdf) Acesso em: 11 ago.2017.

Figura 9 - A Entrada do CEPAE/UFG



Fonte: Produção da própria autora (2017)

3.3.1 Local da Pesquisa: Biblioteca do CEPAE/UFG

O local de desenvolvimento do projeto de pesquisa é a Biblioteca do CEPAE/UFG. A pesquisa ocorreu durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, reservada para a visita à biblioteca pelos alunos dos 5º anos A e B, e teve o acompanhamento da professora de Língua Portuguesa. A aplicação do questionário do 7º ano ocorreu em sala, durante a aula de Língua Portuguesa.

Segundo o Regimento do CEPAE de 2015 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2015), a biblioteca escolar do Colégio tem por finalidade ser um espaço pedagógico à disposição da comunidade escolar e, de acordo com Regimento Interno do Sistema de Bibliotecas da UFG, constitui-se de um órgão complementar da unidade na qual se encontra.

Assim, a biblioteca do CEPAE/UFG vincula-se administrativamente ao CEPAE e tecnicamente à Biblioteca Central Alpheu da Veiga Jardim, órgão suplementar da UFG e Coordenadora do Sibi/UFG (Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás), vinculada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação.

A biblioteca, por ser subordinada tecnicamente à Biblioteca Central e ao Sibi/UFG, segue as políticas e normas estabelecidas pelo sistema, as normativas de empréstimos e de serviços *on-line*, devendo divulgar e seguir o guia de usuários das bibliotecas da UFG, divulgar o repositório institucional, cumprir a política de desenvolvimento de coleções, ou seja, a biblioteca do CEPAE deve seguir todas as normas que o sistema estabelece (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2016).

A biblioteca possui um espaço físico de 204 m², divididos em acervo geral, periódicos, espaço para exposição de livros, espaço destinado ao estudo em grupo e individual, espaço

para contação de histórias, balcão de empréstimo, balcão de consulta e pesquisa ao acervo e sala administrativa.

Seu acervo compõe-se por aproximadamente 12 mil títulos e cerca de 30 mil exemplares, constituído por livros de literatura nacionais e estrangeiras, revistas, gibis, jornais, atlas, dicionários, entre outros - os últimos disponíveis apenas para consulta na própria biblioteca (SANTOS, 2016). E disponibiliza outros materiais, como DVDs e CDs.

Vale ressaltar que a biblioteca possui um espaço e um atendimento acessível. Ela serve a toda comunidade escolar, seja, alunos, professores ou funcionários da UFG. A comunidade externa é livre para usufruir do espaço de estudo e consultas ao acervo, nesse caso, não é permitido o empréstimo domiciliar.

A biblioteca possui um quadro de funcionários diverso e atuante, cada um desenvolvendo sua atividade profissional de forma a atender o público e suprir as necessidades informacionais demandadas, possui uma bibliotecária, uma pedagoga, dois técnicos administrativos e um bolsista.

Quanto à informatização, a biblioteca do CEPAE/UFG dispõe de um *software*, o mesmo utilizado pelo Sibi/UFG, que auxilia a gerenciar os serviços, e oferece um catálogo para consulta do acervo do Sibi/UFG, disponibilizando diversos serviços à comunidade escolar (SANTOS, 2016).

No *software*, encontram-se outras funcionalidades, tais como: treinamentos e capacitação de usuários - esses serviços precisam da orientação direta do bibliotecário -, empréstimos domiciliares, a Comutação Bibliográfica (COMUT) entre as bibliotecas da UFG, acesso à internet por meio de *wi-fi* e de computadores disponíveis para este serviço.

E assim, reconhecemos ser esta uma biblioteca notadamente criada com a finalidade de dar apoio ao ensino e de desenvolver atividades cujo objetivo é o aprimoramento do conhecimento, formando, socializando e realizando a inclusão daqueles que necessitam.

E com projetos de leitura que aspiram a formar leitores e manter os que já o são. Surgindo, assim, o desejo de realizar este projeto de pesquisa neste local, pois acreditamos que poderemos contribuir para a divulgação da escola e do acervo existente na biblioteca para a comunidade escolar.

Figuras 10 - Entrada da biblioteca do CEPAE



Fonte: Produção da Própria autora (2017)

Figura 11 – Pátio e Entrada da biblioteca do CEPAE



Fonte: Produção da Própria autora (2017)

Figuras 12 – O acervo e espaço de estudo coletivo da Biblioteca do CEPAE



Fonte: Produção da própria autora (2017)

Figuras 13 – O espaço de contação de história da Biblioteca do CEPAE



Fonte: Produção da própria autora (2017)

3.3.2 Perfil dos alunos

Os participantes da pesquisa são alunos dos 5º anos A e B e 7º ano do Ensino Fundamental I e II do CEPAE, compreendendo crianças¹³ e adolescentes¹⁴.

Das turmas de 5º anos, são 60 alunos entre 9 e 10 anos de idade, filhos de pais de classes sociais variadas, residentes em Goiânia e/ou cidades circunvizinhas. Dentre os 60 alunos, dois não participaram da pesquisa, o primeiro por motivos particulares e o outro estava em intercâmbio estudantil fora do país. Todos os demais participaram da pesquisa.

Aplicou-se um questionário com os alunos de 7º ano fundamental do CEPAE - apenas uma turma, determinada de forma aleatória. De um total de 31 alunos que constam na lista de alunos fornecida pela secretaria acadêmica da escola, apenas 1(um) aluno não participou, pois solicitou transferência. Assim, ao final, totalizamos 30 alunos, estes já adolescentes, com idades a partir dos 12 anos, filhos de pais de classes sociais variadas, residentes em Goiânia e/ou cidades circunvizinhas.

Figura 14 - A turma de 5º ano A do CEPAE



Fonte: Foto, Bibliotecária Karla Rodrigues (2017)

¹³ Considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos.

¹⁴ Considera-se adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Informações obtidas no **Estatuto da Criança e do adolescente**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>> Acesso em 25 ago. de 2017.

Figura 15 - A turma de 5º ano B do CEPAE



Fonte: Foto, Bibliotecária Karla Rodrigues (2017)

3.3.3 Perfil da Pesquisadora

Esta pesquisa é norteada pelos conceitos da pesquisa-ação, na qual o pesquisador desempenha um papel ativo na pesquisa, desenvolvendo e avaliando as ações levantadas, em busca de soluções dos problemas encontrados. Tomaremos a liberdade de escrever este tópico em primeira pessoa, pois faremos uma breve descrição pessoal e profissional da pesquisadora, que portou-se como pesquisadora e mediadora nas rodas de conversa, participando ativamente de todo o processo juntamente com os alunos.

Tenho 39 anos, sou casada e tenho 1 filho. Trabalho na educação há 12 anos. Sou concursada pela Universidade Federal de Goiás; com formação acadêmica em Biblioteconomia. Iniciei o trabalho no serviço público federal em 2006, por meio de concurso público na Universidade Federal do Tocantins.

Nesta universidade, trabalhei por sete anos como Bibliotecária/Documentalista, gerenciando uma de suas bibliotecas universitárias localizada na cidade de Gurupi/TO. Em 2013, solicitei transferência para a Universidade Federal de Goiás, e fui aceita, iniciando os trabalhos em setembro de 2013 na biblioteca do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, CEPAE/UFG.

Durante a minha lotação nesta unidade acadêmica, desenvolvi trabalhos como bibliotecária escolar. A rotina de trabalho compreendia o atendimento ao usuário, o que incluía empréstimos de livros, trabalho administrativo e pedagógico. Esse último era desenvolvido com os alunos da 1º fase (1º ao 5º ano) e consistia na recepção, contação de histórias, pesquisas e outras atividades solicitadas pelos professores e pela direção da escola.

Dentre algumas dessas atividades estão as visitas orientadas à biblioteca dos alunos do ensino fundamental da primeira fase (1º ao 5º ano). Eles seguem uma agenda semanal de uso da biblioteca, segundo a qual cada turma do 1º (A e B) ao 5º (A e B) comparece uma vez por semana no horário de uma aula, permanente em sua agenda semanal, e sempre acompanhada pelo professor de Língua Portuguesa. O trabalho pedagógico está incluso no plano de ensino da disciplina de Língua Portuguesa dessas séries.

Além destas atividades, também foram desenvolvidas com outras turmas de alunos da escola: visitas orientadas, socialização das histórias dos livros lidos entre os alunos - após o empréstimo domiciliar -, promovendo-se na biblioteca o compartilhamento de ideias e opiniões sobre a obra lida; ações como a exposição de vídeos relacionados a livros e exposição de livros literários pré-selecionados pelo bibliotecário junto com o professor.

Após três anos de trabalho na biblioteca escolar, percebi um gosto profundo pela literatura infantil e pela formação de jovens leitores. Foi com este novo desejo que participei da seleção de Mestrado Profissional Ensino em Educação Básica do CEPAE/UFG e, com satisfação, fui aprovada.

Assim, pretendo, através das disciplinas ministradas pelo corpo docente do CEPAE/UFG e o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, adquirir novos conhecimentos e me qualificar, podendo, assim, estar apta e preparada para promover esta magia que é a literatura em geral e o gênero dramático em particular.

3.3.4 Etapas do Plano de Atuação

O plano de atuação desenvolveu-se de acordo com a atividade diagnóstica e sequência didática, produzidas pela mestranda junto com a professora orientadora (Apêndices A e B). E, seguiram-se todas as questões pré-elaboradas para as turmas de 5º ano A e B. Essas atividades foram realizadas durante os horários destinados à visita na Biblioteca.

A primeira ação foi um encontro com a professora de Língua Portuguesa dos dois 5º anos, no CEPAE/UFG. Neste momento, explicamos o trabalho e a solicitação da aula de biblioteca para a execução do projeto. A professora cedeu a sua aula para a realização do projeto, e solicitamos o seu acompanhamento junto às duas turmas durante a execução, o que foi atendido. Ressaltamos que, no decorrer e desenvolvimento da pesquisa, não houve a interferência ou participação da professora, mas apenas o acompanhamento junto à turma.

No primeiro encontro, logo após a chegada e acomodação dos alunos no espaço destinado à contação de história na biblioteca, ocorreu a explicação do trabalho, e o

esclarecimento de dúvidas ou questões que surgiram no decorrer da explicação. Realizamos a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo B) para que os pais ou responsáveis assinassem e os devolvessem, e colhemos as assinaturas no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Anexo C). Ao final do projeto, totalizaram-se cinco encontros, aulas cedidas pela professora, sendo cinco aulas de bibliotecas das turmas de 5º anos A e cinco da turma B.

Após os esclarecimentos sobre o trabalho e seu desenvolvimento, realizamos a primeira atividade, intitulada de Atividade Diagnóstica (Apêndice A), e a entrega do 1º questionário (Apêndice C), contendo questões abertas e fechadas, que objetivaram: diagnosticar hábitos de leitura, verificar o conhecimento e prática de leitura do gênero dramático e, por último, fazer uma breve explicação sobre o gênero literário dramático, suas características e forma.

Os alunos responderam ao questionário para posterior análise. Depois fizemos uma explanação acerca do gênero dramático, com questões pré-elaboradas na atividade diagnóstica (Apêndice A). Realizamos uma breve apresentação das obras e dos autores a serem lidos no decorrer das semanas, sendo que os quatro livros são do gênero dramático e cujos títulos e autores são: *Curupira*, de Roger Mello; *O fantástico mistério de feiurinha: teatro*, de Pedro Bandeira; *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado e *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado.

Ao final de toda a exposição, realizamos o empréstimo domiciliar dos livros literários, que ocorreram nos dias listados logo abaixo. Após o empréstimo e leitura dos livros, efetuamos com os alunos as rodas de conversas. Em cada aula de biblioteca, houve a discussão de um livro com cada turma, sempre adequando à quantidade de livros disponíveis para cada uma delas (exemplificado no Diário de Campo - Apêndice F) e como segue o cronograma:

No dia 19/05/2017, aconteceu o 2º encontro e correspondeu a uma aula na biblioteca, o livro lido com a turma de 5º ano A foi *Pluft, o fantasminha*, e com o 5º ano B *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*.

No dia 26/05/2017, aconteceu o 3º encontro e correspondeu a uma aula na biblioteca, o livro lido com a turma de 5º ano A foi *Curupira*, e com o 5º ano B *Pluft, o fantasminha*.

No dia 02/06/2017, aconteceu o 4º encontro e correspondeu a uma aula na biblioteca, o livro lido com a turma de 5º ano A foi *O fantástico mistério de feiurinha*, e com o 5º ano B *Curupira*.

No dia 09/06/2017, aconteceu o 5º encontro. Neste dia, houve a roda de conversa dos dois últimos livros, como também o encerramento do trabalho com os alunos. E o livro lido com os alunos de 5º ano A foi *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, e com o 5º ano B *O fantástico mistério de feiurinha*.

Nas rodas de conversas, iniciamos a atividade com a sequência didática (Apêndice B). Neste momento, os alunos conversaram sobre as obras que leram, mediados pelo bibliotecário, seguindo as questões pré-elaboradas na sequência didática. Ao final de cada atividade de rodas de conversa, houve um momento para a apresentação de outras obras do autor lido existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, com o objetivo de promover e divulgar tanto o autor como seus livros.

Outra atividade também desenvolvida foi a apresentação de obras dramáticas e de outros gêneros literários para que os alunos reconhecessem as particularidades de cada gênero textual.

Ao concluirmos todas as atividades, foi aplicado um questionário final, no 5º e último encontro, no momento da roda de conversa sobre os dois últimos livros em cada turma, e o encerramento das aulas de biblioteca com os alunos. Adiante detalharemos os dias citados anteriormente, as rodas de conversa, as respostas dadas pelos alunos nos questionários, para assim verificarmos e analisarmos os resultados obtidos, e considerações relativas à realização e desenvolvimento do projeto.

4 COLETA, ANÁLISE E COMPARAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados das rodas de conversa, os dados coletados em porcentuais de cada questão presente nos questionários, tanto das duas turmas dos 5º anos quanto na de 7º ano, e as respectivas análises e comparação de resultados.

Para a coleta e verificação de dados obtidos nas duas turmas dos 5º anos e uma turma de 7º ano - com esta turma realizamos apenas aplicação de um questionário -, utilizamos como instrumentos uma atividade diagnóstica, a sequência didática que norteou as rodas de conversa e a aplicação e análise dos questionários.

A atividade diagnóstica objetivou verificar o conhecimento por parte dos alunos sobre o gênero dramático e realizar uma breve explicação deste gênero literário, e fornecer estímulos para que os alunos pudessem se familiarizar com o tema que seria abordado nos encontros seguintes.

As questões que a nortearam foram as que se encontram abaixo, juntamente com as respostas dos alunos:

- 1) Conhecimento do gênero dramático, sabem o que é?
- 2) Apresentação de livros com outros formatos de texto (texto narrativo, texto lírico) para exemplificar o texto dramático, tomando como comparativo outras formas de narrativas literárias;
- 3) Apresentação do formato do texto narrativo – os personagens, diálogos, cenário;
- 4) Explicação dos dois tipos de gênero teatral – a tragédia e a comédia;
- 5) Questionamento sobre se os alunos sabem o que é o teatro;
- 6) Questionamento sobre se já foram em um teatro.

A atividade diagnóstica e as rodas de conversa aconteceram por meio de diálogos com os alunos de 5º ano, em sala de aula, no decorrer de 5 (cinco) encontros na biblioteca do CEPAE/UFG. Essa foi uma atividade oral e contou com a participação direta da pesquisadora. Portanto, apresentaremos as respostas dadas pelos alunos nos encontros e as turmas que participaram das conversas.

Salientamos que, por ser uma turma de adolescentes e crianças e por não haver preocupações quanto ao uso da linguagem, os diálogos são informais e espontâneos.

No dia – 12/05/2017 – Uma aula de biblioteca (1º encontro);

Alunos do 5º A fundamental:

Inicialmente, fizemos a aplicação do questionário (Apêndice C) e, ao término, começamos a roda de conversa com a pergunta: quem conhece o gênero dramático? Poucos alunos responderam, sendo que estes não conceituaram de forma correta, e apenas um aluno disse que “Este gênero tem um drama, tem emoção”. A seguir, utilizamos um livro para expor como é o texto dramático e o formato dele, como a história se apresenta, como não é narrado - da maneira como estão acostumados -, fazendo um comparativo com outros gêneros, como o texto lírico e o conto, quanto a estes dois últimos, utilizamos livros para exemplificar cada um.

Logo após, exemplificamos mais sobre o gênero dramático. Falamos que o leitor, ao realizar a sua leitura, se envolve, devido à forma do texto, o leitor se sente mais próximo dos personagens. Um aluno fez uma interrupção e disse que “O autor exagera ao contar a história” – concordamos com ele.

Utilizamos o livro *Harlequim de carnaval*(2011) como exemplo para mostrar aos alunos as características do livro, os diálogos, como eles acontecem, a ação, como os personagens se comunicam; a partir deste esclarecimento das características do livro, tomamos uma conversa da pesquisadora com uma aluna para exemplificar melhor esse diálogo que ocorre no livro, o qual é semelhante ao que acontece na vida real, como uma conversa entre duas pessoas.

Em seguida, questionamos aos alunos se eles sabiam o que é o teatro e se já foram assistir a uma peça teatral. Poucos alunos responderam, sendo que o 1º aluno disse que “É algo encenado que tenta puxar para a realidade”, enquanto o 2º respondeu que “No teatro eles fazem uma história, que fazem um filme em vida real, como uma encenação de um filme”, e o 3º revelou que “Já assisti uma encenação e que nela teve emoção e drama, pessoas morrem”. A partir da fala desse último aluno, foi feita a explicação dos dois tipos clássicos de texto teatral, a tragédia e a comédia. Para exemplificar o texto trágico, foi mencionado o livro que contem a peça *Romeu e Julieta* (2011), de William Shakespeare, que possui um enredo emocionante e ao mesmo tempo melancólico. E, para exemplificar a comédia, foi utilizado o livro *Curupira*, de Roger Mello, que possui situações engraçadas, cômicas. Neste livro, o texto está mais próximo da comédia.

Depois realizamos a apresentação do primeiro livro a ser lido para a turma de 5º A, *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado. Foi comunicado aos alunos que eles

perceberiam a diferença na forma deste livro em relação aos que estão acostumados a pegar emprestado na biblioteca. O empréstimo foi feito aos alunos, que assumiram o compromisso de ler o livro até o próximo encontro, que ocorreria na semana seguinte.

Alunos do 5º B fundamental:

Inicialmente, procedeu-se à aplicação do questionário (Apêndice C) aos alunos e, ao terminar, começamos a roda de conversa. Iniciamos expondo livros do gênero dramático e exibindo a composição e o formato deles, de como a história se apresenta, como é narrada. Na sequência, fizemos um comparativo com outros textos, tomando como exemplo outros gêneros, como o texto lírico, o conto e o romance.

Em seguida, realizamos uma explanação a respeito das principais características de livros do gênero dramático, as cenas, os diálogos, a ação, como os personagens se comunicam. A partir deste esclarecimento, utilizamos como exemplo uma conversa entre a pesquisadora e uma aluna, para mostrar melhor aos alunos esse diálogo que ocorre no livro, o qual é semelhante ao que acontece na vida real, como uma conversa entre duas pessoas.

Perguntamos se alguém já tinha ido ao teatro ou se sabiam o que era o teatro, no que a maioria respondeu que já tinha ido ou conhecia. Um aluno perguntou “Quem nunca foi?”.

Logo após, fizemos a exemplificação dos dois formatos do texto teatral, a tragédia e a comédia. Para a tragédia, usamos novamente *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Antes de exemplificar o outro gênero, perguntamos aos alunos se, quando foram ao teatro, eles assistiram a alguma filme de tragédia ou comédia. Um aluno respondeu: “Assisti drama e comédia”. Outros também responderam que assistiram aos dois tipos de peças. Ao final, fizemos a explicação do que seria a comédia, falamos que estes livros possuem caricaturas, situações engraçadas, cômicas, encenações com tons mais engraçados.

Em seguida, fizemos a apresentação do primeiro livro a ser lido pela turma de 5º ano B, *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado, sendo comunicado aos alunos que eles perceberiam a diferença na forma deste livro em relação aos que estão acostumados a pegar emprestado na biblioteca. Assim, o empréstimo foi feito aos alunos, que assumiram o compromisso de ler o livro até o próximo encontro, que ocorreria na semana seguinte.

Encerrado o momento das questões nas duas turmas, fizemos a apresentação em cada turma das obras e dos autores a serem lidos: *Curupira*, de Roger Mello; *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira; *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado e; por fim, *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado.

E, ao findarem as apresentações e diálogos neste primeiro dia, realizamos o empréstimo domiciliar das obras, seguindo o cronograma exposto no tópico “Etapas do plano de atuação”, descrito no terceiro capítulo.

Observamos quanto a esta atividade que as falas dos alunos sugeriam conhecer o gênero dramático. Alguns alunos do 5º ano A disseram conhecer o gênero, e já terem ido ou saberem o que é o teatro. Da mesma forma, a maioria dos alunos de 5º ano B disse conhecer e saber o que é e alguns disseram já terem ido ao teatro. No entanto, nenhum dos alunos das duas turmas soube dizer realmente como é uma peça teatral, tanto que, ao serem indagados a respeito do que assistiram quando foram ao teatro, ninguém soube dizer do que tratava a peça.

Portanto, percebe-se que, apesar de os alunos já terem ido e dizerem conhecer o teatro, não possuíam conhecimento sobre o que realmente seria e nem tinham tanta familiaridade com o gênero.

4.1 RODAS DE CONVERSA

A segunda atividade, as rodas de conversa, aconteceu no ambiente da biblioteca do CEPAE/UFG, com as turmas dos 5º anos A e B. Foi uma atividade oral, na qual os alunos conversaram e puderam expor as impressões que tiveram sobre a obra que leram durante as semanas. Ressaltamos que esta foi uma atividade em que o pesquisador bibliotecário se portou como mediador.

As perguntas descritas logo abaixo - exemplificadas na Sequência Didática (Apêndice B) - são as que nortearam as rodas de conversas nas duas turmas, diálogos envolvendo os quatro livros lidos por eles no decorrer das semanas. Serão descritos na íntegra todos os encontros. São elas: 1) Vocês gostaram do livro? 2) O que chamou mais a atenção de vocês? 3) Houve alguma parte do livro que vocês acharam cansativa? 4) Vocês pularam alguma parte? 5) Vocês encontraram alguma coisa que nunca haviam visto em outro livro? 6) Na primeira vez que vocês viram este livro (antes de ler), como vocês pensavam que ele seria? 7) Por que achavam que ele seria assim? (Se a resposta anterior for “bom” ou “ruim”) 8) Depois de ler, sua opinião mudou sobre o livro? 9) Vocês já leram outros livros como este antes? 10) Vocês já leram este livro antes? (Se sim) Foi diferente desta vez? 11) O que vocês diriam a seus amigos (colegas, parentes) sobre este livro? Vocês o recomendariam a outros?.

Abaixo, encontram-se as respostas dos alunos nos encontros, bem como a data de cada encontro, os livros lidos e as turmas que participaram das conversas. Lembramos que não

houve a preocupação quanto ao uso formal da linguagem, os diálogos foram informais e espontâneos.

Dia – 19/05/2017 – Uma aula de biblioteca (2º encontro);

5º ano A. O livro – Pluft, o fantasminha:

Iniciamos a conversa com a pergunta: “Gostaram do livro?” Alguns alunos responderam que gostaram. No entanto, no decorrer da conversa, eles mudaram de opinião, afirmando que gostaram mais ou menos. Outros disseram que o livro “É estranho”, “Confuso”. De acordo com a resposta de um aluno, quando perguntado se gostou do livro, ele explicou: “Não é que eu não gostei, é porque é muito confuso, é que ele começa assim Pluft! aí vem a fala do Pluft, aí é meio confuso, e logo em seguida vem o Pluft, e mais conversa”.

Após o questionamento de alguns alunos, um deles interveio: “É teatro, por isso é desse jeito”. Relembramos a eles como é a construção do texto dramático e falamos sobre o formato como o texto se apresenta no livro. Um aluno interveio: “Ele não é narrado”.

Perguntamos o que mais eles acharam do livro, se encontraram algo engraçado, e eles logo responderam que gostaram da rima existente no texto, como as da personagem Maribel: “Maribel, Maribel seus cabelos cor de mel, Maribel seus olhos têm a cor do céu”, ilustrou um aluno. Segundo eles, a parte mais engraçada do texto acontece quando é descrita a morte do pai de Pluft. Quanto às partes mais interessantes, a maioria dos alunos destacou duas: “quando vencem o Perna de Pau” e “quando falam sobre os pastéis de vento”.

Quando quisemos saber qual a parte do livro eles acharam cansativa, a maioria mencionou o início, pois o consideraram confuso, e o formato diferente. Relembramos a eles sobre a estrutura do livro e como ele é construído. Perguntamos se alguém pulou alguma parte, ao que todos responderam não. Indagamos também se eles encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro. A resposta foi: “O formato e a maneira da apresentação do texto”. “Texto em teatro” declararam alguns alunos.

Na sequência, realizamos uma breve exposição do livro e da autora. Retornamos às perguntas: “Na primeira vez que vocês viram este livro, como vocês pensaram que ele seria?” Algumas das respostas foram: “Achava que ele seria diferente”, “Estranho, pois estava acostumado com aquele livro normal”, “Estamos acostumados com o texto narrativo”, “Estamos acostumados com livros que primeiro passa o lugar aonde vai se passar a história, depois os personagens e depois a história”.

Perguntamos se, quando pegarem outro livro com a mesma estrutura, irão entender. A maioria garantiu que sim. Quanto a ter lido outro livro como esse antes, eles responderam que não e, quando indagamos o motivo, deram os seguintes esclarecimentos: “Porque ninguém tinha falado”, “Não conhecíamos”. Quando questionados se recomendariam o livro a outras pessoas, dois alunos se adiantaram e disseram: “Quem não teria experiência, poderia experimentar”, “Para que outros conheçam novos livros”.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos dramáticos e narrativos da mesma autora, Maria Clara Machado. Finalizamos com o empréstimo do livro *Curupira*, de Roger Mello, que seria discutido na semana seguinte.

Nesta turma, observou-se que os alunos tiveram dificuldade de entendimento do livro lido, pois, ao serem perguntados sobre o que acharam, a maioria logo respondeu achar o livro confuso, não gostaram, e afirmaram que esse formato de livro é diferente do que eles já tinham visto, e por isso o acharam cansativo. Isso mostrou a pouca familiaridade dos alunos com esta estrutura de texto teatral. Segundo eles, esta falta de intimidade com o gênero se devia ao desconhecimento da existência destes livros na biblioteca, uma vez que ninguém os apresentou a eles. Na opinião deles, esses livros deveriam ser mais divulgados para que outras pessoas os conhecessem. Cabe dizer que é papel do professor e do bibliotecário fazer essa divulgação dos acervos e gêneros literários existentes na biblioteca, pois é através dessa divulgação que muitos alunos adentram e também compartilham com seus colegas ou familiares as suas leituras. Portanto, é possível afirmar que os alunos acharam o livro diferente e confuso porque não costumavam ler o gênero literário dramático. Outro ponto salientado pelos alunos é o fato de agora, após conhecerem e lerem o livro, poderem ler e entender outros similares.

5º ano B. O livro – Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés

Iniciamos a conversa perguntando aos alunos se gostaram do livro. A maioria disse que gostou, e os poucos que não gostaram justificaram assim: “Não gostei dos diálogos, eles são confusos”, “Tinha muito diálogo e não é igual ao que eu tô acostumado”. Falamos um pouco sobre o livro, sobre as brincadeiras descritas nele. Neste momento, um aluno interrompeu e disse: “Eu gostei do livro porque eu nunca tinha visto um gênero textual como este, e achei melhor esse estilo de diálogo e o nome dos personagens do lado na página”. Outros opinaram: “O nome do lado ajuda bastante”, “A história é bem organizada”.

Perguntamos o que chamou mais a atenção dos alunos, e eles responderam que foram as brincadeiras dos bonecos, o nome dos bonecos, muitos o acharam engraçado. “Houve alguma parte cansativa, chata?”, quisemos saber. As críticas variaram: “Os diálogos”, “As brigas dos personagens”, “Não entendia as conversas dos personagens”.

Quando questionamos se alguém havia pulado alguma parte, todos responderam que não. E quando inquirimos se eles haviam encontrado algo que ainda não tinham visto em outro livro, a estrutura do texto e os diálogos foram os dois tópicos mencionados por eles.

Nossa próxima indagação foi: “Na primeira vez que vocês viram este livro, como vocês pensaram que ele seria?” As respostas foram as seguintes: “Nunca li outro como este”, “Achava que era comediante”, “Achava que era bom”, “Achava que era de poema”, “Achava que era ruim”, “Achava que era chato e enjoativo”. Quando interpelados por que achavam que o livro seria ruim, a maioria explicou: “por causa da capa”. Prosseguimos com as perguntas: “Depois que leram, a opinião de vocês mudou?” Responderam que sim, como mostra a frase de um dos alunos: “Achei que seria ruim, mas agora mudei de ideia”.

Os alunos foram indagados se já tinham lido outro livro como esse antes. Apenas quatro responderam positivamente. Quanto a recomendá-lo a outras pessoas, sete alunos não o recomendariam.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos dramáticos e narrativos de Ana Maria Machado. Finalizamos com o empréstimo do livro *Pluft, o fantasminha*, desta autora, a ser lido na próxima semana.

A maioria dos alunos do 5º B disse ter gostado do livro, pois nunca tinham visto esse tipo de texto, o formato com o nome dos personagens ao lado e a organização dos diálogos, o que os ajudou a entendê-lo melhor. No entanto, houve aqueles que não gostaram ou acharam cansativo, pois não entenderam os diálogos, ou acharam o livro confuso por não estarem acostumados com a estrutura do texto. Quanto à impressão que tiveram do livro antes de o lerem, a maioria disse achar que ele seria ruim ou enjoativo, seria uma obra diferente como poema ou comédia e, para eles, o livro tinha um formato muito diferente disso, desconhecido para eles. Após a leitura, disseram ter mudado de ideia e que possivelmente o recomendariam a outras pessoas, o que mostra que eles não tinham resistência ao texto dramático, o problema era a falta de conhecimento da existência dele, o que demonstra que houve uma falta de divulgação deste gênero literário com esta turma, similar ao que ocorreu com a outra, e que esse problema só poderá ser resolvido com a intervenção do professor e do bibliotecário, por meio de atividades que divulguem o acervo da biblioteca. Portanto, nesta turma, apesar de

alguns alunos também acharem o livro confuso - como dito pelos alunos do 5º ano A -, a aceitação e o entendimento dos livros por parte deles foram maiores.

Dia – 26/05/2017 – Uma aula de biblioteca (3º encontro);

5º ano A. O livro – Curupira de Roger Mello:

Iniciamos a conversa perguntando aos alunos se gostaram do livro. Metade respondeu que sim. Quanto ao que mais chamou a atenção deles, alguns dos comentários foram os seguintes: “O mais interessante é que ele era todos os personagens”, “O curupira era todos os personagens do livro”, “Ele era todos os personagens e ninguém percebeu que ele era o curupira, já que ele tinha os pés virados”.

Houve alguma parte cansativa, chata? Logo esclareceram: “A parte em que ele fica o tempo todo procurando o irmão dele”, “A história da mariposa é chata”, “A repetição da história”. A maioria concordou que a parte em que se narra a história da mariposa é a menos divertida.

Perguntamos se alguém pulou alguma parte? Dois alunos confessaram que pularam o início do livro, ao passo que os demais garantiram não ter pulado nada. Indagamos também se eles encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro. Eles responderam que não, pois já tinham lido um livro com formato semelhante na semana anterior.

Quando interrogados se esta tinha sido a primeira vez que tinham visto este livro e como eles pensaram que ele seria, uma aluna respondeu: “Eu já tinha visto, mas nunca tinha tido interesse em pegar, mas agora eu tenho interesse, pois ele é legal”. A maioria, depois que viu e leu o livro, o achou bom. Segundo eles, este livro foi bem mais interessante que o primeiro.

Quisemos saber também se alguém já tinha lido outro livro como esse antes. Todos responderam que sim, em virtude da leitura da semana anterior, quando foi lido *Pluf, o fantasma*. Ao serem arguidos se já tinham lido este livro antes – *O Curupira* –, todos disseram que não. Quanto a recomendá-lo a outras pessoas, apenas sete alunos afirmaram que não o recomendariam.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, e outros livros de Roger Mello. Foi realizada também uma breve explanação da biografia deste autor, enfatizando os temas sobre os quais ele mais escreve, bem como os livros para os quais ele fez a ilustração. Finalizamos com o empréstimo do livro

O fantástico mistério de Feiurinha, de Pedro Bandeira, que deveria ser lido para a semana seguinte.

Quanto a este segundo livro lido, os alunos do 5º ano ficaram divididos, pois metade gostou e a outra não. Observou-se que no decorrer da conversa os alunos fizeram comentários sobre os personagens e não sobre a estrutura e, ao serem indagados se acharam o texto chato, deram respostas ligadas aos personagens. Se recomendariam o livro, a maioria disse que sim, pois, segundo eles, este livro foi mais interessante que o lido anteriormente. No que diz respeito a encontrar algo que ainda não tinham visto em outro livro, a resposta foi negativa, em razão da leitura do livro com estrutura semelhante na semana anterior. Desse modo, a mudança de leitura focada mais no texto do que no formato do livro mostra que os alunos já haviam entendido a forma do texto dramático e, por esse motivo, sentiram mais facilidade na leitura e compreensão do texto, atentando-se mais para a leitura da história.

5º ano B. O livro – Pluft, o fantasminha:

Iniciamos a conversa perguntando se gostaram do livro. Metade dos alunos respondeu que gostou (15 alunos) e a outra metade que não gostou. Quanto ao que mais chamou a atenção deles, alguns dos comentários feitos pelos alunos foram os seguintes: “O Pluft tem medo de gente”, “O Pluft tem medo de humanos”, “Achei interessante aquele fantasma que assusta as pessoas”, “Eu achei interessante o pirata sequestrar a Maribel”, “O que chamou a minha atenção foi o formato do livro, a descrição do livro”, “Achei interessante o Pluft ter medo de pessoas, porque é as pessoas que têm medo de fantasma, mas não, o Pluft que tem medo de gente”. Dentre todos os comentários, o fato de o fantasminha Pluft ter medo de gente foi o que mais os alunos acharam curioso.

Perguntamos se houve alguma parte cansativa, chata. Resposta: “O Perna de Pau começa a cantar as canções, são chatas”, “O tio do Pluft só vivia dormindo”, “A mãe só ficava fazendo pastel de vento”.

Indagamos se alguém pulou alguma parte. Alguns alunos responderam que pularam o início, outros que pularam a canção, pois disseram que ela era chata, os demais não pularam nenhuma parte. Questionados se encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro, afirmaram que não, pois já tinham lido um livro semelhante na semana anterior, do mesmo formato.

Quisemos saber também se esta tinha sido a primeira vez que eles haviam visto este livro e como eles pensaram que ele seria. Alguns alunos responderam que já tinham visto, só que não tiveram interesse nele, pois não gostaram da capa. Os que responderam que viram e

tiveram interesse acharam que a história seria diferente por causa da capa. Segundo eles: “A capa não tem nada a ver com o livro”, “Eu achei que seria romance”, “Achei que seria diferente por causa da capa”, “O livro tem a capa ruim”. Interrogamos se, depois que leram o livro, a opinião deles mudou. A maioria declarou que não. De acordo com um dos alunos: “Acho que esse livro não tem ação, emoção, só tem melodia”.

Perguntamos se alguém já tinha lido outro livro como esse antes, todos responderam que sim, devido à leitura da semana anterior. Ao serem indagados se já tinham lido este livro – *Pluft, o fantasminha* – antes, todos responderam não. Quanto a recomendar a outras pessoas, apenas 11 alunos disseram que recomendariam este livro.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos dramáticos e de contos de Maria Clara Machado. Finalizamos com o empréstimo do livro *Curupira*, de Roger Mello, que deveria ser lido para dali a sete dias.

Ao serem perguntados sobre o que acharam deste livro, os alunos do 5º ano B ficaram divididos, acontecendo algo similar ao que ocorreu com a outra turma, ou seja, no decorrer da conversa sobre o livro, os alunos fizeram mais comentários sobre os personagens do que sobre o formato do livro. Ao serem indagados se acharam o texto interessante, também deram respostas ligadas aos personagens, mostrando que não tinham gostado do texto, tanto que a maioria disse não recomendar a outros a sua leitura. Quanto a encontrar algo que ainda não tinham visto em outro livro, responderam que não, uma vez que já tinham lido um livro análogo na semana anterior. Assim, percebeu-se que esses alunos também já se atentaram mais para a leitura da história do que para a forma do livro, mostrando já estarem à vontade com o texto dramático.

Dia – 02/06/2017 – Uma aula de biblioteca (4º encontro):

5º ano A. O livro – O Fantástico mistério de feiurinha:

Iniciamos a conversa perguntando aos alunos se gostaram do livro. Mais da metade dos alunos respondeu que gostou, e alguns alunos chegaram até a dizer que tiveram a curiosidade de assistir ao filme depois que leram o livro. Já outros disseram: “Prefiro o filme”.

Quanto ao que mais chamou a atenção deles no livro, alguns dos comentários feitos foram os seguintes: “Os xingamentos”, “As princesas”, “A briga das princesas”, “Elas estavam todas grávidas”. De acordo com os alunos, eles gostaram mais desse livro porque é mais engraçado.

Perguntamos se houve alguma parte cansativa, e obtivemos como resposta: “As brigas”. Indagamos também se alguém pulou alguma parte, alguns alunos responderam que pularam o início – a biografia do autor –, os demais não pularam nenhuma parte.

Questionamos se eles encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro. Disseram nunca ter visto em outra história xingamentos: “Nunca vi princesas xingando”, “As brigas das princesas, nunca tinha visto antes”, “Eu estava esperando um livro delicado, e quando eu li, vi um monte de xingamento”, disseram alguns alunos. Informamos a eles que essa é uma característica do autor, e que em outros livros dele as conversas são bem informais, descontraídas, pois seus livros são para o público jovem, assim como eles. Em seguida, um aluno perguntou se existem outros livros parecidos com este na biblioteca do CEPAE/UFG. Dissemos a eles que ao final iríamos apresentar outros livros desse mesmo autor, livros de ação, aventura, terror, drama. Sugerimos a eles que pegassem outros livros dele, lessem e compartilhassem com os colegas.

Perguntamos a eles: “Na primeira vez que vocês viram este livro, como vocês pensaram que ele seria?” Alguns alunos responderam que pensavam que seria uma história normal de princesas: “Eu achei que as princesinhas eram normais, elas são mal-educadas, aí elas começam a xingar, gritar, uma xinga a outra”, destaca um aluno. Continuamos com a seguinte pergunta: “Agora, depois que leram, a opinião de vocês mudou?” Eles afirmaram que sim, pois todos achavam que a história seria diferente, seria de princesinhas delicadas. Segundo eles, a história os surpreendeu. Um aluno chegou até a sugerir que o nome do livro deveria ser mudado para “As princesas barraqueiras”.

Comentamos com eles o quanto os autores são incríveis, pois, a partir de uma história clássica, tradicional, como Branca de Neve, Cinderela e outras mais, eles conseguem transformá-la em outra, criam outras histórias. Explicamos que eles (os alunos) também podem fazer isso, criar novas histórias, novos personagens, através dos livros lidos.

Questionados se alguém já tinha lido outro livro como esse antes, todos responderam que sim, pois fizeram a leitura de outros livros semelhantes nas semanas anteriores.

Indagamos se alguém já tinha lido este livro - *O fantástico mistério de feiurinha* - antes. Ninguém lera, mas já tinham visto o filme. Quanto a recomendar a outras pessoas, apenas dois alunos disseram que não recomendariam este livro, todos os outros o recomendariam.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos narrativos de Pedro Bandeira. Após a apresentação, muitos alunos mostraram interesse em pegar outros livros dele. Quando foi mostrado o livro

O fantástico mistério de feiurinha no outro formato de conto, praticamente toda a turma desejou pegá-lo emprestado. Observamos que um aluno o pegou emprestado no final da aula. Concluimos com o empréstimo do livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado, cuja leitura seria discutida na próxima semana.

Quanto aos comentários da leitura do terceiro livro pelos alunos do 5º ano A, praticamente toda a conversa girou em torno dos personagens e da impressão que tiveram da história. Segundo eles, de todos os livros lidos, esse tinha sido o melhor e mais divertido. Os alunos enfatizaram bastante os diálogos das princesas e o comportamento delas e declararam que o recomendariam para que outras pessoas o lessem.

Ao serem questionados se encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro, pela primeira vez não falaram sobre a estrutura do livro, mas sim sobre os personagens – nunca tinham visto em outras histórias xingamentos –, e mostraram interesse em ler outros livros desse autor, perguntando se existiam mais livros dele na biblioteca do CEPAE/UFG, sendo informados de que seriam apresentados outros livros desse autor. Assim, fica evidente que os alunos estão voltados inteiramente para a história, não se prendendo à estrutura do texto ou mostrando qualquer dificuldade de entendimento do livro lido.

5º ano B. O livro – Curupira:

Iniciamos a conversa perguntando se eles gostaram do livro. Metade dos alunos respondeu que sim, e a outra metade que não. Quanto ao que mais chamou a atenção deles, os comentários foram: “Eu gostei das ilustrações”, “Eu gostei dos nomes dos personagens”, “Eu achei os nomes interessantes”.

Perguntados se houve alguma parte cansativa, responderam: “O começo”, “O personagem do Teobaldo é chato”, “O Teobaldo é chato e ranzinza”, “A parte das músicas”, “A música da veia”, “A parte da música da mariposa”. Quando indagamos se alguém pulou alguma parte, a maioria contou que pulou a parte da música. Questionamos também se eles encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro, logo informaram que nunca tinham visto um personagem tão chato quanto o Teobaldo, crítica compartilhada por praticamente toda a turma.

Ao serem perguntados se, da primeira vez que viram este livro, como pensaram que ele seria, as respostas foram as seguintes: “Eu achei que o texto seria normal, uma narrativa”, “Eu achei que seria diferente por causa da capa”, “Pensei que fosse suspense”. Falamos para eles um pouco da história do livro, do Curupira, personagem do folclore brasileiro que vive na floresta e a protege e que sua principal característica são seus pés virados para trás. Assim,

ficamos alguns minutos conversando sobre outros personagens do folclore brasileiro, pois percebemos que eles gostaram de falar sobre estes personagens.

Voltamos às questões e perguntamos se, depois que leram, a opinião deles mudou? Disseram que sim, pois tinham achado que seria diferente por causa da capa. Um aluno comentou: “li e achei melhor”.

Perguntamos se alguém já tinha lido outro livro como esse antes, ao que todos responderam que sim, pois fizeram a leitura de outros livros semelhantes nas semanas anteriores.

Quando questionamos se já tinham lido este livro - *Curupira* - antes, ficamos sabendo que ninguém o lera. Quanto a recomendar a outras pessoas, metade dos alunos disse que o recomendaria e a outra metade não.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos narrativos de Roger Mello. Foi feita também uma breve biografia deste autor, analisados os temas sobre os quais ele mais escreve e expostos alguns livros para os quais ele elaborou a ilustração. Finalizamos com o empréstimo do livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, o último a ser abordado com esta turma.

Quanto aos alunos do 5º ano B, também aconteceu como na outra turma, ou seja, praticamente toda a conversa girou em torno dos personagens e da impressão que tiveram da história. Os alunos falaram bastante dos personagens, das ilustrações, do folclore e das lendas existentes neste e em outros livros.

É pertinente destacar que a maioria dos alunos disse ter pulado os trechos em que existiam canções, mostrando uma estranheza por parte deles na mudança (ou quebra) do ritmo do texto. Ao serem questionados se encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro - como na outra turma -, também pela primeira vez não falaram sobre a estrutura do texto, mas sim sobre os personagens – do quanto um dos personagens era chato e enjoativo. Portanto, ficou claro que os alunos estavam totalmente voltados para a narrativa, não se prendendo à estrutura do texto ou tendo dificuldade de entendimento da obra.

Dia – 09/06/2017 – Uma aula de biblioteca (5º encontro). Neste dia, houve a roda de conversa dos dois últimos livros, e também o encerramento deste trabalho com os alunos.

5º ano A. O livro - *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*

Logo no início da conversa, informamos aos alunos que este seria nosso último encontro, e agradecemos a participação e a colaboração de todos. Em seguida, perguntamos se eles gostaram do livro lido. A maioria disse que gostou, e apenas três alunos disseram não ter gostado. Quando um aluno comentou que no livro foi contada uma história na qual é feita uma sopa de pedra, aproveitamos a oportunidade e falamos para eles sobre essa história, que é contada num livro chamado *As aventuras de Pedro Malasarte*. Assim, recomendamos a eles que o pegassem emprestado, pois ele se encontrava à disposição na biblioteca do CEPAE/UFG.

Quanto ao que mais chamou a atenção deles no livro, alguns comentários feitos foram os seguintes: “Gostei das brincadeiras”, “Os nomes dos personagens são esquisitos e engraçados”, “A história da sopa de pedra”, “A menina do contra, aquela que acha que sabe tudo”. Perguntados se houve alguma parte chata, apenas os três alunos que disseram não ter gostado do livro responderam que acharam a história cansativa.

Quando questionamos se alguém pulou alguma parte, a maioria disse que pulou o início, ou seja, a parte da biografia e das explicações, mas não pularam o texto, a história em si. Indagados se encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro, informaram que não, pois já tinham lido outros livros semelhantes nas semanas anteriores.

Ao serem perguntados se, da primeira vez que viram este livro, como pensaram que ele seria, a maioria declarou que achou que o livro seria ruim, só de ver a capa e as imagens. Perguntamos se agora, depois que leram, a opinião deles mudou. A opinião de quase todos mudou, menos dos três alunos que já haviam dito que não gostaram do livro, estes mantiveram sua posição.

Quando quisemos saber se alguém já tinha lido outro livro como esse antes, todos responderam que sim, em razão da leitura da semana anterior. Perguntamos se alguém já tinha lido este livro - *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés* - antes. Todos informaram que não. Quanto a recomendar a outras pessoas este livro, apenas cinco alunos responderam que não o recomendariam.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, outros textos dramáticos e narrativos de Ana Maria Machado e a disponibilidade destes para empréstimo. Ao terminar a apresentação dos livros, pedimos aos alunos que respondessem ao questionário final (Apêndice D), o que eles fizeram rapidamente. Novamente, agradecemos a participação de todos, a ajuda e cooperação da professora e dos

profissionais da biblioteca do CEPAE/UFG, e os convidamos para tirar algumas fotos para que pudéssemos anexar ao trabalho e termos um momento de descontração final.

Neste último dia de encontro, os alunos estavam muito à vontade, tanto com a pesquisadora quanto no decorrer da conversa ao falarem sobre o livro. Ao serem perguntados se gostaram do livro, praticamente toda a turma disse ter gostado, e discutimos acerca da história, dos personagens, das brincadeiras. No entanto, disseram que pularam o início e as explicações do texto, indo direto para a história.

Pela última vez, foi questionado se encontraram alguma coisa que ainda não tinham visto em outro livro, responderam que não, em virtude dos outros livros lidos nas semanas anteriores. E assim, ao fim desta atividade com a turma de 5º A, percebeu-se uma desenvoltura e familiaridade com os diálogos e o foco voltado para a história, sem preocupação com a estrutura do texto, demonstrando que alcançamos o objetivo com esta turma, que foi o de apresentar, mostrar as principais características do gênero dramático e de promover e incentivar a leitura deste gênero literário.

Figura 16 - Registro do último encontro com a turma de 5º ano A do CEPAE



Fonte: Foto, Bibliotecária Karla Rodrigues (2017)

5º ano B. O livro - O fantástico mistério de feiurinha:

Ao iniciarmos a conversa, informamos aos alunos que este seria nosso último encontro, e agradecemos a participação e a colaboração de todos. Em seguida, perguntamos se eles gostaram do livro, toda a turma respondeu que sim, gostou muito. De acordo com alguns alunos, “Os outros livros tinham parte chata, esse não tinha nenhuma parte chata”, “É bem

legal”, “Eu achei bem interessante”. Quanto ao que mais chamou a atenção deles, alguns dos comentários feitos foram os seguintes: “Gostei dos vilões e das bruxas”, “As princesas”, “Os palavrões”, e a turma toda finalizou a questão dizendo ter gostado do livro todo.

Quando indagados se houve alguma parte cansativa, responderam que gostaram de todo o livro. Perguntamos se alguém pulou alguma parte, todos os alunos responderam que não pularam nenhuma parte.

Questionamos se eles encontraram algo que ainda não tinham visto em outro livro. Eles declararam que nunca tinham visto em outra história xingamentos e palavrões. Segundo eles: “São feiuras que elas fazem”, “Acho que feiurinha já quer dizer feiurices que elas fazem”.

Quando interrogados se era a primeira vez que viram este livro e como pensaram que ele seria, a maioria revelou que achou que ele seria chato: “A capa é feia, mas a história é legal”. Segundo eles, depois que leram o livro, o acharam bem legal.

Perguntamos se alguém já tinha lido outro livro como esse antes, ao que todos responderam que sim, devido à leitura da semana anterior. Indagados se alguém já tinha lido este livro - *O fantástico mistério de feiurinha* - antes, apenas um aluno disse já ter lido, mas no outro formato de texto. Quanto a recomendar a outras pessoas este livro, apenas três alunos disseram que não o recomendariam.

Encerrada a conversa, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, de outros textos narrativos de Pedro Bandeira e a disponibilidade destes para o empréstimo. Ao terminar a apresentação dos livros, pedimos aos alunos que respondessem ao questionário final (Apêndice D), o que eles fizeram rapidamente. Novamente, agradecemos a participação de todos, a ajuda e a cooperação da professora e dos profissionais da biblioteca do CEPAE/UFG, e os convidamos para tirar algumas fotos para que pudéssemos anexar ao trabalho e termos um momento de descontração final.

Neste último encontro com esta turma, notou-se que os alunos estavam muito descontraídos. Ao serem perguntados se gostaram do livro, toda a turma disse ter gostado muito, sendo a primeira vez que foi unânime ao falar de um dos livros. E eles disseram não ter pulado nenhuma parte do livro. Segundo eles, a história, os personagens, os diálogos, todo o livro foi bom e eles o recomendariam a outras pessoas.

Sendo questionados se encontraram alguma coisa que ainda não tinham visto em outro livro, os alunos deram respostas relacionadas aos personagens e não sobre a estrutura do texto e, ao serem perguntados se já tinham lido outro livro como esse antes, todos responderam que sim, devido à leitura das semanas anteriores.

Ao concluir esta atividade com a turma de 5º ano B, percebemos com estes alunos a mesma desenvoltura e familiaridade com os diálogos e o foco voltado tão somente para a história, também sem a preocupação com a estrutura do livro, mostrando que alcançamos o objetivo com esta turma, que foi o de apresentar e mostrar as principais características do gênero dramático e de promover e incentivar a leitura deste gênero literário.

Figura 17 - Registro do último encontro com a turma de 5º ano B do CEPAE



Fonte: Foto, Bibliotecária Karla Rodrigues (2017)

Isto posto, ressaltamos que nenhum destes livros lidos durante as rodas de conversa havia sido lido antes pelos alunos, demonstrando que com o projeto conseguimos não só apresentar diferentes obras literárias para que os alunos pudessem usufruir, como também divulgar o acervo da biblioteca.

Assim, ao final de todas as rodas de conversa, foi feita uma exposição de outros livros dos mesmos autores existentes na biblioteca do CEPAE/UFG, pois um dos objetivos deste trabalho foi também o de divulgar o acervo. E apresentamos uma breve biografia de cada autor e os temas sobre os quais eles mais escrevem. Portanto, conseguimos alcançar este propósito, que é o de propagação e divulgação dos serviços e do acervo da biblioteca.

4.2 QUESTIONÁRIOS

Nesta seção, falaremos a respeito dos resultados encontrados nos questionários e análise dos mesmos. Objetivamos, ao aplicá-los, mensurar por meio de porcentagens alguns hábitos de leitura e informações pertinentes à biblioteca e pessoas que estão envolvidas com ela.

Em vista disso, realizamos uma comparação de resultados entre as questões similares do questionário inicial e final aplicado com os alunos dos 5º anos e, em seguida, um comparativo entre as questões iguais ou correspondentes ao questionário aplicado aos alunos dos 5º anos com os de 7º ano do CEPAE/UFG.

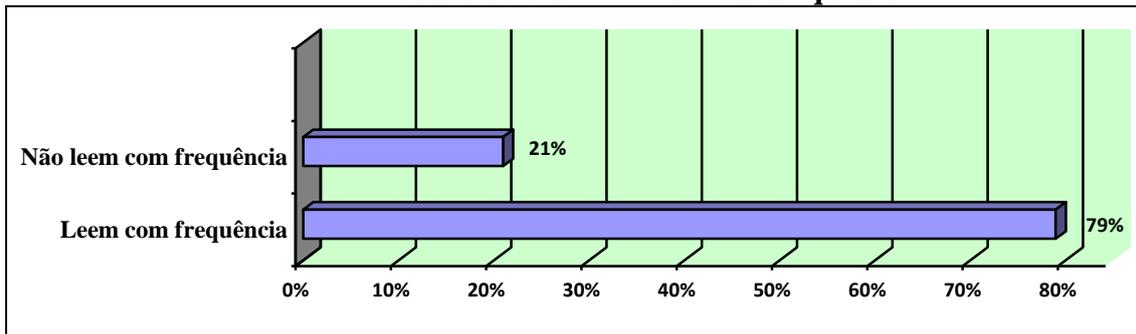
Questionário aplicado com duas turmas de alunos de 5º ano do CEPAE/UFG

A terceira atividade foi a aplicação de questionários com as turmas dos 5º anos A e B e uma turma do 7º ano. E foram respondidos pelos alunos de 5º anos, o inicial no dia da primeira atividade (Atividade Diagnóstica) e o final no último dia das rodas de conversa. Já com os alunos de 7º ano a aplicação do questionário ocorreu no mês de outubro do mesmo ano.

Primeiramente, serão descritas e exemplificadas por meio de gráficos as perguntas do questionário aplicado aos alunos de 5º anos, que correspondem a um total de 11, todas empregadas no início da pesquisa. Já o segundo questionário, aplicado no último dia de atividades, continha nove questões. E, posteriormente com alunos de uma turma do 7º ano, o questionário contendo 10 questões foi aplicado em um dia de aula cedido pela professora de Língua Portuguesa. Esta atividade teve curta duração.

Assim, no momento da aplicação do questionário inicial com os alunos de 5º ano fundamental do CEPAE/UFG, de um total de 60 alunos que constam na lista de alunos fornecida pela secretaria acadêmica da escola, 56 responderam ao primeiro questionário (Apêndice C) (não houve separação entre turmas A e B, foi feita uma análise geral, somando-se as duas turmas). Para uma melhor compreensão dos resultados, mostraremos estes em porcentagens, nas quais 56 alunos equivalerão a 100%. A seguir os resultados obtidos:

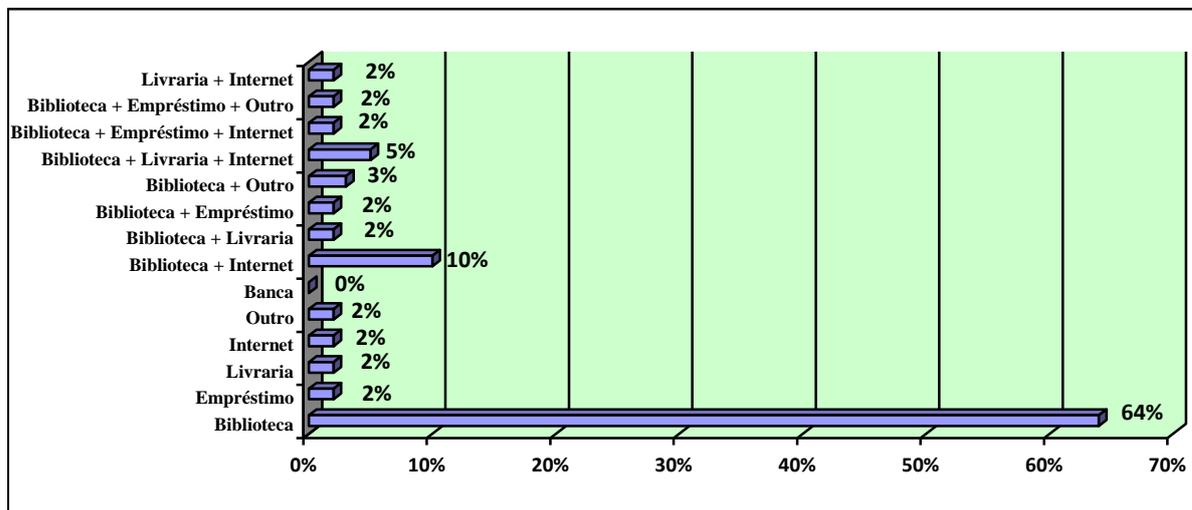
A primeira pergunta diz respeito à frequência de leitura. Os resultados foram os seguintes:

GRÁFICO 1 - Você lê com frequência?

Fonte: Produção da Própria autora.

Segundo as respostas dos alunos, 79% deles têm o costume de ler frequentemente e os outros 21% não leem com regularidade. Assim, por meio destes dados, percebemos que os alunos das turmas dos 5º anos têm uma alta regularidade de leitura. Vale ressaltar que eles possuem uma agenda de leitura e frequência à biblioteca do CEPAE/UFG, como explicitado no ANEXO E, e que essa frequência pode influenciar na regularidade das leituras, demonstrando que a agenda com visitas à biblioteca é eficaz.

A segunda pergunta diz respeito ao local onde os alunos adquiriam o seu material de leitura. Alguns alunos responderam apenas um local, já outros responderam dois e até três locais para aquisição de materiais, e as respostas foram as seguintes:

GRÁFICO 2 - Onde você adquire seu material de leitura?

Fonte: Produção da Própria autora.

64% responderam que adquirem seu material de leitura na biblioteca, mais da metade o consegue somente na biblioteca. 10% adquire seu material de leitura na biblioteca e na internet; 5% na biblioteca, em livrarias e por meio da Internet; 3% na biblioteca e em outros locais além dos elencados; 2% na biblioteca, por meio de empréstimos e pela Internet; 2% na biblioteca, por empréstimo e por outros meios; 2% na biblioteca e por meio de empréstimo;

2% na biblioteca e em livrarias; 2% nas livrarias e também pela Internet; 2% somente por meio de empréstimos; 2% somente através da Internet; 2% somente por meio de livrarias; 2% somente por outros meios, não especificados. Nenhum aluno respondeu que adquire seu material de leitura em bancas de revistas.

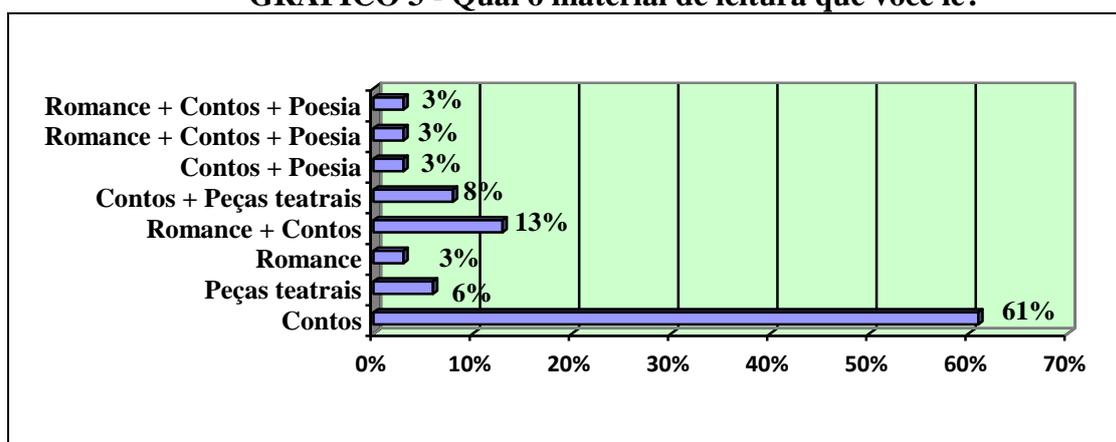
Vale destacar que somente 10% não colocaram a biblioteca como opção para a aquisição do material de leitura. Observa-se que, majoritariamente, os alunos obtêm seu material na biblioteca e na biblioteca e em outro local, seja internet, livrarias, empréstimos e outros meios.

Para esses alunos, o local onde adquirem seu material de leitura é exclusivamente a biblioteca, com 64%, mostrando o quanto ela é importante para eles, pois é lá que consultam e realizam o empréstimo de seu material de leitura, o que mostra que a biblioteca está cumprindo seu papel de fornecer e disponibilizar os mais diversos livros e materiais.

Portanto, os resultados desta questão confirmam o que foi exposto no primeiro capítulo no que diz respeito à função da biblioteca, ou seja, o de dar acesso aos mais diversos gêneros e formatos, diferentes materiais nas diversas áreas do conhecimento. Confirmam também que o local para aquisição de material de leitura ao qual os alunos têm acesso é, para a maioria, apenas a biblioteca.

A terceira pergunta relaciona-se com o gênero literário lido pelos alunos, e dentre as opções oferecidas estão: o romance, os contos, a poesia e as peças teatrais. As respostas foram as seguintes:

GRÁFICO 3 - Qual o material de leitura que você lê?



Fonte: Produção da Própria autora.

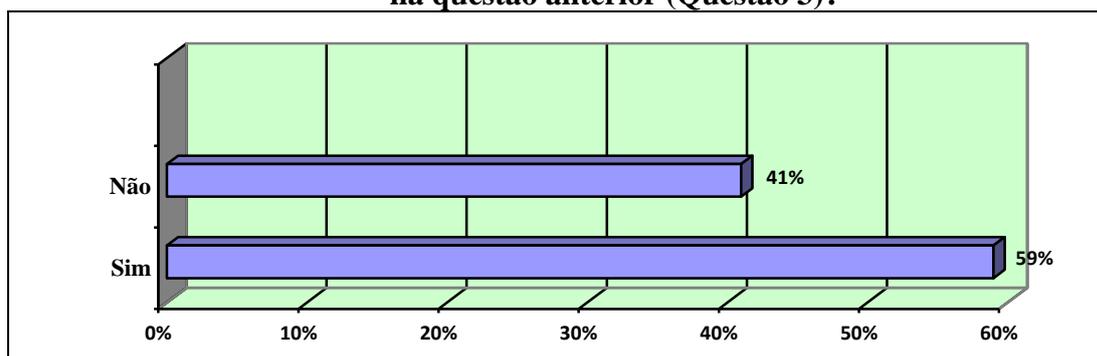
Quanto ao gênero literário lido pelos alunos, a preferência de leitura é pelos contos, com 61%, e por contos e outros gêneros; 13% leem romances e contos; 8% peças teatrais e contos; 3% poesias e contos; 3% leem romances, contos e poesias; 3% romances, contos,

poesias e peças teatrais; e os outros 6% leem somente peças teatrais e 3% somente romances. Observamos, portanto, que a maior preferência de leitura dos alunos está direcionada para os contos.

Os gêneros de leitura mais lidos por eles são os contos e os romances, sendo que as peças teatrais são a preferência de pouco mais de 6%, o que, infere-se, deve-se ao fato do pouco ou nenhum conhecimento anterior dos alunos sobre este gênero, tanto que, dos alunos que disseram gostar de ler peças teatrais, mais da metade afirma que isto aconteceu devido à mediação ou influência do professor e/ou bibliotecário - como será visto na próxima questão-, o que mostra o quanto estes profissionais são importantes para incentivar o hábito de leitura.

A quarta questão indaga a respeito da mediação. Foi perguntado aos alunos, caso eles tenham escolhido leitura literária – peças teatrais (questão número 3), se a mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou sua escolha.

GRÁFICO 4 - A mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou em sua escolha na questão anterior (Questão 3)?

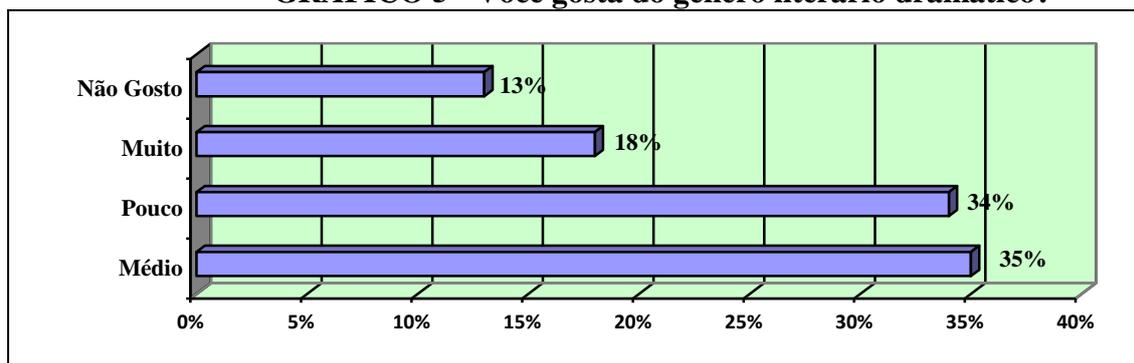


Fonte: Produção da Própria autora.

Ao escolher as peças teatrais como preferência em suas leituras (questão 3), 59% dos alunos responderam que foram influenciados pelo professor e/ou bibliotecário e 41% disseram que não foram influenciados em suas escolhas.

Cabe ao professor e ao bibliotecário apresentar aos alunos os mais diversos formatos e gêneros textuais, por meio de projetos, como o cantinho da leitura, hora do conto, dentre outros, com o intuito de estimular os alunos a apreciar a leitura e fazer dela um hábito em suas vidas. Como foi visto, o professor e o bibliotecário exerceram a função de mediadores dos textos literários e influenciaram na escolha de leitura dos alunos, como descrito na maioria das respostas.

A quinta pergunta diz respeito a gosto literário, e foi solicitado aos alunos que respondessem se gostavam do gênero literário dramático.

GRÁFICO 5 - Você gosta do gênero literário dramático?

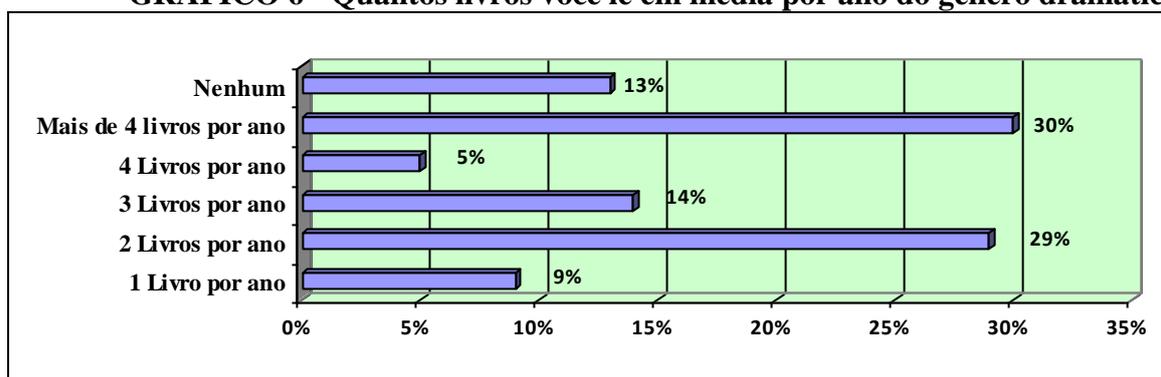
Fonte: Produção da Própria autora.

Questionados sobre o gênero literário dramático, se gostavam dele, 13% das turmas responderam que não gostavam, 34% disseram que gostavam pouco, 35%, moderadamente, e apenas 18% disseram gostar muito.

No entanto, ao fazermos as rodas de conversa, notamos que os alunos não conheciam ou tinham o hábito de ler este gênero literário, o que demonstra que estas respostas foram dadas sem um conhecimento prévio do que seria o gênero dramático.

Portanto, essa informação é de suma importância nesta pesquisa, pois percebeu-se que a maioria dos alunos participantes gosta muito e moderadamente do gênero dramático, porém não o conhecem realmente, e que seria preciso fazer esse trabalho de incentivo à leitura desse gênero literário para o divulgar e apresentar de maneira mais detalhada.

A sexta pergunta objetivou saber que quantidade de livros do gênero dramático os alunos leem em média por ano.

GRÁFICO 6 - Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?

Fonte: Produção da Própria autora.

Essa pergunta também complementa a questão anterior, pois, além de saber se os alunos gostam do gênero dramático, é preciso inteirar-se da quantidade de livros deste gênero literário que eles costumam ler em média por ano. O resultado foi o seguinte: 30% disseram ler mais de 4 livros por ano; 5% disseram ler 4 livros por ano; 14% disseram ler 3 livros por

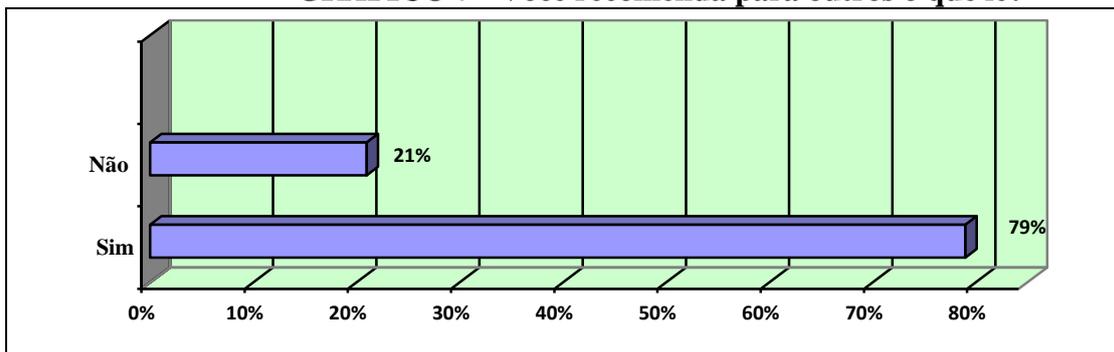
ano; 29% responderam ler 2 livros por ano; 9% leem apenas 1 livro por ano, e 13% não leem nenhum livro por ano. Contudo, essas respostas não condizem com o que foi observado nas rodas de conversa, principalmente na primeira delas.

Portanto, observamos que mais da metade dos alunos lê menos de 4 livros por ano do gênero literário dramático. Salientamos que os alunos dos 5º anos do CEPAE/UFG frequentam a biblioteca uma vez por semana, e nestas visitas eles realizam empréstimos de livros, entre 3 a 5; e, em razão dessa grande quantidade de empréstimos, o volume de leitura do gênero dramático é muito baixo. Essa questão confirma a pouca leitura deste gênero literário e, em vista disso, percebendo essa baixa procura por esses livros, é que houve o desejo de realizar esse trabalho de incentivo à leitura de livros literários do gênero dramático.

A sétima pergunta do questionário tencionou saber dos alunos dos 5º anos qual o objetivo de suas leituras. Esta questão ofereceu diversas opções, como: informação, diversão, obrigação, prazer/fruição, curiosidade, conhecimento e outros, e ao final houve uma grande variedade de respostas, sendo que a resposta que obteve uma maior porcentagem foi a leitura por curiosidade (14%), seguida pela leitura por diversão (11%), para adquirir conhecimento (10%), por obrigação (9%), pelo prazer/fruição (7%), para adquirir informação (2%).

As demais respostas tiveram mais de uma opção, sendo que a leitura por diversão e para aquisição de conhecimento tiveram 10% das respostas; por diversão, por fruição e por curiosidade tiveram 7%; por fruição e por curiosidade 2% das respostas; pela diversão e por fruição 2%; por diversão e curiosidade 2%; por fruição e para adquirir conhecimento 2%; para obter informação, por fruição e adquirir conhecimento 2%; para adquirir informação, por fruição e por curiosidade 2%; para adquirir informação, por diversão e por curiosidade 2%; para adquirir informação, por diversão e por fruição 2%; por diversão, obrigação e curiosidade 2%; por diversão e curiosidade e para adquirir conhecimento 2%; por diversão e fruição e para adquirir conhecimento 2%; para obter informação, pela diversão, por curiosidade e para obter conhecimento 3%; para obter informação, pela diversão, por fruição e para adquirir conhecimento 3%; para adquirir informação, por diversão, por fruição, por curiosidade e para adquirir conhecimento 2%; e, por fim, a opção outros não obteve nenhuma resposta.

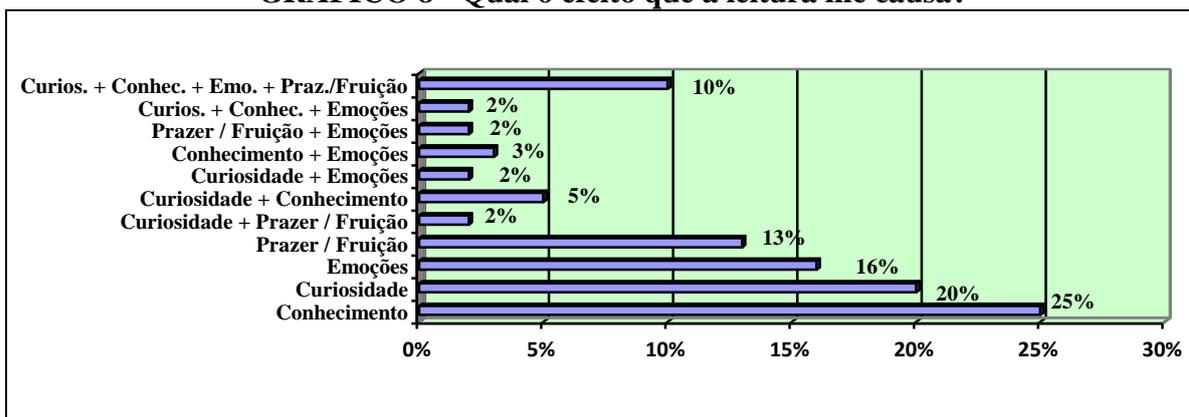
A oitava pergunta almejou saber se os alunos recomendavam para outras pessoas o que liam.

GRÁFICO 7 - Você recomenda para outros o que lê?

Fonte: Produção da Própria autora.

Observamos nesta questão que a maioria dos alunos, ao realizar suas leituras, sejam quais forem, as compartilha com seu círculo social, sejam pais, colegas ou amigos próximos.

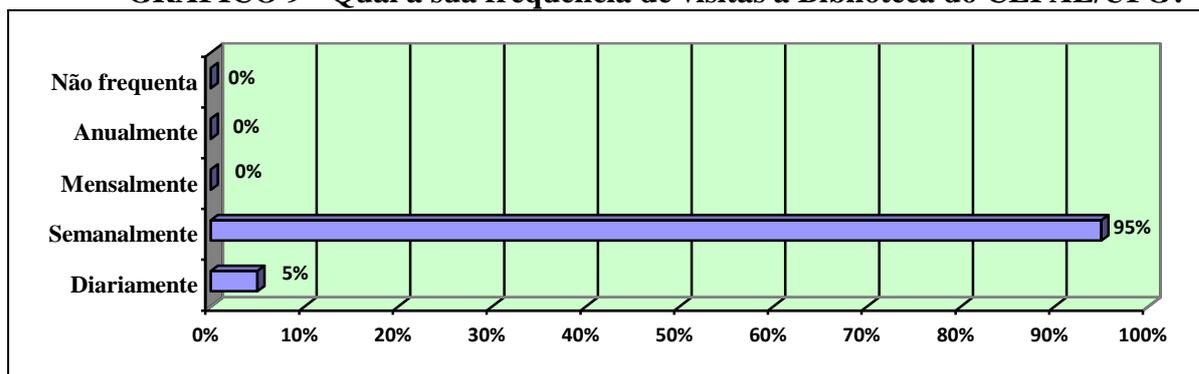
A nona pergunta desejou saber qual efeito a leitura causava nos alunos, sendo que, entre as opções curiosidade, prazer/fruição, conhecimento e emoções, houve uma variedade de respostas, como mostra o gráfico.

GRÁFICO 8 - Qual o efeito que a leitura lhe causa?

Fonte: Produção da Própria autora.

Dentre os efeitos que a leitura causava nos alunos, o conhecimento 25% obteve a maior quantidade de respostas, seguida da curiosidade 20%, a emoção 16%, a fruição 13%. Já os alunos que disseram que a leitura causava mais de um sentimento, como a curiosidade e o conhecimento, corresponderam a 5% das respostas, conhecimento e emoções 3%, curiosidade e emoções com 2%, fruição e emoções com 2%, curiosidade e fruição 2%, curiosidade, conhecimento e emoção com 2% e, por último, lhes causava vários sentimentos, como a curiosidade, a fruição, o conhecimento e emoções com 10%.

A décima pergunta objetivou saber qual a frequência de visitas dos alunos à Biblioteca do CEPAE/UFG.

GRÁFICO 9 - Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE/UGF?

Fonte: Produção da Própria autora.

Pelas respostas, podemos observar que há uma alta assiduidade dos alunos. Com 100% de visitas semanais à biblioteca e que os outros, além de irem uma vez por semana, também vão em outros momentos. É pertinente destacar que esta biblioteca possui uma agenda semanal de visitas dos alunos do ensino fundamental, da qual o 5º do CEPAE/UGF faz parte, e, pela escola ter este programa diferenciado de leitura (explicitado no capítulo 2), este índice é tão considerável, assim confirmando a eficácia desta agenda de biblioteca adotada na escola.

A última pergunta intencionou saber quais os tipos de atividades (na biblioteca) estimulariam o aluno a frequentá-la mais. Por ser essa uma questão subjetiva e por haver uma variedade de respostas, a exposição dos dados por meio de gráfico tornou-se inviável, por isto as respostas foram descritas levando-se em consideração, além da porcentagem das respostas iguais ou similares, a especificação de todas as proposições levantadas pelos alunos.

Deste modo, 14% dos alunos responderam que gostariam que a biblioteca tivesse mais livros. Sugeriram muitos livros novos, principalmente livros de ficção, mas também solicitaram uma maior quantidade de exemplares dos livros ali já existentes. Sugeriram títulos diferentes de autores que já possuem livros na biblioteca.

Outros 9% dos alunos expressaram o desejo de que houvesse mais atividades como peças teatrais na biblioteca. 4% disseram que gostariam que houvesse brincadeiras e atividades com desenhos. 4% sugeriram que houvesse mais atividades com perguntas sobre os livros. Houve quem recomendasse um clube do livro, com 4%. Outros 5% dos alunos confessaram que só frequentam a biblioteca por obrigação e não deram sugestões nesta questão. Já 16% dos alunos não opinaram, ou deram respostas que não tinham nenhuma relação com a pergunta. E, por fim, 44%, quase metade dos alunos, disseram que gostariam de mais contação de histórias.

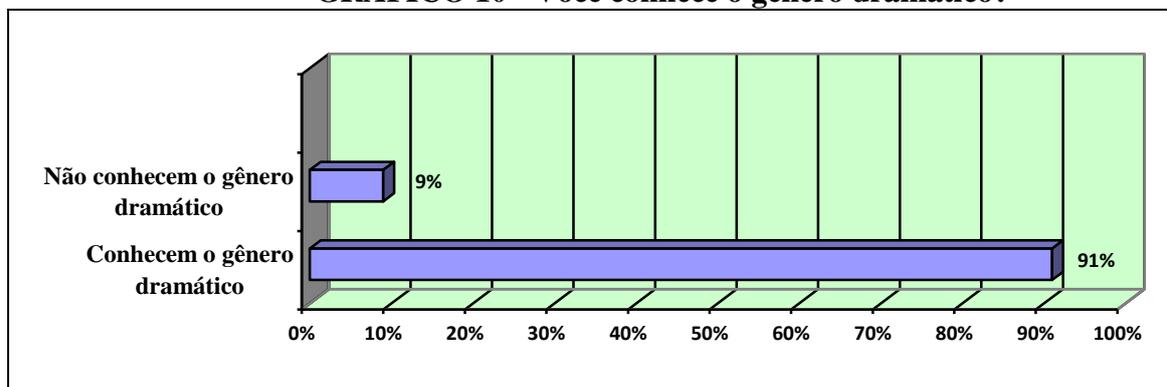
Assim, observamos que atividades como a contação de histórias, juntamente com peças teatrais, brincadeiras e atividades com desenhos, são a preferência da maioria dos

alunos, ou seja, atividades mais informais e divertidas que envolvam os alunos com professores e bibliotecários.

No momento da aplicação do questionário final com os alunos de 5º ano fundamental do CEPAE/UFG, de um total de 60 alunos que constam na lista de alunos fornecida pela secretaria acadêmica da escola, 55 responderam a este último questionário (Apêndice D). Não houve separação entre turmas A e B, foi feita novamente uma análise geral, somando-se as duas turmas. Sendo assim, para melhor compreensão dos resultados, mostraremos estes em porcentagens, com 55 alunos equivalendo a 100%. Quanto aos resultados obtidos, estes seguem abaixo:

A primeira pergunta do questionário diz respeito ao conhecimento quanto ao gênero dramático. Os resultados foram os seguintes:

GRÁFICO 10 - Você conhece o gênero dramático?



Fonte: Produção da Própria autora.

Essa questão objetivou saber qual o grau de conhecimento do gênero dramático adquirido ao final do trabalho. Esta pergunta foi feita aos alunos de 5º ano no último dia dos encontros. Das respostas fornecidas, 91% disseram conhecer e 9% não conhecer o gênero dramático. Esta assimilação do gênero também foi observada durante as rodas de conversa, visto que nos últimos encontros os alunos já não falavam a respeito da estrutura ou do tipo do livro e tão somente da história, mostrando familiaridade e conhecimento adquirido do gênero literário.

A segunda pergunta diz respeito aos livros lidos durante as quatro semanas de desenvolvimento do trabalho, e teve o intuito de saber se os alunos gostaram ou não dos livros e por quê. Por essa questão possuir tanto respostas objetivas quanto subjetivas, optou-se pela não elaboração do gráfico. Assim sendo, as respostas foram descritas levando-se em consideração, além da porcentagem, a exposição dos argumentos levantados pelos alunos.

Quanto aos livros lidos, perguntamos livro a livro de quais eles mais haviam gostado. Em primeiro lugar, ficou *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira, seguido de *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado, logo depois, *Curupira*, de Roger Mello, e, por último, *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado. Este livro de Maria Clara Machado foi o único que sofreu rejeição da maioria dos alunos. Já *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira, foi a obra com a maior aceitação e mais elogiada pelos alunos, mostrando uma preferência por livros mais cômicos. Isso foi percebido durante as rodas de conversa realizadas sobre este livro, que foi a mais dinâmica e divertida de todas. Com relação a indicarem um desses quatro livros lidos, a preferência ficou com *O Fantástico mistério de feiurinha*, com quase metade das indicações, seguido de *Pluft, o fantasminha*, *Curupira* e *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*.

Com relação aos percentuais, os resultados foram: *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira, com 76% dos alunos dizendo gostar do livro, dentre os motivos estão: o livro ser muito bom, ser legal e interessante, ser divertido, pela história ter vários contos de fadas em um só livro e pelas princesas da Disney. Outra razão pela qual gostaram do livro foram as gírias e palavras utilizadas, o suspense, o mistério e palavras. Outro ponto destacado foi o fato de o livro possuir um filme, “assim ele se torna bom” enfatizou um aluno. Por último, os alunos disseram que este livro é diferente dos contos de fadas tradicionais, as falas são bem elaboradas e por isso o apreciaram, pois nunca tinham visto outro livro como este antes. Os outros 24% dos alunos disseram não gostar do livro, dentre os motivos, estão: por ele ter muitos xingamentos, não ser legal, não ser divertido, ser entediante, ser chato, por ser um livro para meninas e por não gostarem deste tipo de livro.

O livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado, obteve 62% de apreciação pelos alunos, e dentre os motivos pelos quais os alunos disseram ter gostado, estão: o livro ser muito bom, ser legal e interessante, por ele ser divertido e engraçado, por apresentar brincadeiras diferentes, por ser cheio de histórias, por ter a história da sopa de pedras e as brincadeiras e, por último, por ter os bonecos e os fantoches. Já os outros 38% dos alunos disseram não ter gostado do livro, e as razões foram: o livro ser chato e sem emoção, ser enjoativo, por ter muitos diálogos e não ter suspense, por não ser nada interessante e, por fim, por não entenderem a história.

O livro *Curupira*, de Roger Mello, teve uma aceitação de 58% dos alunos e dentre os motivos pelos quais gostaram, estão: por falar sobre o folclore e as lendas brasileiras, por causar terror e suspense e pelos nomes estranhos existentes nele. Os outros 42% dos alunos disseram não ter gostado do livro e os motivos foram: por ele ser chato, ser estranho, ser

enjoativo, por não entenderem a história, por não gostarem de folclore nem de lendas brasileiras e também por não estarem acostumados com livros do gênero dramático.

E, por último, o livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, obteve a aceitação de 49% dos alunos e as justificativas dadas pelos alunos para terem gostado do livro foram as seguintes: por ele ser muito bom, ser legal e interessante, ser divertido e engraçado, ter suspense e fantasmas, por ter músicas divertidas e por falar de um menino fantasma e este menino ter medo de gente. Já 51% dos alunos disseram não gostar do livro. E as razões dadas por eles foram: pelo livro não ter emoção, ser enjoativo, ser muito confuso, por possuir músicas chatas e não ser nada interessante, por não ser narrado, por não entenderem a história e por ser muito longo.

Percebe-se que somente o último livro teve uma rejeição maior que a aceitação - mesmo *Pluft* sendo considerado um clássico-, mostrando que os alunos ainda precisam aprimorar sua competência leitora, sendo atraídos por histórias que os satisfaçam, representadas por livros mais cômicos e voltados para o mercado editorial e cinematográfico - livro e filme de *Feiurinha*, citado por um dos alunos. Destacamos que a seleção dos livros atendeu aos seguintes critérios: serem publicações de autores brasileiros, serem do gênero dramático, estarem disponíveis na biblioteca do CEPAE/UFG e que os autores fossem notadamente reconhecidos, e assim, por não ser o foco dessa pesquisa, não buscamos estudar a competência de leitura dos alunos, mas tão somente promover a formação de leitores literários do gênero dramático.

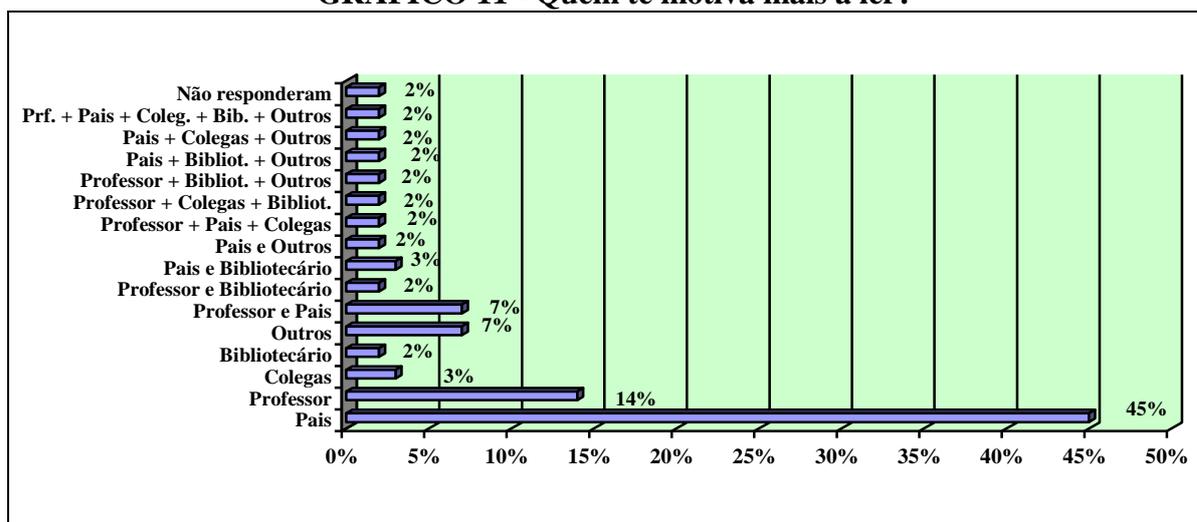
A terceira pergunta objetivava saber qual dos livros citados na questão anterior (nº 2) eles indicariam a outras pessoas ou se não o fariam. Por essa questão possuir tanto respostas objetivas quanto subjetivas, optou-se pela não elaboração do gráfico. Deste modo, as respostas foram descritas levando-se em consideração, além da porcentagem, os motivos que levariam os alunos a indicar estes livros a outras pessoas.

Assim, 13 % dos alunos disseram que não indicariam nenhum dos livros lidos durante a atividade. Já outros 87% dos alunos asseveraram que indicariam um dos livros, sendo que estes 87% dividem-se em: 47% indicariam o livro *O fantástico mistério de feiurinha*, 14% o livro *Pluft, o fantasminha*, 13% o livro *Curupira*, 7% o livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, 4% os livros *Curupira* e *O fantástico mistério de feiurinha* e 2% os livros *O Fantástico mistério de feiurinha* e *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*. Desse modo, a preferência de indicação dos alunos foi para o livro *O fantástico mistério de feiurinha*, dentre todos os livros lidos durante os encontros.

A quarta pergunta teve o intuito de saber se os alunos liam outros livros como estes, ou seja, do gênero dramático. Essa questão, como a anterior, também obteve respostas objetivas e subjetivas. Assim, as respostas foram descritas levando-se em consideração, além da porcentagem, o motivo pelo qual os alunos liam outros livros como os do gênero dramático. 80% dos alunos responderam que liam, sim, outros livros do gênero dramático. Já os outros 20% não liam outros livros como estes, sendo que, destes, 20% dividem-se em: 15% que disseram não gostar deste gênero literário, 3% disseram que não liam outros livros como estes por acharem-no chato e 2% disseram gostar realmente de outros gêneros literários. Esse alto percentual de 80% dos alunos dizendo que liam, sim, outros livros do gênero dramático mostra que os alunos compreenderam e gostaram desse gênero literário.

A quinta pergunta intencionou saber quem mais os motivava a ler, se professores, pais, colegas, bibliotecários ou outras pessoas.

GRÁFICO 11 - Quem te motiva mais a ler?



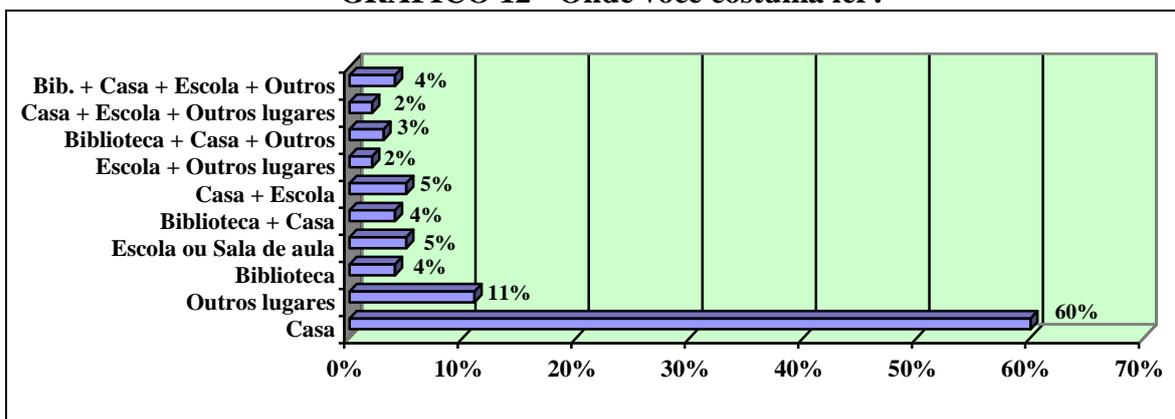
Fonte: Produção da Própria autora.

Quanto a saber quem são as pessoas que mais os motivaram a ler, os pais foram citados em 45% das respostas, seguidos por professores com 14%, por colegas com 3%, por bibliotecários com 2% e outras pessoas com 7%. Dentre os alunos que disseram que mais de uma pessoa os motivaram a ler, estão os seus pais e professores com 7%; seus pais e o bibliotecário com 3%; os professores e o bibliotecário com 2%; os pais e outras pessoas com 2%; os pais junto com professores e colegas com 2%; os professores, os colegas e bibliotecário com 2%; os professores mais o bibliotecário e outros com 2%; os pais, o bibliotecário e outros com 2%; os pais, colegas e outros com 2%; os professores, pais, colegas, bibliotecário e outros com 2%; e, por fim, 2% não responderam quem os motivou a ler.

Este percentual de cerca de 59% dos alunos dizendo que são seus pais e professores que os motivam a ler mostra o quanto é importante os mediadores e motivadores de leitura para incentivar essas crianças a ler, e que pais que leem para si e para seus filhos os estimulam a buscar e desejar conhecer diferentes estilos literários.

A sexta pergunta objetivou saber qual o local onde os alunos costumavam ler.

GRÁFICO 12 - Onde você costuma ler?

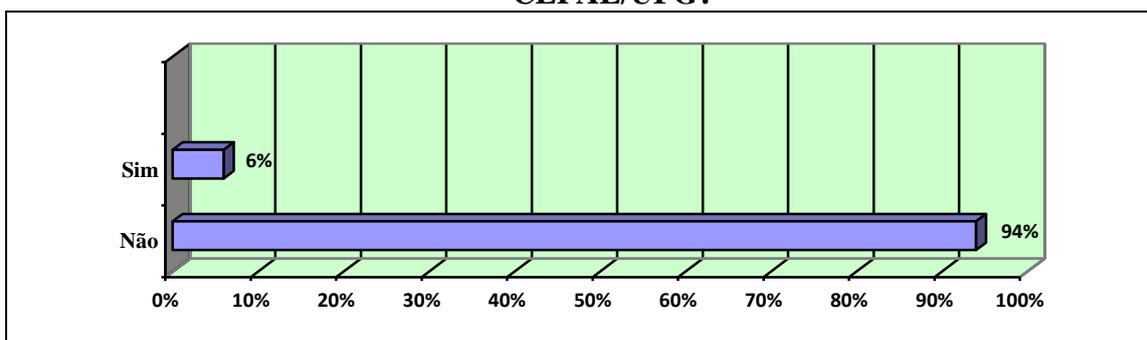


Fonte: Produção da Própria autora.

Dentre as opções relatadas, a leitura em casa teve o maior número de respostas, com 60%, seguida da leitura em outros lugares, não especificados com 11%. Logo após, temos a leitura na escola ou sala de aula 5%, e a leitura na biblioteca com 4%. Já entre os alunos que disseram ler em mais de um local, 4% afirmaram ler na biblioteca, 5% na escola e em casa, 2% na escola e em outros lugares, 3% na biblioteca, em casa e em outros lugares, 4% em casa, na escola e em outros lugares e, por último, 4% disseram ler tanto em casa, na escola, na biblioteca e em outros lugares. Deste modo, observamos que a maioria dos alunos costuma ou prefere realizar suas leituras em suas casas.

Na sétima questão, foi perguntado se os alunos frequentam outra biblioteca, além da biblioteca do CEPAE/UFG.

GRÁFICO 13 - Você frequenta outra biblioteca, além da biblioteca do CEPAE/UFG?

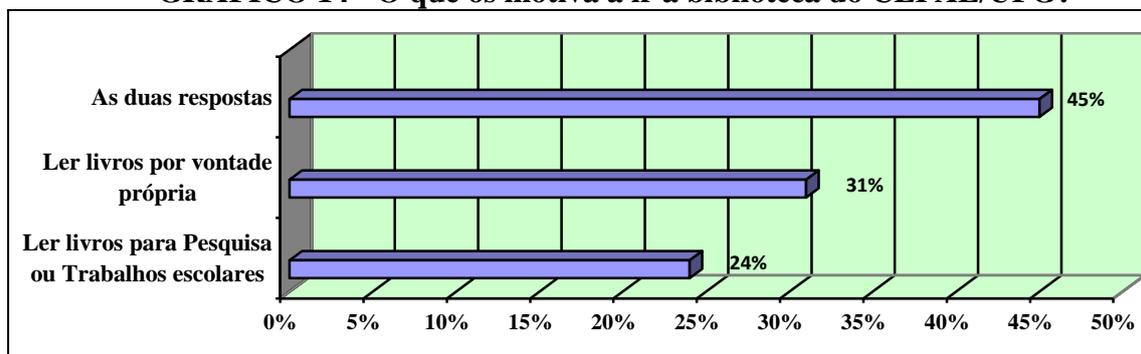


Fonte: Produção da Própria autora.

Ao serem indagados a respeito de frequentarem outra biblioteca que não seja a do CEPAE/UFG, 94% responderam que frequentam tão somente a biblioteca do CEPAE/UFG, os outros 6% disseram que, além de irem à biblioteca da escola, também vão em outras. O que mostra mais uma vez o quanto a biblioteca da escola é importante para esses alunos. Por isso, a escola deve oferecer oportunidade para que os alunos adentrem o universo da leitura e do conhecimento, oferecendo estrutura física, material e profissional aos alunos.

Na oitava questão, foi perguntado sobre os motivos para ir à biblioteca do CEPAE/UFG.

GRÁFICO 14 - O que os motiva a ir à biblioteca do CEPAE/UFG?



Fonte: Produção da Própria autora.

Ainda sobre a biblioteca do CEPAE/UFG, perguntamos o que os motivava a ir a este espaço. 24% dos alunos responderam que era para ler livros para a pesquisa ou trabalhos escolares, 31% que era para ler livros por vontade própria e 45% disseram ir à biblioteca pelos dois motivos citados anteriormente. Esta questão mostra que a biblioteca da escola é usada por estes alunos tanto para suprir as necessidades informacionais, quanto para o próprio entretenimento ou prazer. Deste modo, cumpre o seu papel, que é a de oferecer recursos materiais para a aquisição do conhecimento, para o divertimento ou leitura pelo prazer.

A última pergunta teve o propósito de saber quais os tipos de atividades (na biblioteca) estimulariam o aluno a frequentar mais a Biblioteca do CEPAE/UFG. Esta questão é a única que foi reiterada tanto no questionário inicial quanto no final. Seu objetivo era o de saber se houve alguma mudança de opinião quanto às atividades que os estimulariam a frequentar mais a biblioteca.

Por ser essa uma questão subjetiva e por haver uma variedade de respostas, a exposição dos dados por meio de gráfico também se tornou inviável como em questões anteriores, por isso as respostas foram descritas levando-se em consideração a porcentagem das respostas iguais ou similares e a especificação das sugestões levantadas pelos alunos.

E assim, 16% dos alunos disseram que a leitura é a atividade que os estimula a frequentar a biblioteca do CEPAE/UFG; 27% afirmaram que só frequentam a biblioteca por obrigação, ou seja, para fazer atividades escolares, e por isso não deram sugestões de atividades. Já 7% dos alunos responderam que gostariam que houvesse mais livros e mais títulos diferentes de autores dos quais já existem obras na biblioteca. Outros 15% que houvesse mais contação de histórias; 2% sugeriram que fosse promovida uma exposição de livros e 4% que houvesse oficinas para a confecção de livros; outros 9% sugeriram mais atividades com perguntas e discussões sobre livros. 7% sugeriram mais atividades lúdicas como peças teatrais no ambiente da biblioteca e, por fim, 13% dos alunos não opinaram, ou deram respostas que não tinham nenhuma relação com a pergunta.

Nos dois questionários, inicial e final, as respostas foram similares, mostrando desejo pela aquisição de materiais para a biblioteca, e por atividades mais lúdicas, como a contação de histórias, encenação de peças teatrais, brincadeiras e atividades com desenhos. Observa-se assim que as práticas dinâmicas e divertidas - atividades inovadoras e diferenciadas - que envolvem os alunos juntamente com professores e bibliotecários na biblioteca são a preferência da maioria dos alunos

4.3 COMPARAÇÃO DE RESULTADOS

Questionário aplicado numa turma de alunos de 7º ano do CEPAE/UFG

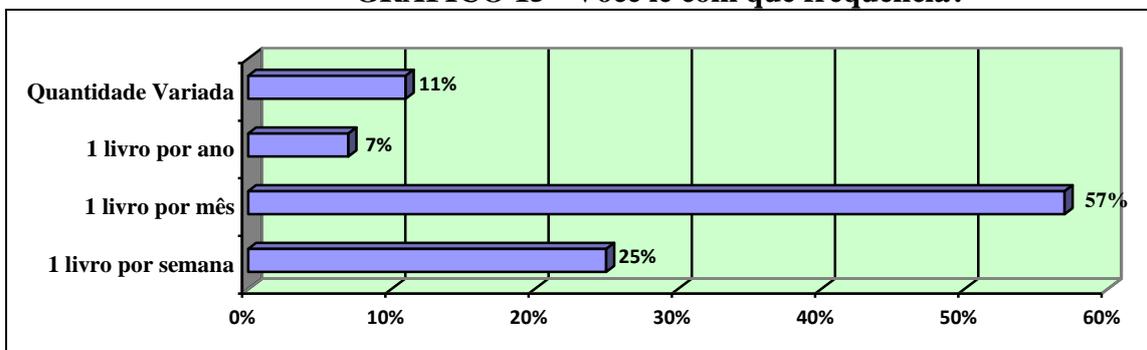
A comparação entre as questões iguais ou correspondentes ao questionário aplicado aos alunos dos 5º anos (1ª fase) com os de 7º ano (2ª fase) do ensino fundamental do CEPAE/UFG teve o intuito de verificar quais os hábitos de leitura, frequência de idas à biblioteca e conhecimento sobre o gênero dramático – lido durante as rodas de conversa com os alunos dos 5º anos –, pois as turmas de 2ª fase já não possuem uma agenda de visitas à biblioteca, por isso, aplicamos um questionário na turma para verificar se existem mudanças depois que eles passam para a segunda fase, e para verificar a hipótese de que esta mudança geraria a diminuição de visitas à biblioteca, do número de empréstimos e, conseqüentemente, das leituras.

Na aplicação do questionário aos alunos de 7º ano do ensino fundamental do CEPAE/UFG, a turma contava com um total de 31 alunos na lista fornecida pela secretaria acadêmica da escola, sendo que dentre estes um aluno havia sido transferido da escola, totalizando ao final 30 alunos, dos quais 28 responderam ao questionário (Apêndice E). Ressaltamos que foi selecionada apenas uma turma para a aplicação deste questionário e se

deu de maneira aleatória. Como realizado nas turmas dos 5º anos e para melhor compreensão dos resultados, mostraremos as respostas em porcentagens, sendo que 28 alunos equivalerão a 100%. Os resultados seguem abaixo:

A pergunta diz respeito à frequência de leitura.

GRÁFICO 15 - Você lê com que frequência?



Fonte: Produção da Própria autora.

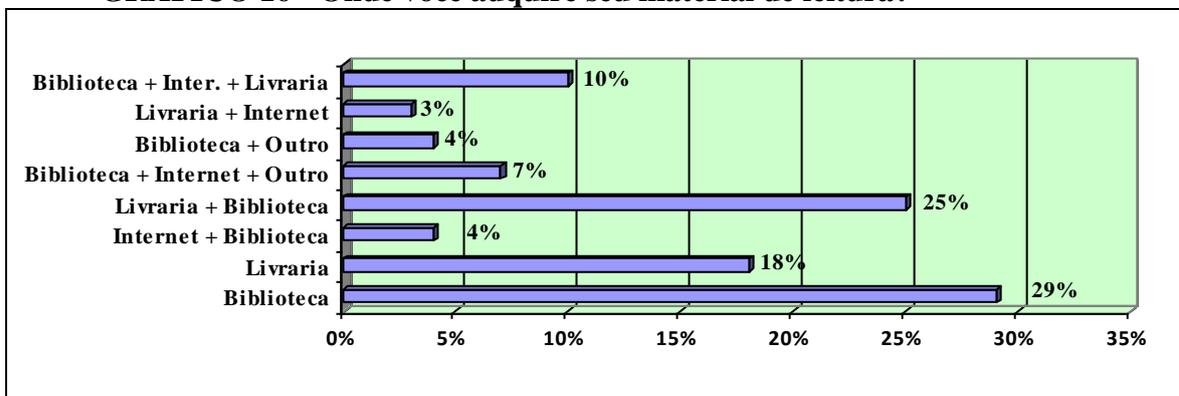
A primeira pergunta feita aos alunos de 7º ano do fundamental teve a finalidade de conhecer a frequência de leitura deles. O resultado foi o seguinte: 25% disseram que leem 1 (um) livro por semana; 4% leem 2 (dois) livros por semana; 57% leem 1 (um) livro por mês e, por fim, 7% leem somente 1 (um) livro por ano. Já outros alunos responderam que leem uma quantidade variada de livros; 4% disseram que leem todos os dias, dependendo dos livros, e 3% responderam que leem uma hora ou outra, não definindo a frequência exata ou quantidade de livros.

Assim, percebemos que mais da metade dos alunos costuma ler apenas 1 livro por mês, diferente dos alunos dos 5º anos, que têm uma frequência de leitura alta (Gráfico 1) e também um alto índice de visitas semanais à biblioteca (Gráfico 10). Contudo, há que se salientar que isso é relativo, pois a complexidade das obras lidas deve ser levada em consideração, e as turmas da chamada segunda fase leem, em geral, livros mais densos, não sendo a quantidade de um livro por mês considerada baixa - ler um romance por mês, por exemplo, é um dado extremamente positivo -, dado que a 2º fase possui mais disciplinas, e a qualidade e complexidade de leituras são maiores. Mas quanto ao aproveitamento de leituras e usos da biblioteca do CEPAE/UFG constatou-se que é bem mais regular entre os alunos dos 5º anos.

Portanto, a quantidade de leituras e usos da biblioteca do CEPAE/UFG é bem mais evidente nos alunos dos 5º anos. Em relação aos alunos da turma de 7º ano, suas visitas à biblioteca durante as semanas são consideravelmente menores, mostrando mais uma vez como a agenda de biblioteca adotada pela 1ª fase é vantajosa.

A segunda pergunta diz respeito ao local onde os alunos adquiriam o seu material de leitura.

GRÁFICO 16 - Onde você adquire seu material de leitura?



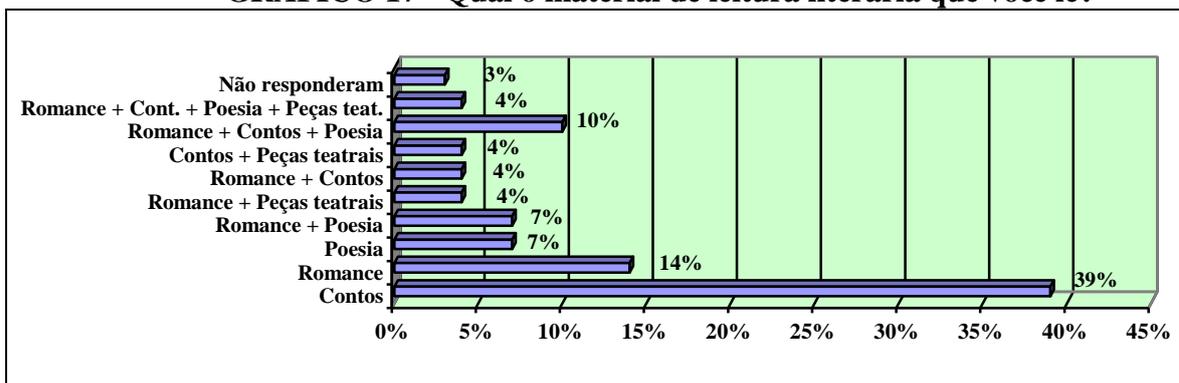
Fonte: Produção da Própria autora.

Quanto ao local onde os alunos adquirem seu material de leitura, a biblioteca apareceu em primeiro lugar com 29% das respostas, seguida das livrarias com 18%. Já entre os alunos que adquirem seu material em mais de um local, 25% citaram as livrarias e a biblioteca; outros 4% a Internet e biblioteca; 7% a biblioteca, Internet e outros meios, estes não especificados; 10% a biblioteca, Internet e livraria; 4% a biblioteca e outros meios, não especificados. Por fim, 3% dos alunos disseram adquirir seu material de leitura em livrarias e na Internet.

Portanto, para os alunos de 7º ano, as livrarias e as bibliotecas foram citadas como seus locais prediletos para a aquisição de livros, com cerca de 72%. Já 64% dos alunos de 5º ano adquirem seu material tão somente na biblioteca. Isso mostra que os alunos de 7º ainda buscam livros na biblioteca, só que também utilizam outros meios para aquisição de livros.

A terceira pergunta relaciona-se com o gênero literário lido pelos alunos, dentre as opções estão o romance, contos, poesia e peças teatrais. As respostas fornecidas pelos alunos foram as seguintes:

GRÁFICO 17 - Qual o material de leitura literária que você lê?



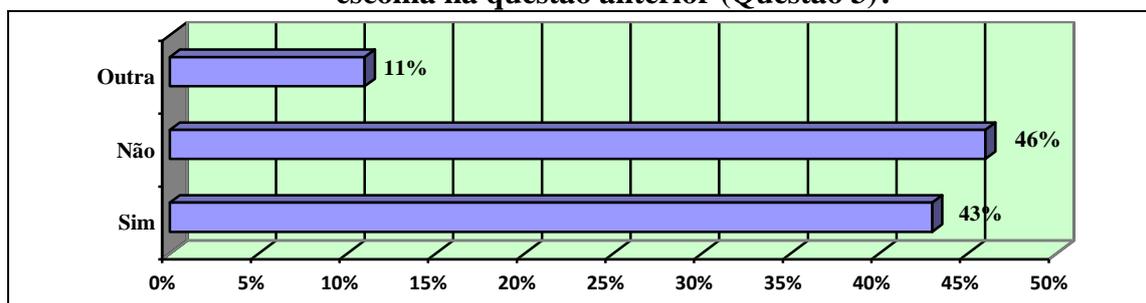
Fonte: Produção da Própria autora.

As preferências de leitura dos alunos foram em sua maioria para os contos, com 39%, e romances, com 14%. Já a poesia ficou com 7% da preferência de leitura. Entre os que leem mais de um gênero literário, 7% citaram romances e poesia, 4% os romances e as peças teatrais; 4% os romances e os contos; 4% os contos e as peças teatrais; 4% os romances, os contos e as peças teatrais; 10% os romances, os contos e a poesia; 4% os romances, os contos, a poesia e as peças teatrais e; por fim, 3% responderam não ler nenhum destes gêneros literários.

Logo, a preferência pelos contos e os romances consiste na maioria das respostas, semelhante às respostas dadas pelos alunos dos 5º anos, que também preferem, em sua maioria, ler estes dois gêneros literários. Já as peças teatrais tiveram poucas respostas, mostrando certa rejeição, similar ao que aconteceu nas turmas dos 5º anos.

A quarta questão indaga a respeito da mediação. Foi perguntado aos alunos, caso eles tivessem escolhido leitura literária – peças teatrais (questão número 3), se a mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou em sua escolha.

GRÁFICO 18 - A mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou em sua escolha na questão anterior (Questão 3)?

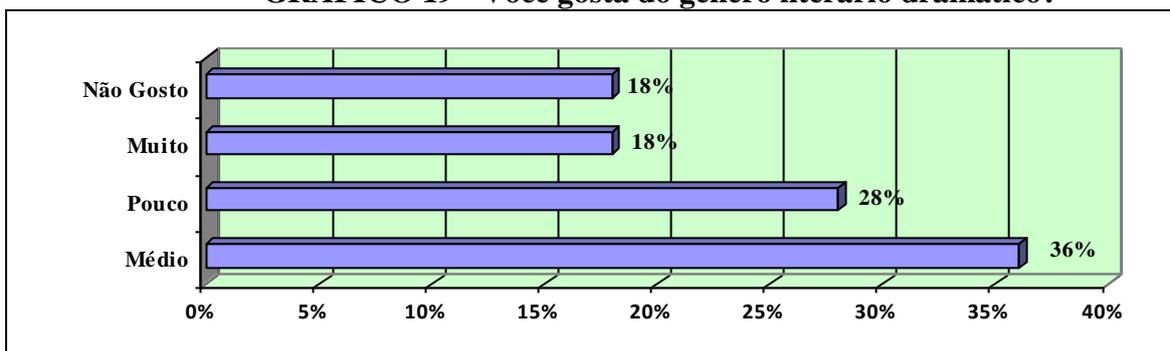


Fonte: Produção da Própria autora.

Essa questão está ligada à questão anterior, pois objetiva saber se os alunos que escolheram as peças teatrais como preferência em suas leituras receberam alguma influência do professor e/ou bibliotecário em sua escolha. Do total, 43% responderam que o professor/bibliotecário influenciou de alguma forma em sua escolha. Outros 46% disseram que não foram influenciados em suas escolhas. 7% não responderam à questão e 4% disseram que às vezes o professor/bibliotecário influenciam em suas escolhas.

Ao serem questionados se foram influenciados pelo professor e/ou bibliotecário, quanto a escolher peças teatrais, os alunos de 7º ano ficaram divididos, já com os alunos de 5º ano foi diferente, a maioria disse ter sido influenciada em suas escolhas.

A quinta pergunta diz respeito a gosto literário. Foi solicitado aos alunos do 7º ano que respondessem se gostavam do gênero literário dramático.

GRÁFICO 19 - Você gosta do gênero literário dramático?

Fonte: Produção da Própria autora.

Quando perguntados sobre o gênero dramático, se gostavam ou não, 36% dos alunos de 7º ano disseram gostar moderadamente, enquanto 18% afirmaram gostar muito, 28% declararam gostar pouco e 18% confessaram não gostar deste gênero literário.

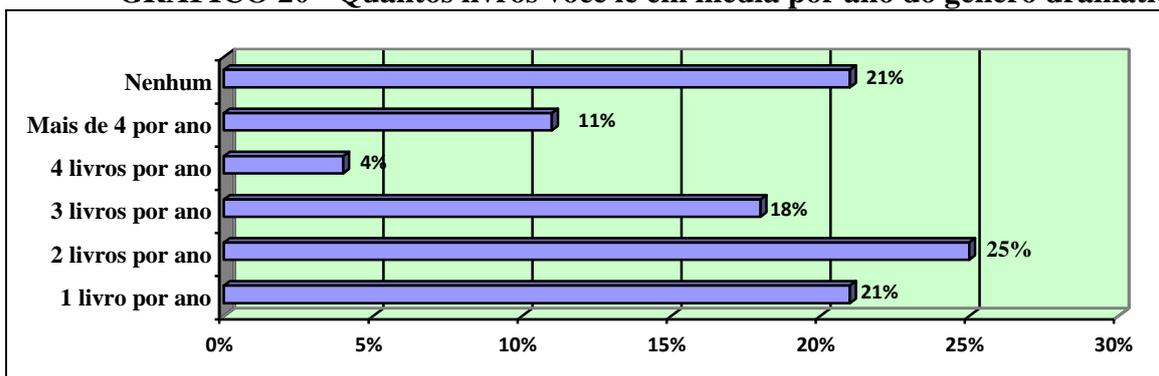
Ao serem questionados a respeito de quantos destes livros eles tinham o hábito de ler por ano (o próximo gráfico - 21), os alunos responderam em sua maioria ler entre 1 a 4 livros em média, já 21% disseram não ler nenhum destes livros.

Um ponto que verificamos nestas duas questões foi que, nas turmas dos 5º anos, somente nas rodas de conversa conseguimos observar que os alunos não sabiam, e que pouquíssimos alunos haviam lido obras deste gênero, contradizendo o que eles tinham respondido no questionário.

Devemos considerar que a agenda de leitura da segunda fase prevê a leitura de pelo menos uma obra dramática por ano, uma vez que, segundo o plano de ensino de Língua Portuguesa, os alunos precisam ler uma obra indicada pelo professor de cada um dos gêneros considerados mais importantes – um livro de contos, um de poesia, um romance e uma peça teatral – além de uma obra de livre escolha a cada bimestre.

Portanto, infere-se que os alunos não se atentaram para que alguns dos livros lidos por indicação docente são peças teatrais, não tendo observado as características deste gênero. E assim, por não realizarmos com a turma de 7º ano a roda de conversa, não foi possível verificar se eles realmente assimilaram o que é uma obra literária dramática.

A sexta pergunta objetivou saber quantos livros do gênero dramático os alunos leem em média por ano.

GRÁFICO 20 - Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?

Fonte: Produção da Própria autora.

Em se tratando da quantidade de livros do gênero dramático lida no decorrer do ano, os alunos responderam em sua maioria ler entre 1 a 4 livros em média por ano, sendo que 21% leem 1 livro por ano, outros 25% leem 2 livros por ano, 18% disseram ler 3 livros por ano e 4% dos alunos responderam que leem em média 4 livros por ano. Apenas 11% dos alunos disseram que leem mais de 4 livros por ano e, por fim, 21% dos alunos responderam que não leem nenhum livro deste gênero literário durante o ano.

A sétima questão intencionava saber qual o objetivo da leitura para os alunos de 7º ano. Por ela oferecer diversas opções, houve uma grande variedade de respostas, e se tornou inviável a elaboração de gráfico, sendo que os resultados que tiveram maiores porcentagens foram a leitura por diversão, com 14%, seguida pelas leituras para adquirir informação e por obrigação, com 11%, e os que leem por curiosidade, com 4%.

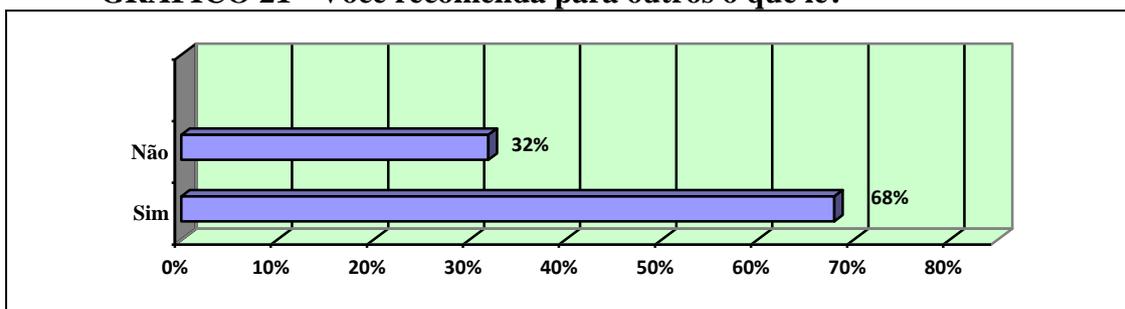
O restante dos alunos respondeu que a leitura para eles tinha mais de um objetivo, como o prazer/fruição e para aquisição de conhecimento, com 4%; para adquirir informação e por obrigação, com 4%; por fruição e emoção, com 4%; por diversão e conhecimento, com 4%; para adquirir informação, por curiosidade e conhecimento, com 4%; pela diversão, por fruição e emoção, com 4%; pela diversão, por curiosidade e para aquisição de conhecimento, com 3%; por obrigação, por fruição e conhecimento, com 3%; para adquirir informação, por diversão, curiosidade e conhecimento, com 7%; pela diversão, por fruição, conhecimento e emoção, 7%; pela diversão, por obrigação, fruição e curiosidade, 3%; para adquirir informação, pela diversão, fruição, conhecimento e emoção, 3%; por informação, fruição, curiosidade, conhecimento e emoção, com 3% e; por último, 7% dos alunos disseram que leem por diversão, por fruição, por curiosidade, para a aquisição de conhecimento e por emoção.

Quanto ao objetivo da leitura para a turma de 7º ano, os percentuais são similares aos dos alunos dos 5º anos, ou seja, eles leem para adquirir informação, conhecimento, por

obrigação (segundo eles, as escolares). O que se destacou nos 5º anos foi a leitura por curiosidade e no 7º a leitura por diversão, mostrando que eles buscam, além de cumprir com suas obrigações escolares, uma satisfação pessoal de leitura.

A oitava pergunta almejou saber se os alunos recomendavam para outras pessoas o que leem.

GRÁFICO 21 - Você recomenda para outros o que lê?

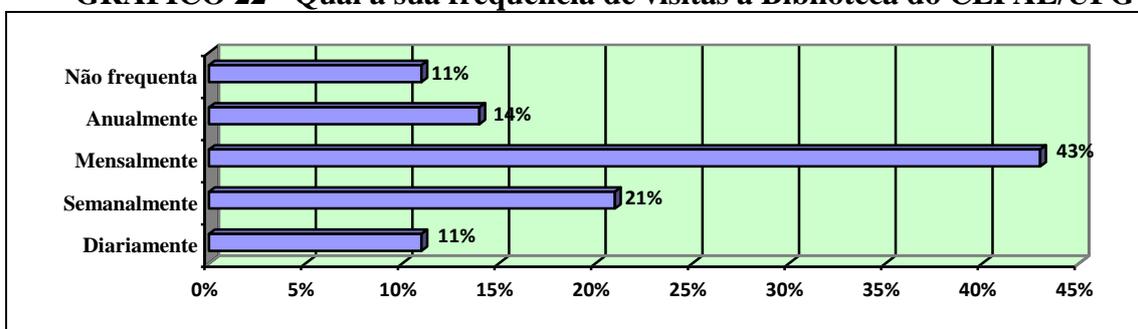


Fonte: Produção da Própria autora.

Quanto a recomendar suas leituras a outros, a maioria dos alunos da turma do 7º ano disse recomendar, num total de 68%. Pelo fato de a questão não solicitar a quem estes alunos indicavam suas leituras, acreditamos que eles a compartilham com seu círculo social, sejam pais, colegas, amigos e outros que estejam próximos. Já os alunos que responderam não recomendar para outras pessoas o que leem foram 32%. Esse alto índice de recomendação dos alunos de 7º ano é semelhante ao dos alunos de 5º ano, mostrando que as duas turmas possuem o mesmo desejo de socialização e compartilhamento de suas leituras, com amigos, família e outros.

A nona pergunta objetivou saber qual a frequência de visitas dos alunos à Biblioteca do CEPAE/UFG.

GRÁFICO 22 - Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE/UFG?



Fonte: Produção da Própria autora.

No que diz respeito à frequência de visitas dos alunos de 7º ano à Biblioteca do CEPAE/UFG, 43% responderam que a visitam mensalmente, outros 21% disseram que a

visitam semanalmente, 11% declararam que a visitam diariamente, 14% afirmaram visitar a biblioteca anualmente e 11% dos alunos revelaram que não a frequentam.

Como já salientamos, a complexidade da leitura literária na segunda fase é diferenciada, no entanto, voltamos a afirmar que a frequência à biblioteca diminuiu consideravelmente, visto que alguns alunos não a frequentam, ou mesmo vão apenas uma vez por ano, mostrando um desprendimento desses alunos em relação à biblioteca. Enquanto, na turma de 5º ano, a quantidade de leituras e usos da biblioteca do CEPAE/UFG é bem mais visível.

A última pergunta teve o propósito de saber quais os tipos de atividades (na biblioteca) estimulariam o aluno de 7º ano a frequentar mais a Biblioteca do CEPAE/UFG.

Por ser essa uma questão subjetiva e por haver uma variedade de respostas, optou-se pela não elaboração do gráfico, por isto as respostas foram descritas levando-se em consideração a porcentagem das respostas iguais ou similares e a especificação das sugestões ou queixas levantadas pelos alunos.

Deste modo, 21% dos alunos solicitaram que houvesse mais livros novos no acervo da biblioteca do CEPAE/UFG. Outros 18% responderam que gostariam que houvesse mais atividades (não especificaram quais seriam) e leituras em grupos; 4% dos alunos disseram que é pela leitura que frequentam a biblioteca do CEPAE/UFG. Já outros 4% dos alunos responderam que gostariam que houvesse a doação de livros a eles; 7% não deram sugestões de atividades e responderam que vão somente à biblioteca para acessar o *wi-fi*; 21% dos alunos responderam que só frequentam a biblioteca por obrigação, ou seja, para fazer atividades escolares, como pesquisa, resumos etc., e por isso não deram sugestões. Outros 11% dos alunos não opinaram, ou deram respostas que não tinham nenhuma relação com a pergunta. 14% responderam que nenhum tipo de atividade os faria ir à biblioteca.

Em vista do que foi colocado, e buscando por meio desse comparativo verificar alguns hábitos de leitura e informações relacionadas à biblioteca e às pessoas que estão envolvidas com ela, ficou evidente que ocorrem mudanças dos hábitos de leitura da primeira para a segunda fase e que as visitas e empréstimos de livros sofrem uma mudança considerável. No entanto, também existem interesses semelhantes, como atividades nas bibliotecas, compartilhamento de leituras, objetivos de leituras, dentre outros.

Quanto ao gênero dramático, objeto de pesquisa nas duas turmas, em um primeiro momento achamos que os alunos tinham dele certo conhecimento, porém, esta ideia foi desconstruída ao realizarmos as rodas de conversas com os alunos de 5º. Infelizmente por não fazermos essa mesma atividade - as rodas de conversa - com os alunos de 7º ano, não

podemos fazer esse tipo de afirmação com essa turma. Por fim, é importante fazermos esse comparativo para observarmos e buscarmos meios para oferecer oportunidades para que os alunos adentrem ou se aprofundem cada vez mais nos livros, usufruam das bibliotecas, e vejam nos profissionais da escola e pais incentivadores de leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos possibilitou compreender o importante papel da biblioteca escolar como provedora de conhecimento, os percalços pela qual ela passou desde a sua chegada no Brasil com os Jesuítas até os dias atuais, com a criação de leis e projetos que almejam torná-la um espaço democrático de acesso ao conhecimento e de incentivo à leitura a todos os alunos das escolas.

Neste contexto, esta pesquisa teve por finalidade a formação de leitores no ambiente da biblioteca escolar, e como objetivo geral incentivar a leitura literária do gênero dramático junto aos alunos de 5º anos, pois foi observado de maneira empírica que, mesmo com um alto volume de empréstimos de livros, resultado da agenda de biblioteca, adotada na 1º fase do ensino fundamental do CEPAE/UFG, poucos eram os empréstimos de livros do gênero literário dramático; e assim, houve o desejo de responder à seguinte problemática: como promover o incentivo à leitura literária do gênero dramático junto aos alunos de 5º ano do CEPAE/UFG? Os meios utilizados para responder a tal questionamento foram os questionários e as rodas de conversa.

Já com os alunos de 7º ano, fizemos a aplicação de um questionário em uma das turmas de 7º ano do ensino fundamental do CEPAE/UFG, para assim realizarmos um comparativo com as turmas de 5º ano, a respeito dos usos da biblioteca, hábitos de leitura do gênero dramático, e comprovar ou não a hipótese de que a mudança no plano de ensino da disciplina de Língua Portuguesa das turmas da 1º para a 2º fase do fundamental resulta em uma significativa diminuição nos empréstimos de livros para as turmas da 2º fase e na consequente diminuição da quantidade de livros lidos pelos alunos.

Verificamos no início da pesquisa, com a aplicação da atividade diagnóstica com os alunos de 5º ano, que as falas deles sugeriram certo conhecimento do que seria o gênero dramático. Quanto a terem ido a um teatro ou saberem o que seria, a maioria disse já ter ido ou conhecer, porém, nenhum deles soube dizer realmente como é uma peça teatral ou como é o gênero dramático. Apenas na roda de conversa e com a leitura do primeiro livro, percebemos que os alunos não só tiveram dificuldade de leitura como de entendimento da

estrutura do livro lido, pois sentiram dificuldade em compreendê-lo, e o consideraram difícil e diferente dos já lidos em outras ocasiões, demonstrando assim pouca familiaridade deles com esta estrutura de texto.

Somente a partir do segundo livro lido é que as rodas de conversa com as duas turmas fluíram de maneira mais espontânea e com mais facilidade, pois se observou maior desenvoltura nos diálogos com os alunos, em razão de já terem certo conhecimento da estrutura dos livros, e começaram a transmitir a cada encontro a informação de que haviam adquirido familiaridade com o gênero. Outro ponto observado foi que os alunos passaram a falar mais sobre o texto em si, a história do livro, do que sobre a estrutura do livro, evidenciando assim certa compreensão do gênero dramático.

E assim, respondemos à problemática e alcançamos o objetivo, que era o de apresentar, mostrar as principais características do gênero dramático e de promover e incentivar a leitura deste gênero literário, através de projetos e atividades bem estruturadas, realizadas pelo bibliotecário, e por professores, que desejam promover a leitura e incentivar o uso da biblioteca escolar. Salientamos ainda que nenhum dos livros lidos durante as rodas de conversa havia sido lido antes pelos alunos, mostrando que o projeto conseguiu também apresentar diferentes obras literárias para os alunos usufruírem, como também divulgar o acervo da biblioteca do CEPAE/UFG.

O comparativo entre as duas turmas de 5º e a turma de 7º ano mostrou que a frequência de leitura é diferente e que os alunos de 7º ano costumam ler apenas um livro por mês, levantamos que essas leituras são mais complexas, no entanto, a frequência de visitas à biblioteca durante as semanas são consideravelmente menores. Já os alunos de 5º ano têm uma alta frequência de leitura e um alto índice de visitas semanais à biblioteca, mostrando como a agenda de biblioteca adotada pela 1ª fase é vantajosa, mostra também que a biblioteca da escola é a principal fonte de recursos informacionais e leitura à qual eles têm acesso, e provando que a biblioteca do CEPAE/UFG está cumprindo seu papel, ou seja, o de dar acesso aos mais diversos gêneros e formatos, e diferentes materiais nas diversas áreas do conhecimento.

Constatamos, portanto, que a mudança da 1º para a 2º fase altera hábitos de leituras dos alunos de 7º ano, e que esta mudança gera a diminuição de visitas à biblioteca, do número de empréstimos e, conseqüentemente, das leituras. Podemos considerar que, mesmo com a complexidade da leitura literária na segunda fase, a frequência à biblioteca diminuiu consideravelmente, mostrando um menor interesse desses alunos por esse espaço escolar. Cabe como sugestão a professores e bibliotecários oferecer atividades, em sala de aula e na

biblioteca, que estimulem esses alunos a frequentarem mais a biblioteca, atividades essas exemplificadas no tópico 1.5 dessa dissertação, cujo intuito é transformar esses espaços em locais de promoção e incentivo à leitura, para que assim eles possam ter a biblioteca como um local que faça parte de seu cotidiano e busquem leituras para informação e pelo prazer.

Apesar das diferenças levantadas, observamos alguns interesses similares, tais como o desejo de socialização de suas leituras com colegas e familiares, a preferência pelos contos. Os objetivos de leitura também são similares, pois leem para adquirir informação, conhecimento e por obrigação (as escolares), destacando-se nos 5º anos a leitura por curiosidade e no 7º a leitura por diversão, mostrando que eles buscam cumprir as obrigações escolares e a satisfação pessoal de leitura.

Com relação às atividades que os estimulariam a frequentar mais a biblioteca, as respostas foram parecidas, mostrando desejo por práticas dinâmicas, divertidas e lúdicas - atividades diferenciadas - que envolvem os alunos juntamente com professores e bibliotecários na biblioteca, como a contação de histórias, encenação de peças teatrais, brincadeiras e atividades com desenhos. Essa questão vem confirmar o que foi sugerido a professores e bibliotecários anteriormente, ou seja, essas ações e atividades os estimulam a frequentar mais o ambiente da biblioteca, por isso devem ser fomentadas nesse ambiente.

No que se refere ao gênero dramático, pesquisado nas turmas de 5º e 7º ano, percebemos que, ao responderem os questionários, os alunos demonstraram possuir um conhecimento desse gênero literário, no entanto, esse conhecimento foi desconstruído ao realizarmos as rodas de conversa com os alunos de 5º ano, situação que foi remediada com o trabalho de mediação por meio das rodas de conversa, e que ao final resultou na promoção e incentivo à leitura desse gênero literário.

Todavia, por não fazermos essas mesmas atividades com os alunos de 7º ano, não podemos afirmar se com esses alunos poderia ocorrer o mesmo. Deixamos como sugestão para futuras investigações essa incógnita, para que - caso haja interesse - seja respondida por outros pesquisadores. Outra atividade que pode ser objeto de pesquisa é a promoção de projetos de leitura na biblioteca, com alunos de 2º fase do CEPAE/UFG, buscando incentivar a leitura e uma maior frequência à biblioteca por esses alunos.

Quanto à mediação é papel dos profissionais da escola, o bibliotecário e o professor, mediando a leitura através dos mais diversos formatos e gêneros textuais, executando projetos como o cantinho da leitura, hora do conto, dentre outros, visando estimular os alunos a gostar da leitura e que ela se torne um hábito em suas vidas. E como foi visto, o professor e o

bibliotecário exercem essa função de mediadores dos textos literários e influenciaram na escolha de leitura dos alunos, por isso deve ser mais praticada por esses profissionais.

Concluimos essa dissertação afirmando que ela é muito importante para a nossa formação humana e profissional, pois nos proporcionou o aprimoramento das teorias, regras, normas e procedimentos para o bom funcionamento de uma biblioteca escolar. Também tivemos a oportunidade de conhecer e interagir com os alunos do CEPAE/UFG, observando seus gostos literários, seus interesses de leitura, suas necessidades, para assim podermos oferecer, por meio dessa dissertação e do produto educacional, instrumentos para que professores e bibliotecários possam desenvolver trabalhos de promoção e de incentivo à leitura na biblioteca. Tivemos ainda a oportunidade de olhar o próximo e sentir que oferecemos mais do que formação científica, mas também auxiliamos os alunos em sua formação literária e promovemos a interação e socialização com o bibliotecário, o professor e os colegas.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO e Cia. Disponível em: <<http://alfabetizacaoecia.blogspot.com.br/2009/02/roda-de-biblioteca.html>>. Acesso em: 30 out. 2017

ALMEIDA, Maria do Socorro Oliveira de; PEDROSA, Francineide Batista de Sousa. **O teatro infantil como representação literária na escola**. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/aa68c75c4a77c87f97fb686b2f068676.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudora de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de feiurinha**: teatro. São Paulo: FTD, 2001.

BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (Orgs.). **Leitura e Mediação**: reflexões sobre a formação do professor. São Paulo: Mercado das Letras, 2013.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do teatro**. 5ª Ed. São Paulo: perspectiva, 2011.

BIOGRAFIA. **Ana Maria Machado**. Disponível em: <<http://www.anamariamachado.com/biografia>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Diário Oficial da União**. Brasília, 25 de maio, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm> Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000007&seq_ato=000&vlr_ano=2009&sgl_orgao=CD/FNDE/MEC> Acesso em: 08 jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 107p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Artes / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 116p.

BRASIL. Congresso. Senado. **Projeto de Lei nº28, de 2015**. Institui a Política Nacional de Bibliotecas. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=587357&disposition=inline>> Acesso em: 08 jun. 2017.

BRASIL. Ministério do trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002. Brasília: MTE, 2002. Disponível em: < www.mteco.gov.br. > Acesso em 12 de jun. 2017.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre o azul, 2004.

CANDIDO Antonio. "A literatura e formação do homem" In:_____ **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CAMPELLO, Bernadete Santos... [et al]. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, Bernadete Santos... [et al]. **Letramento Informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos parâmetros curriculares nacionais. **Informação & Informação**. [S.l.], v. 6, n. 2, p. 71-88, dez. 2001. ISSN 1981-8920. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1687/1438>>. Acesso em: 27 jun. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2001v6n2p71>.

CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. As competências, os perfis e os aspectos sociais do bibliotecário na educação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.14, n 2, p. 247-261, maio/ago. 2016.

CEBULSKI, Maria Cristina. **Introdução à história do teatro no ocidente: dos gregos aos nossos dias**. Guarapuava: Editora Unicentro, [201-]. Disponível em: < <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/297/5/INTRODU%C3%87%C3%83O%20%C3%80%20HIST%C3%93RIA%20DO%20TEATRO%20NO%20OCIDENTE.pdf> > Acesso em: 17 abr. 2017

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COENGA, Rosemar Eurico. Teatro. In: GREGORIO FILHO, Jose Nicolau (Org.). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim 2012.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- DELACY, Monah. **Introdução ao teatro**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado Livre, 2004.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FERRAZ, Marta Maria Pinto. **Leitura mediada na biblioteca escolar: uma experiência em escola pública**. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20052009-135633/en.php>>. doi:10.11606/D.27.2008.tde-20052009-135633. Acesso em: 27 jun. 2017.
- FERREIRA, Tais; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MACHI, Diana Maria. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim, RS: Edelbra, 2009.
- FLORY, Alexandre Villibor. Literatura e teatro: encontros e desencontros formais e históricos. **Revista JIOP do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, nº1, p. 18-40, 2010. Disponível em: <http://www.dle.uem.br/revista_jiop_1/artigos/villibor.pdf> Acesso em: 17 abr. 2017.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. Ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.
- GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
- GREGORIN FILHO, Jose Nicolau (Org.). Desarrumem as gavetas!: Gêneros literários em sala de aula. In: GREGORIN FILHO, Jose Nicolau (Org.). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.
- GREGORIN FILHO, Jose Nicolau. **Literatura infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- HUBERT, Marie-Claude. **As grandes teorias do teatro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Adriana Reis de; CARDOSO, Rosemeiri Darc. **Leitura – Teatro – Educação: o espelho do mundo e a criação de novos olhares para a vida**. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-apucarana_port_artigo_adriana_reis_de_jesus.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.
- KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2009.

LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista. **Letramento literário e teatro na escola**: ensino da literatura como rubrica sob a regência do professor. 2015, 186 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) . Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16757>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Hoje tem espetáculo**: no país dos prequetés. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Maria Clara. **Pluft, o fantasminha**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAGRO, Luci Haidee. **Uma literatura em busca de seus leitores**: a produção infantojuvenil de Pedro Bandeira. 2011. 2. V. 601 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista “ Julio de Mesquita Filho”. Assis, SP. 2011.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTINS, Maria Flores Siviero; BARREIROS, Ruth Ceccon. **O teatro como estímulo na formação de leitores**. Disponível em < http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_maria_flores_siviero_martins.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MELLO, Roger. **Curupira**. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. **Metodologia da pesquisa Científica**: fundamentos teóricos. Cursos de Especialização para o quadro do magistério da SEESP: Ensino fundamental II e Ensino Médio, São Paulo, 2012. Disponível em: < https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46359/7/2ed_ing_m4d7.pdf > Acesso em: 10 de jun. 2017.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. Ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

MOREIRA, Daniele Fernanda Feliz. Maria Clara machado. **InfoEscola**: Navegando e aprendendo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/maria-clara-machado/>. Acesso em: 09 jan. 2018.

NERY, Alfredina, et al. **Biblioteca Escolar**: Estrutura e Funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989.

NOVA ESCOLA. Rodas de Leituras, conversando sobre livros. Disponível em: < <http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/rodas-de-leitura-conversando-sobre-livros> > Acesso em: 12 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. **Diretrizes IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar**. Tradução de Maria José Vitorino. 2006. Disponível em: < https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf >. Acesso em: 10 maio 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. **Manifesto IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2017.

O TABLADO. Disponível em: < <http://otablado.com.br/maria-clara-machado/vida/> > Acesso em: 05 dez. 2017.

PARANAGUÁ, Arão. Ensino do teatro e preparação de professores: o caso brasileiro. In: MACHADO, Irley... [et al]. **Teatro**: ensino, teoria e pratica. Uberlândia: EDUFU, 2004. p 53-63.

POLKE, Ana Maria A. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. **Revista da Escola de Biblioteconomia**. Belo Horizonte. UFMG, v. 2, n. 1, p. 60-72, 1973. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/2615>>. Acesso em: 08 Jun. 2017.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Roger Mello recebe prêmio Hans Christian Andersen no México. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,roger-mello-recebe-premio-hans-christian-andersen-no-mexico,1558039>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

AUTORES. **Roger Mello**. São Paulo, SP. Disponível em: < <http://globoeditora.com.br/autores/biografia/?id=637-roger-mello>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

RONALDO Correia de Brito. **Arlequim de Carnaval**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SANTOS, Josué Pereira da Silva. **Contribuições da biblioteca escolar para a formação do leitor infantil**: um estudo no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação. 2016. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodor da Silva. A escola e a formação de leitores. In: FAILLA, Zoara(Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.

SILVA, Waldec Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo Cortês, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Jhonatan Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil: análise da Lei 12.244/10 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares. **Revista ACB**, Florianópolis. V. 16, n. 2. p. 48-517. 2011. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797>>. Acesso em: 28 jun. 2017

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Orgs.). **Fazeres Cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina**: formação e atuação. 2006. 241 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101530>> Acesso em: 08 jun. 2017.

SILVA, Rose M. **Comunicação, cultura e biblioteca uma reflexão sobre o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFG**. 2015. 312 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4719>>. Acesso em: 26 out. 2017

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

TAVARES, Renan. O jogo teatral na sala de aula. In: MACHADO, Irley... [et al]. **Teatro**: ensino, teoria e pratica. Uberlândia: EDUFU, 2004. p 53-63.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca Escolar: uma visão histórica. **Trasn-in-formação**. [s.l], v. 2, n. 1, p. 15-24. 1990. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1670>> Acesso em: 08 jun. 2017.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Caracterização do Centro de Ensino e Pesquisa aplicada à Educação CEPAE/PROGRAD/UFG.** 2017a. Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o_do_CEPAE_2017.pdf> Acesso em: 12 jun. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Regimento 2015.** Goiânia, 2017. Disponível em: <https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Resolucao_32_-_Regimento_do_CEPAE_-_2015.pdf>. Acesso em 12 maio de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Plano de Ensino, disciplina de língua portuguesa, série 5º ano.** 2017b. Disponível em: < https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Plano_de_Ensino_2017_-_1%C2%AA_Fase_do_EF_-_Portugu%C3%AAs_-_5%C2%BA_ano.pdf >. Acesso em: 11 dez. de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Plano de Ensino, disciplina de língua portuguesa, série 7º ano.** 2017c. Disponível em: < https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/Plano_de_Ensino_2017_-_Portugu%C3%AAs_-_7%C2%BA_ano_-_Prof._Ilma.pdf >. Acesso em: 30 out. de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. **Projeto político pedagógico CEPAE/UFG,** 2013. Disponível em: < https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/projeto_pol%C3%ADtico_pedag%C3%B3gico_-_2013.pdf>. Acesso em: 12 maio de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Sistema de bibliotecas. **Sistema de Bibliotecas da UFG: 44 anos de história.** Disponível em: < <https://bc.ufg.br/p/980-historico> >. Acesso em: 5 out. de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Conselho Universitário. **Estatuto e Regimento Geral da UFG.** Disponível em: < <https://www.ufg.br/up/1/o/estatuto-regimento-alterado2004.pdf> >. Acesso em: 5 out. de 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Conselho Universitário. **Novo Regimento do Sibi/UFG - Resolução Consuni nº 08/2016.** 2016. Disponível em: < https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CONSUNI_2016_0008.pdf >. Acesso em: 5 out. de 2017.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). **Escola e Leitura: Velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2014.

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Solicito ao Sr./Sra. Permissão da participação de seu/sua filho/filha, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG”¹⁵. Meu nome é Rosemarilany Barbosa Guida, sou a pesquisadora responsável, e minha área de atuação é Biblioteca Escolar na Educação Básica. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você permitir a participação de seu/sua filho/filha, nesta pesquisa, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação seu filho e o Sr./Sra. não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa*, poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (malanyguida@yahoo.com.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 8460-9690. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* e dos participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone: (62)3521-1215.

A pesquisa intitulada: o papel da biblioteca escolar na mediação da leitura: uma experiência com alunos de 5º ano do cepae/ufg, que será desenvolvida como dissertação de mestrado, na modalidade profissional, justifica-se pelo desejo de promover o incentivo à leitura de obras literárias brasileiras - gênero teatro em alunos do 5º ano do CEPAE/UFG; pois a procura por este tipo de gênero literário pelos alunos é muito baixa. O objetivo é desenvolver praticas educativas na biblioteca, para que os alunos possam ler e buscar mais esse gênero literário. A pesquisa ocorrerá do seguinte forma: aplicação de questionário para os alunos do 5º ano, no início da pesquisa. E, no decorrer dos encontros será realizada a roda de conversa onde haverá a exposição de livros do gênero teatro. Os alunos também falarão sobre seus gostos literários. E, ao final dos encontros será distribuído outro questionário, para que eu possa ver se houve mudança de hábito de leitura. Os benefício são de grande importância, pois ajudarão no desenvolvimento de atividades que auxiliarão em sala de aula e ajudarão também os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura. A pesquisa será desenvolvida na sala de aula, em horários de aula, a serem definidos com a coordenação e professor do CEPAE/UFG, assim, a sua aceitação é isenta de todo e qualquer gasto financeiro. Não haverá exposição alguma, mas sim, sigilo, privacidade e anonimato. No decorrer da pesquisa o voluntário terá total liberdade de se recusar a participar, ou em qualquer fase da pesquisa, desistir de continuar, sem penalização alguma; também tem liberdade de se recusar a responder (e não responder) questões que lhe causem qualquer tipo de constrangimento, tem todo o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantidos em lei, decorrente de participação em pesquisa, caso se sinta prejudicado.

Atenciosamente:

Rosemarilany Barbosa Guida
Pesquisadora Responsável

¹⁵ Novo título: “A mediação da leitura literária na biblioteca escolar: uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG”. Alterado pela Banca examinadora durante a defesa.

Consentimento da Participação na Pesquisa

1 VIA

Eu,....., RG.....
 CPF....., abaixo assinado, concordo que meu/minha filho(a) participe do estudo intitulado “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG .”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha aceitação dos termos desta pesquisa é de caráter voluntário e consciente. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Rosemarilany Barbosa Guida sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, que são o questionário e a roda de conversa; o benefício de aprendizagem, e também que um dos possíveis riscos de participação será o constrangimento de responder ao questionário com longas perguntas e constrangimento ao participar na roda de conversa. Estou ciente de que não ha remuneração aos participantes da pesquisa e/ou responsáveis. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação de meu/minha filho(a) no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso dos Pais ou Responsáveis

Assinatura por extenso da Pesquisadora Responsável

Assinatura(s) de participante sem letramento

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica

Consentimento da Participação na Pesquisa

2 VIA

Eu,....., RG.....
 CPF....., abaixo assinado, concordo que meu/minha filho(a) participe do estudo intitulado “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG .”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha aceitação dos termos desta pesquisa é de caráter voluntário e consciente. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Rosemarilany Barbosa Guida sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, que são o questionário e a roda de conversa; o benefício de aprendizagem, e também que um dos possíveis riscos de participação será o constrangimento de responder ao questionário com longas perguntas e constrangimento ao participar na roda de conversa. Estou ciente de que não ha remuneração aos participantes da pesquisa e/ou responsáveis. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação de meu/minha filho(a) no projeto de pesquisa acima descrito.

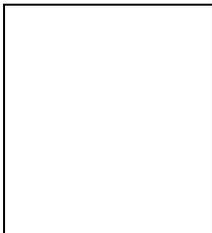
Goiânia, de de

Assinatura por extenso dos Pais ou Responsáveis

Assinatura por extenso da Pesquisadora Responsável

Assinatura(s) de participante sem letramento

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



ANEXO B – Termo de Assentimento livre e Esclarecido - TALE**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE**

Você, está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada: “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG”. Meu nome é Rosemarilany Barbosa Guida. Sou a pesquisadora responsável, e minha área de atuação é Biblioteca Escolar na Educação Básica. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa*, poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail (malanyguida@yahoo.com.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 8460-9690. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone: (62)3521-1215.

A pesquisa intitulada: o papel da biblioteca escolar na mediação da leitura: uma experiência com alunos de 5º ano do cepae/ufg, que será desenvolvida como dissertação de mestrado, na modalidade profissional e justifica-se pelo desejo de promover o incentivo à leitura de obras literárias brasileiras- gênero teatro em alunos do 5º ano do CEPAE/UFG; pois a procura por este tipo de gênero literário pelos alunos é muito baixa. O objetivo é desenvolver práticas educativas na biblioteca, para que os alunos possam ler e buscar mais esse gênero literário. A pesquisa ocorrerá do seguinte forma: aplicação de questionário para os alunos do 5º ano, no início da pesquisa. E, no decorrer dos encontros será realizada a roda de conversa onde haverá a exposição de livros do gênero teatro. Os alunos também falarão sobre seus gostos literários e, mais especificamente sobre livros infantojuvenis- teatro. E, ao final dos encontros será distribuído outro questionário, para verificar se houve mudança de hábito de leitura. Quanto a riscos psicossociais, físicos ou desconfortos, o mínimo seria o risco de constrangimento. Quanto aos benefícios estes são de grande importância, pois auxiliarão no desenvolvimento de práticas educativas, que ajudarão os alunos a desenvolverem o gosto pela leitura. A pesquisa será desenvolvida na sala de aula, em horários de aula, a serem definidos com a coordenação e professor do CEPAE/UFG, assim, sem nenhum tipo de despesa financeira. Quanto ao sigilo, privacidade e anonimato dos participantes, estes estão garantidos; não haverá exposição de nenhum participante. O participante tem total liberdade de se recusar a participar, ou em qualquer fase da pesquisa, desistir de continuar, sem penalização alguma; também tem liberdade de se recusar a responder (e não responder) questões que lhe causem qualquer tipo de constrangimento. O participante tem todo o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantidos em lei, decorrente de participação em pesquisa, caso se sinta prejudicado.

Atenciosamente:

Rosemarilany Barbosa Guida
Pesquisadora Responsável

Assentimento da Participação na Pesquisa**1 VIA**

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG”. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Rosemarilany Barbosa Guida sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, que são o questionário e a roda de conversa; o benefício de aprendizagem, e também que um dos possíveis riscos de minha participação será o constrangimento de responder ao questionários com longas perguntas e constrangimento ao participar na roda de conversa. Estou ciente de que não ha remuneração aos participantes da pesquisa e/ou responsáveis. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do Voluntário

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Assentimento da Participação na Pesquisa**2 VIA**

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA MEDIAÇÃO DA LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DE 5º ANO DO CEPAE/UFG”. Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Rosemarilany Barbosa Guida sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, que são o questionário e a roda de conversa; o benefício de aprendizagem, e também que um dos possíveis riscos de minha participação será o constrangimento de responder ao questionários com longas perguntas e constrangimento ao participar na roda de conversa. Estou ciente de que não ha remuneração aos participantes da pesquisa e/ou responsáveis. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do Voluntário

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

ANEXO C - Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar



MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR

Edição em língua portuguesa – Brasil, São Paulo ¹⁶, ¹⁷, ¹⁸

A BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO E APRENDIZAGEM PARA TODOS

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e idéias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

A MISSÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. As bibliotecas escolares ligam-se às mais extensas redes de bibliotecas e de informação, em observância aos princípios do Manifesto UNESCO para Biblioteca Pública.

O quadro de pessoal da biblioteca constitui-se em suporte ao uso de livros e outras fontes de informação, desde obras de ficção até outros tipos de documentos, tanto impressos como eletrônicos, destinados à consulta presencial ou remota. Este acervo se complementa e se enriquece com manuais, obras didáticas e metodológicas.

Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

Os serviços das bibliotecas escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e *status* profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca.

¹⁶A tradução feita para o Brasil, São Paulo, é de autoria da Profa. Dra. **Neusa Dias de Macedo** [nedima@ig.com.br], que é MSLS pela Catholic University of America, Washington, DC; bacharel, licenciada e doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; docente aposentada do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicação e Artes da USP e assessora especial ao Projeto Biblioteca Escolar/FEBAB. Ver também UNESCO/IFLA Diretrizes para Bibliotecas Escolares, 2002.

¹⁷ O *Manifesto* foi preparado pela IFLA e aprovado pela UNESCO em sua Conferência Geral de novembro de 1999. Existe tradução para o português de Portugal.

¹⁸Original inglês obtido em <http://www.ifla.org> (rev. de 16 de fevereiro de 2000).

O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da *Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem*, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais.

FINANCIAMENTO, LEGISLAÇÃO E REDES

A biblioteca escolar é essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo no que respeita a competências à leitura e escrita, à educação e informação e ao desenvolvimento econômico, social e cultural. A responsabilidade sobre a biblioteca escolar cabe às autoridades locais, regionais e nacionais, portanto deve essa agência ser apoiada por política e legislação específicas. Deve também contar com fundos apropriados e substanciais para pessoal treinado, materiais, tecnologias e instalações. A BE deve ser gratuita.

A biblioteca escolar é parceiro imprescindível para atuação em redes de biblioteca e informação tanto em nível local, regional como nacional.

Os objetivos próprios da biblioteca escolar devem ser devidamente reconhecidos e mantidos sempre que ela estiver compartilhando instalações e recursos com outros tipos de biblioteca, em particular com a biblioteca pública.

OBJETIVOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar é parte integral do processo educativo.

Para o desenvolvimento da literacia e/ou competência na leitura e escrita e no uso da informação, no ensino e aprendizagem, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca escolar, é essencial o cumprimento dos seguintes objetivos:

- apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.

À biblioteca escolar cumpre exercer todas essas funções, por meio de políticas e serviços; seleção e aquisição de recursos; provimento do acesso físico e intelectual a fontes adequadas de informação; fornecimento de instalações voltadas à instrução; contratação de pessoal treinado.

PESSOAL

O bibliotecário escolar é o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planejamento e gestão da biblioteca escolar. Deve ser apoiado tanto quanto possível por equipe adequada, trabalha em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e deve estar em sintonia com bibliotecas públicas e outros.

O papel do bibliotecário escolar varia de acordo com orçamentos, currículos e metodologias de ensino das escolas, dentro do quadro legal e financeiro do país. Em contextos específicos, há áreas gerais de conhecimento que são vitais se os bibliotecários escolares assumirem o desenvolvimento e a operacionalização de serviços efetivos: gestão da biblioteca, dos recursos, da informação e ensino.

Em vista do crescimento dos ambientes de rede, os bibliotecários escolares devem tornar-se competentes no planejamento e na instrução das diferentes habilidades para o manuseio de novas ferramentas de informação, tanto a professores como a estudantes. Portanto, devem obter contínuo treinamento e desenvolvimento profissional.

SERVIÇOS E GESTÃO

Para assegurar serviços efetivos e responsáveis:

- formular política própria para os serviços de biblioteca, definindo objetivos, prioridades e serviços de acordo com o currículo da escola;
- aplicar padrões profissionais na organização e manutenção da biblioteca escolar;
- prover acesso a serviços e à informação a todos os membros da comunidade escolar, e funcionar dentro do contexto da comunidade local.
- incentivar a cooperação entre professores, gestores experientes na área escolar, administradores, pais, outros bibliotecários e profissionais da informação e grupos interessados da comunidade.

APLICAÇÃO DO MANIFESTO

Por intermédio de ministérios da educação e cultura, são conclamados os governantes de cada país para desenvolver estratégias, políticas e planos de implementação aos princípios deste Manifesto.

Esses planos devem prever intensa divulgação do Manifesto, tanto em programas de formação básica como de educação contínua a bibliotecários e professores.

IFLA/UNESCO School Library Manifesto:

<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm>

ANEXO D: HORÁRIO ESCOLAR - 1º FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CEPAE/UFG

2017 1º Semestre - 1º ANO A - Professora Referência: Maria Alice

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Matemática	Português	História	Artes Visuais	Português
2º horário	Matemática	Português	História	Matemática	Português
3º horário	Ciências	Biblioteca	Ed Física	Matemática	Português
4º horário	Ed. Física	Artes Visuais	Matemática	Ciências	Geografia
5º horário	Ed. Física	Artes Visuais	Matemática	Ciências	Geografia

Professores: Maria Alice (Português, História e Geografia) Andrezza (Matemática e Ciências)
Lênin (Educação Física) Bianca (Artes Visuais)

2017 1º Semestre - 1º ANO B - Professora Referência: Cláudia

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Ed. Física	Biblioteca	Ed Física	Matemática	Português
2º horário	Ed. Física	Português	Matemática	Português	Português
3º horário	Ciências	Português	Matemática	Artes Visuais	Português
4º horário	Matemática	Ciências	Artes Visuais	História	Geografia
5º horário	Matemática	Ciências	Artes Visuais	História	Geografia

Professores: Cláudia (Português, História e Geografia) Andrezza (Matemática e Ciências)
Lênin (Educação Física) Bianca (Artes Visuais) Ruskia (Ciências 2ªf)

2017 - 2º ANO A - Professora Referência: Sônia

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Ciências	Português	Ciências	Biblioteca	Ed Física
2º horário	Ciências	Português	Ed Física	Português	Geografia
3º horário	Ed Física	Português	Ed Física	Português	Geografia
4º horário	Matemática	Matemática	Música	Matemática	História
5º horário	Matemática	Matemática	Música	Matemática	História

Professores: Sônia (Português, História e Geografia) Sirley (Matemática)
Eduardo (Ed.Física) Telma(Música) Ruskia (Ciências)

2017 - 2º ANO B - Professora Referência: Andréa

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Matemática	Português	Ed Física	Matemática	História
2º horário	Matemática	Português	Português	Matemática	História
3º horário	Matemática	Português	Português	Matemática	Ed Física
4º horário	Ed Física	Geografia	Biblioteca	Música	Ciências
5º horário	Ed Física	Geografia	Ciências	Música	Ciências

Professores: Andréa (Português, Geografia, História) Sirley (Matemática)
Eduardo (Ed Física) Telma (Música) Andréa (Ciências)

2017 1º Semestre - 5º ANO A - Professor Referência: Ataíde

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Matemática	Ed Física	Geografia	Ciências	Geografia
2º horário	Matemática	Ed Física	Geografia	Artes visuais	Biblioteca
3º horário	Matemática	Artes visuais	Português	Ed Física	História
4º horário	Português	Ciências	Português	História	Matemática
5º horário	Português	Ciências	Português	História	Matemática

Professores: Wanessa (Português) (Geografia) Luciana (Matemática)
Ataíde (História) Tiago (Ciências) Lênin (Ed Física) Bianca (Artes Visuais)

2017 1º Semestre - 5º ANO B - Professora Referência: Luciana

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Português	Artes visuais	Português	Ed Física	Ciências
2º horário	Português	Artes visuais	Português	Ed Física	Geografia
3º horário	Português	Ed Física	Geografia	Matemática	Geografia
4º horário	Matemática	História	Ciências	Matemática	Biblioteca
5º horário	Matemática	História	Ciências	Matemática	História

Professores: Wanessa (Português) (Geografia) Luciana (Matemática)
Ataíde (História) Tiago (Ciências) Lênin (Ed Física) Bianca (Artes Visuais)

2017 1º Semestre - 3º ANO A - Professora Referência: Moema

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Matemática	Português	Música	Ciências	Ed Física
2º horário	Matemática	Português	Música	Ciências	Ed Física
3º horário	Matemática	Português	Ed Física	Biblioteca	Geografia
4º horário	Português	História	Geografia	Matemática	História
5º horário	Português	História	Geografia	Matemática	Ciências

Professores: Joyce (Português) Karla (História e Geografia, Ciências)
Moema (Matemática) Rony (Ed. Física) Telma (Música)

2017 1º Semestre - 3º ANO B - Professora Referência: Telma

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Português	Geografia	Ed Física	Matemática	História
2º horário	Português	Geografia	Ed Física	Matemática	História
3º horário	Português	Ciências	Geografia	Matemática	Ed Física
4º horário	Matemática	Português	Ciências	História	Música
5º horário	Matemática	Português	Ciências	Biblioteca	Música

Professores: Joyce (Português) Karla (História e Geografia e Ciências)
Moema (Matemática) Rony (Ed. Física) Telma (Música)

2017 1º Semestre - 4º ANO A - Professora Referência: Telma

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Matemática	Ed Física	Português	Música	História
2º horário	Matemática	Ed Física	Português	Música	História
3º horário	Matemática	História	Português	Ed Física	Ciências
4º horário	Português	Biblioteca	Geografia	Ciências	Matemática
5º horário	Português	Geografia	Geografia	Ciências	Matemática

Professores: Lorena (Português) (Geografia) Tiago (Ciências)
Renato (Matemática) Ataíde (História) Rony (Ed Física) Telma (Música)

2017 1º Semestre - 4º ANO B - Professora Referência: Bianca

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário	Português	História	Artes visuais	Ed Física	Matemática
2º horário	Português	História	Artes visuais	Ed Física	Matemática
3º horário	Português	Ed Física	Ciências	História	Matemática
4º horário	Matemática	Geografia	Português	Geografia	Ciências
5º horário	Matemática	Biblioteca	Português	Geografia	Ciências

Professores: Lorena (Português) (Geografia) Renato (Matemática)
Ataíde (História) Tiago (Ciências) Rony (Ed Física) Telma (Música)

BIBLIOTECA

	2ª f	3ª f	4ª f	5ª f	6ª f
1º horário		1º B		2º A	
2º horário					5º A
3º horário		1º A			
4º horário		4º A	2º B	3º A	5º B
5º horário		4º B		3º B	

ANEXO E: HORÁRIO ESCOLAR - 2º FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL DO CEPAE/UFG

		2ª FEIRA						3ª FEIRA						4ª FEIRA						5ª FEIRA						6ª FEIRA					
		1ª Aula	2ª Aula	3ª Aula	4ª Aula	5ª Aula	6ª Aula	1ª Aula	2ª Aula	3ª Aula	4ª Aula	5ª Aula	6ª Aula	1ª Aula	2ª Aula	3ª Aula	4ª Aula	5ª Aula	6ª Aula	1ª Aula	2ª Aula	3ª Aula	4ª Aula	5ª Aula	6ª Aula	1ª Aula	2ª Aula	3ª Aula	4ª Aula	5ª Aula	6ª Aula
6ª A	GEO GRAFIA Jaisson	FRA Silvana Silveira Thaltes	PORTUGUÊS Elisandra	MATEMÁTICA Marquinhos	ED. FÍSICA Leo	CIÊN Luciana	ING LÊS	ARTES Karla	GEO Jaisson	ESPAHOL Rosana	CIÊN Larissa	EDUCAÇÃO FÍSICA Leonardo	PORTUGUÊS Elisandra	HISTÓRIA Alysson	HIS Alysson	INFORMÁTICA Kelly Russ	MAT Marquinhos Moena														
6ª B	PORTUGUÊS Elisandra	ESPAHOL Rosana	EDUCAÇÃO FÍSICA Leonardo	MATEMÁTICA Marquinhos	ING LÊS	ARTES Karla	INFORMÁTICA Kelly Russ	CIÊNCIAS Larissa	GEOGRAFIA Jaisson	HISTÓRIA Alysson	ED. FÍSICA Leo	GEO Jaisson	PORTUGUÊS Elisandra	MAT Marquinhos Luciana	HIS Alysson	ARTES Karla															
7ª A	FRA Silvana Silveira Thaltes	GEO GRAFIA Elson	PORTUGUÊS Ima	EDUCAÇÃO FÍSICA Fernando	CIÊN Lenice	MAT Marisa	ESPAHOL Iris	CIÊN Larissa	GEO Elson	INFORMÁTICA Kelly Russ	ING LÊS	MATEMÁTICA Marisa	ED. FÍSICA Fern.	HIS Giovani	PORTUGUÊS Ima	ARTES Karla	HISTÓRIA Giovanna	MATEMÁTICA Marisa													
7ª B	PORTUGUÊS Ima	ARTES Karla	CIÊN Ana	GEO Elson	ED. FÍSICA Fern.	HIS Giovani	MATEMÁTICA Paula	ESPAHOL Iris	GEOGRAFIA Elson	EDUCAÇÃO FÍSICA Fernando	PORTUGUÊS Ima	CIÊN Ana	MAT Paula	HISTÓRIA Giovanna	MATEMÁTICA Paula	INFORMÁTICA Kelly Russ															
8ª A	PORTUGUÊS Deise	EDUCAÇÃO FÍSICA Símara	ESP Fabiana	PORTU. DESP. LIBRAS Wanderley	HISTÓRIA Juliana	MATEMÁTICA Paula	FRA Silvana Silveira Thaltes	ESP Fabiana	ESP Fabiana Plud	ED. FÍSICA Símara	GEO Glauco	CIÊNCIAS Ana Maria	GEOGRAFIA Glauco	HIS Juliana	MAT Paula	ING LÊS	PORTUGUÊS Deise	Wanderley	MATEMÁTICA Paula												
8ª B	EDUCAÇÃO FÍSICA Símara	PORTU. DESP. LIBRAS Deise	ARTES Wanderley	MAT Paula	ESPAHOL Fabiana	HIS Juliana	Silvana Silveira Thaltes	CIÊNCIAS Ana Maria	ESP Fabiana Plud	ED. FÍSICA Símara	GEOGRAFIA Glauco	HIS Juliana	MATEMÁTICA Paula	GEO Glauco	ING LÊS	MATEMÁTICA Paula	HIS Juliana	PORTUGUÊS Deise													
9ª A	SOCIOLOGIA Danilo	ARTES Karla	FRA Silvana Silveira Thaltes	HISTÓRIA Giovanna	ING LÊS	MAT Marisa	ESP Fabiana	PORTUGUÊS Célia	GEO Glauco	CIÊNCIAS Lucécia	ESP Fabiana	CIÊN Lucécia	HIS Giovani	PORTUGUÊS Célia	ED. FÍSICA Cleiton	MAT Marisa	MATEMÁTICA Marisa	EDUCAÇÃO FÍSICA Cleiton	GEOGRAFIA Glauco												
9ª B	ESPAHOL Fabiana	GEO GRAFIA Jaisson	Silvana Silveira Thaltes	MATEMÁTICA Marisa	ING LÊS	ED. FÍSICA Cleiton	HIS Giovani	CIÊNCIAS Lucécia	PORTUGUÊS Célia	ARTES Karla	GEO Jaisson	CIÊN Lucécia	MATEMÁTICA Marisa	PORTUGUÊS Célia	EDUCAÇÃO FÍSICA Cleiton	SOCIOLOGIA Danilo	HISTÓRIA Giovanna														
1ª A	FILOSOFIA Fabrício	ART Wander	ESPAHOL Iris	QUÍ Marlene	FÍSICA Guilherme	EDUCAÇÃO FÍSICA Leonardo	MAT Marisa	SOCIOLOGIA Cida	FÍSICA Guilherme	PORTUGUÊS Luzia	BIOLOGIA Ana Maria	ING e FRA Lucécia e Símara	PORTUGUÊS Luzia	ING LÊS	MATEMÁTICA Marisa	HISTÓRIA Juliana	MATEMÁTICA Marisa	HISTÓRIA Juliana													
1ª B	SOCIOLOGIA Cida	FILOSOFIA Fabrício	QUÍ Marlene	ESP Iris	GEO Elson	BIOLOGIA Ana Maria	QUÍ Marlene	FÍSICA Leonar	FÍSICA Leonardo	PORTUGUÊS Luzia	ESP Iris	ESP Elson	PORTUGUÊS Luzia	ING LÊS	HISTÓRIA Juliana	MATEMÁTICA Marisa	ED. FÍSICA Leo	ART Wander													
2ª A	FILOSOFIA Evandson	QUÍ Marlene	ED. FÍSICA Símara	ESP Fabiana	ING e FRA Lucécia e Símara	ED. FÍSICA Símara	FÍSICA Leonar	ESP Fabiana	QUÍ Marlene	GEOGRAFIA Glauco	FÍSICA Leonardo	PORTUGUÊS Viviane	PORTUGUÊS Viviane	MAT Marisa	HIS Alysson	CIÊNCIAS Lucécia	SOCIOLOGIA Danilo	HIS Alysson	ART Karla	MATEMÁTICA Marisa											
2ª B	QUÍ Marlene	ESPAHOL Fabiana	FILOSOFIA Fabrício	MAT Marisa	FÍSICA Leonar	QUÍ Marlene	EDUCAÇÃO FÍSICA Cleiton	HIS Juliana	ING LÊS	PORTUGUÊS Viviane	FÍSICA Leonardo	MAT Marisa	BIOLOGIA Izabel	PORTUGUÊS Viviane	GEO Glauco	GEO Glauco	MAT Marisa	ART Karla	HIS Alysson	SOCIOLOGIA Danilo											
3ª A	ESPAHOL Rosana	SOCIOLOGIA Cida	PORTUGUÊS Ise	ING e FRA Lucécia e Símara	MATEMÁTICA Marisa	FÍSICA Guilherme	FILOSOFIA Evandson	BIOLOGIA Izabel	FÍSICA Guilherme	QUÍ Lucécia	BIOLOGIA Izabel	MAT Marisa	CIÊNCIAS Lucécia	PORTUGUÊS Ise	EDUCAÇÃO FÍSICA Leonardo	GEOGRAFIA Jaisson	HISTÓRIA Alysson														
3ª B	PORTUGUÊS Ise	ESPAHOL Rosana	FILOSOFIA Evandson	FÍSICA Guilherme	ING LÊS	MATEMÁTICA Marisa	BIOLOGIA Izabel	QUÍ Lucécia	SOCIOLOGIA Cida	FÍSICA Guilherme	PORTUGUÊS Ise	HIS Alysson	BIOLOGIA Izabel	CIÊNCIAS Lucécia	MAT Marisa	HIS Alysson	EDUCAÇÃO FÍSICA Leonardo	GEOGRAFIA Jaisson													

9ª VERSÃO - FINAL

¹ Organizado por João Ferreira, Técnico em Assuntos Educacionais / Sedap

APÊNDICES



APÊNDICES

APÊNDICE A: Atividade de Diagnóstico

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás
 Disciplina: Língua Portuguesa – Atividade de Biblioteca
 Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vivianne Fleury de Faria
 Mestranda: Bibliotecária Rosemarilany Barbosa Guida
 Turmas: 5º ano A e B – Turno Matutino – Ensino Fundamental I

Atividade de Diagnóstico

1º Encontro: Dia (12/05/2017) = 1(Uma) aula de biblioteca

Objetivos:

- Diagnosticar hábitos de leitura;
- Verificar o conhecimento e prática de leitura do gênero dramático;
- Realizar uma breve explicação sobre o gênero literário dramático suas características e forma.

Tempo previsto: 1 h / aula de biblioteca

Primeiro momento:

- Explicar o trabalho a ser realizado
- Explicar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido);
- Distribuir uma cópia do TCLE para cada aluno levar para que seu responsável o assine;
- Aplicar o questionário para diagnosticar hábitos de leitura e verificar conhecimento acerca do gênero dramático;

Segundo momento:

- Verificar o conhecimento por parte dos alunos acerca do gênero dramático e fazer uma breve explicação deste gênero literário.

Questões que nortearão esta explanação:

- 1) Conhecimento do gênero dramático, sabem o que é?
- 2) Apresentação de livros com outros formatos de texto (texto narrativo, texto lírico) para exemplificar o texto dramático, tomando como comparativo outras formas de narrativas literárias;
- 3) Apresentar o formato do texto narrativo – os personagens, diálogos, cenário;
- 4) Explicação dos dois tipos de gênero dramático – A tragédia e a comédia;

- 5) Perguntar se os alunos sabem o que é o teatro;
- 6) Se já foram em um teatro.

Terceiro momento:

Breve apresentação das Obras e dos autores a serem lidos, sendo eles:

- Mello, Roger. *Curupira*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- Bandeira, Pedro. *O fantástico mistério de feiurinha: teatro*. São Paulo: FTD, 2001.
- Machado, Ana Maria. *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Machado, Maria Clara. *Pluft, o fantasminha*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Quarto momento:

Empréstimo domiciliar do primeiro livro literário.

Avaliação: Não haverá avaliação

Recursos Necessários:

Livros da Biblioteca;
Caderno para anotações;
Papel Sulfite A4;
Canetas;
Lápis;
Gravador;
Máquina fotográfica.



APÊNDICE B: Sequência Didática

Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Goiás
 Disciplina: Língua Portuguesa – Atividade de Biblioteca
 Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vivianne Fleury de Faria
 Mestranda: Bibliotecária Rosemarilany Barbosa Guida
 Turmas: 5º ano A e B – Turno Matutino – Ensino Fundamental I

Sequência Didática

2º Encontro: Dia (19/05/2017) = 1(Uma) aula de biblioteca
 3º Encontro: Dia (26/05/2017) = 1(Uma) aula de biblioteca
 4º Encontro: Dia (02/06/2017) = 1(Uma) aula de biblioteca
 5º Encontro: Dia (09/06/2017) = 1(Uma) aula de biblioteca - Encerramento

Objetivos:

- Apresentar a obra e o autor a ser lido na aula de biblioteca;
- Realizar a roda de conversa das quatro obras literárias selecionadas;
- Divulgar outras obras literárias existentes na biblioteca do CEPAE dos autores lidos.

Tempo previsto: 1 h / aula de biblioteca para cada livro

As Obras e os autores a serem lidos no decorrer das aulas, são:

- Mello, Roger. *Curupira*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- Bandeira, Pedro. *O fantástico mistério de feiurinha: teatro*. São Paulo: FTD, 2001.
- Machado, Ana Maria. *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Machado, Maria Clara. *Pluft, o fantasminha*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Primeiro momento:

Apresentar a Obra e o autor a ser lido na aula de biblioteca (o mesmo que foi levado por empréstimo domiciliar).

Segundo momento:

Atividade Oral: neste momento os alunos conversarão acerca da obra que leram mediados pelo bibliotecário

Questões que nortearão a roda de conversa:

- 1) Vocês gostaram do livro?
- 2) O que chamou mais a atenção de vocês?
- 3) Houve alguma parte do livro que vocês acharam cansativa?
- 4) Vocês pularam alguma parte?
- 5) Vocês encontraram alguma coisa que nunca haviam visto em outro livro?
- 6) A primeira vez que vocês viram este livro (antes de ler) como vocês pensavam que ele seria?
- 7) Porque achavam que ele seria assim? (Se a resposta anterior for bom ou ruim)
- 8) Depois de ler sua opinião mudou sobre o livro?
- 9) Vocês já leram outros livros como este antes?
- 10) Vocês já leram este livro antes? (Se sim) Foi diferente desta vez?
- 11) O que vocês diriam a seus amigos (colegas, parentes) sobre este livro? Vocês o recomendaria a outros?

Terceiro momento:

Apresentar outras obras existentes na biblioteca deste autor lido.

Quarto momento:

Empréstimo domiciliar do próximo livro literário.

Avaliação: Não haverá avaliação

Recursos Necessários:

Livros da Biblioteca;
Caderno para anotações;
Papel Sulfite A4;
Canetas;
Lápis;
Gravador;
Máquina fotográfica.

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO (inicial - alunos de 5º ano)

IDENTIFICAÇÃO: Alunos de 5º ano do fundamental do CEPAE/UFG

1. Você Lê com frequência?

 Sim Não

2. Onde você adquire seu material de leitura?

 Biblioteca Banca Empréstimo Livraria Internet Outro

3. Qual o material de leitura literária que você lê?

 Romance Contos Poesia Peças Teatrais

4. Caso você tenha escolhido, Leitura literária – Peças Teatrais, a mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou na sua escolha?

 Sim Não

5. Você gosta do gênero literário dramático;

 Pouco Médio Muito Não Gosto

6. Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?

 1 2 3 4 Mais de Quatro Nenhum

7. Qual o objetivo da sua leitura?

 Informação Diversão Obrigação prazer / Fruição Curiosidade Conhecimento Outro (cite) _____

8. Você recomenda para outros o que lê?

 Sim Não

9. Qual o efeito que a leitura lhe causa?

 Curiosidade Prazer Conhecimento Emoções

10. Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE?

 Diariamente Semanalmente Mensalmente Anualmente Não Frequenta11. Quais os tipos de atividades (na biblioteca) que estimulariam você a frequentar mais a Biblioteca do CEPAE?

APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO (Final - alunos de 5º ano)

IDENTIFICAÇÃO: Alunos de 5º ano do fundamental 1 do CEPAE/UFG.

1. Você conhece o gênero dramático?

() Sim () Não

2. Você gostou dos livros?

Curupira de Roger Mello

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

O fantástico mistério de feiurinha: teatro de Pedro Bandeira

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés de Ana Maria Machado

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

Pluft, o fantasminha de Maria Clara Machado

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

3. Você indicaria um destes livros?

() Sim. Qual? _____

() Não

4. Você leria outros livros como estes, ou seja, do gênero dramático?

() Sim.

() Não. Por que? _____

5. Quem te motiva mais a ler?

() Professor () Pais () Colegas () Bibliotecário () Outros

6. Onde você costuma ler?

() Biblioteca () Casa () Escola ou Sala de aula () Outros lugares

7. Você frequenta outra biblioteca, além da biblioteca do CEPAE/UFG?

() Sim. Qual? _____

() Não

8. O que te motiva a ir á biblioteca do CEPAE/UFG?

() Ler livros para a pesquisa ou trabalhos escolares () Ler livros por vontade própria

() As duas respostas anteriores

9. Quais os tipos de atividades (na biblioteca) que estimulariam você a frequentar mais a Biblioteca do CEPAE/UFG?

APENDICE E: QUESTIONÁRIO (alunos de 7º ano)

IDENTIFICAÇÃO: Alunos de 7º ano do fundamental do CEPAE/UFG

1. Você Lê com que frequência?

- 1 livro por semana
 1 livro por mês
 1 livro por anos

2. Onde você adquire seu material de leitura?

- Biblioteca Banca Empréstimo
 Livraria Internet Outro

3. Qual o material de leitura literária que você lê?

- Romance Contos
 Poesia Peças Teatrais

4. Caso você tenha escolhido, Leitura literária – Peças Teatrais, a mediação do professor e /ou do bibliotecário influenciou na sua escolha?

- Sim Não

5. Você gosta do gênero literário dramático;

- Pouco Médio Muito Não Gosto

6. Quantos livros você lê em média por ano do gênero dramático?

- 1 2 3 4 Mais de Quatro
 Nenhum

7. Qual o objetivo da sua leitura?

- Informação Diversão
 Obrigação Prazer / Fruição
 Curiosidade Conhecimento
 Emoção
 Outro (cite) _____

8. Você recomenda para outros o que lê?

- Sim Não

9. Qual a sua frequência de visitas à Biblioteca do CEPAE?

- Diariamente Semanalmente
 Mensalmente Anualmente
 Não Frequenta

10. Quais os tipos de atividades (na biblioteca) que estimulariam você a frequentar mais a Biblioteca do CEPAE?

APÊNDICE F: O DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo foi um instrumento de auxílio à coleta de dados para especificar e registrar detalhadamente todas as ações. Seu objetivo foi o de registrar todas as atividades desenvolvidas com os alunos durante todos os encontros na biblioteca do CEPAE/UFG, com as turmas dos 5º anos e em uma turma de 7º ano. Abaixo encontram-se as descrições das atividades, divididas em datas e por turmas.

1º Encontro: Dia 12/05/2017 = Uma aula de biblioteca

Alunos do 5º Ano A fundamental:

Neste primeiro encontro, foi feita a aplicação do questionário (Apêndice C) e fornecida a explicação sobre a finalidade e dinâmica de todo o projeto de pesquisa aos alunos, sendo esclarecido como aconteceriam os encontros e o desenvolvimento das atividades em cada data preestabelecida. Foi feita a coleta de assinaturas nos termos de compromisso TALE e entrega do TCLE para que os alunos levassem para seus pais assinarem e devolvessem na aula seguinte. Logo em seguida, foi feita a atividade diagnóstica (Apêndice A) com os alunos. Seguiu-se uma explicação sobre o gênero dramático. Ao fim da explicação, ocorreu uma apresentação do livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, para os alunos. Em razão da quantidade insuficiente de exemplares deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía somente 21 cópias ao passo que havia 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca do CEPAE/UFG de se responsabilizar por todos os 21 livros. Assim, realizamos o empréstimo do livro a 21 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 15/05/2017, e entregá-los aos 9 alunos restantes. A dinâmica de empréstimos teve o auxílio da professora, pois ela assumiu a incumbência de fazer o recolhimento em sala de aula e entregar aos alunos que não tinham pego o livro no dia do encontro na biblioteca. Assim, findamos o primeiro encontro com os alunos.

Alunos do 5º Ano B fundamental:

No primeiro encontro, foi feita a aplicação do questionário (Apêndice C) e explicação quanto à finalidade e dinâmica de todo o projeto de pesquisa aos alunos - de como aconteceriam os encontros e o desenvolvimento dos trabalhos em cada data preestabelecida. Foi realizada a coleta de assinaturas nos termos de compromisso TALE e entrega do TCLE para que os alunos o levassem para seus pais assinarem e o trouxessem na aula seguinte. Logo

em seguida, foi feita a atividade diagnóstica (Apêndice A), seguindo-se a explicação sobre o gênero dramático. Ao término da explicação, foi feita uma apresentação do livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado. Devido à quantidade insuficiente deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía 22 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca do CEPAE/UFG de se responsabilizar por todos os 22 livros. Assim, realizamos o empréstimo do livro a 22 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 15/05/2017, e entregá-los aos 8 alunos restantes. Tal dinâmica de empréstimos teve o auxílio da professora, pois ela assumiu a incumbência de fazer o recolhimento dos livros em sala de aula e entregá-los aos alunos restantes, que não tinham pego o livro no dia do encontro na biblioteca. Assim, findamos o primeiro encontro com os alunos de 5º B.

2º Encontro: Dia 19/05/2017 = Uma aula de biblioteca

Alunos do 5º Ano A fundamental:

Iniciamos o segundo encontro com as rodas de conversa, que aconteceram no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Nessa data, realizou-se a conversa sobre o livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, atividade que teve a participação dos alunos do 5º A e da bibliotecária pesquisadora, que fez o papel de mediadora da conversa. Ao findar a dinâmica da conversa, foi feita uma apresentação de outras obras de Maria Clara Machado existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Finalizamos com o empréstimo do livro *Curupira*, de Roger Mello. Em razão da quantidade insuficiente deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía 14 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se pelos 14 livros. Assim, realizamos o empréstimo do livro a 14 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 22/05/2017, e trazê-los aos colegas que não o pegaram na sexta-feira, sendo que estes últimos deveriam entregá-los dia 24/05/2017, quarta-feira, para os alunos que não tinham pego na segunda-feira. A dinâmica de empréstimos teve o auxílio da professora, pois ela incumbiu-se de fazer esse recolhimento em sala de aula, tanto no dia 22 quanto no dia 24, e de entregar aos alunos que não tinham pegado o livro no dia do encontro na biblioteca. Assim, findamos o segundo encontro com os alunos de 5º A.

Alunos do 5º Ano B fundamental:

Iniciamos o segundo encontro com as rodas de conversa, que aconteceram no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Realizamos a conversa sobre o livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado, atividade que teve a participação dos alunos do 5º B e da bibliotecária pesquisadora, que fez o papel de mediadora da conversa. Ao findar a dinâmica da conversa, iniciou-se a apresentação de outras obras da autora, existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Finalizamos com o empréstimo do livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, a ser lido na semana seguinte. Devido à quantidade insuficiente de exemplares desta obra para todos os alunos – já que a biblioteca possuía apenas 21 cópias para 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se por todos os 21 livros. Assim, realizamos o empréstimo do livro a 21 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 22/05/2017, para entregá-los aos 9 alunos restantes. A dinâmica de empréstimos teve o auxílio da professora, que ela assumiu o encargo de fazer o recolhimento em sala de aula e entregar aos alunos que não tinham pego o livro no dia do encontro na biblioteca. Deste modo, findamos o segundo encontro com os alunos do 5º B.

3º Encontro: Dia 26/05/2017 = Uma aula de biblioteca

Alunos do 5º Ano A fundamental:

Nesta data, a professora não acompanhou os alunos à biblioteca, pois estava doente, e o seu não comparecimento dificultou um pouco o trabalho com os alunos, pois eles não tiveram muita disciplina. Mesmo assim, desenvolvemos o trabalho programado para esta data. Assim, o terceiro encontro iniciou-se com a roda de conversa no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Seguiu-se uma conversa sobre o livro *Curupira*, de Roger Mello, atividade que teve a participação dos alunos do 5º A. Como na roda de conversa da semana anterior, a bibliotecária pesquisadora fez o papel de mediadora da conversa. No fim de toda dinâmica da conversa, foi feita uma apresentação de outras obras do autor existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Finalizamos com o empréstimo do livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, a ser lido para a semana seguinte. Em razão da quantidade insuficiente deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía apenas 9 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se por estes 9 livros. Por esta quantidade ser insuficiente até para os empréstimos na segunda e na quarta-feira da semana seguinte, a pesquisadora imprimiu mais

5 cópias – disponíveis na internet –, para que houvesse uma quantidade suficiente para encaminhamento a outros alunos nestes dois dias. Assim, realizamos o empréstimo destes 9 livros e mais as 5 cópias para 14 alunos, que assumiram o compromisso de ler os livros até a segunda-feira, dia 29/05/2017, e trazê-lo para entregar aos colegas que não o pegaram na sexta-feira, sendo que esses últimos deveriam trazê-lo dia 31/05/2017, quarta-feira, para os alunos que não tinham pego na segunda-feira. Pelo fato de a professora estar doente e não comparecer neste encontro, a pesquisadora acertou com os alunos a sua vinda nos dias 29/05 e 31/05 para auxiliá-los na entrega dos livros aos colegas. Na segunda-feira, ao chegar à escola, a pesquisadora observou que a própria turma já tinha feito a entrega para os outros colegas que não tinham lido. Na quarta-feira, aconteceu da mesma forma. Ao chegar à escola, a pesquisadora observou a mesma dinâmica ocorrida na segunda-feira.

Alunos do 5º Ano B fundamental:

Nesta data, a professora não acompanhou os alunos à biblioteca, pois estava doente, como descrito anteriormente, e o seu não comparecimento dificultou o trabalho com os alunos da turma de 5ºA. Em razão da indisciplina, foi solicitado à coordenação da 1º fase que um funcionário acompanhasse a turma B, para que pudesse ser desenvolvido o trabalho programado para esta data. Desse modo, o terceiro encontro iniciou-se com a roda de conversa no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Realizou-se a conversa sobre o livro *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado. A atividade teve a participação dos alunos do 5º ano B e, como na roda de conversa da semana anterior, a bibliotecária pesquisadora fez o papel de mediadora da conversa. Ao findar a dinâmica da conversa, foi feita uma apresentação de outras obras da autora existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Finalizamos com o empréstimo do livro *Curupira*, de Roger Mello. Devido à quantidade insuficiente deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía 14 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora também assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se por todos estes 14 livros. Assim, realizamos o empréstimo do livro a 14 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 29/05/2017, e trazê-lo para entregar aos colegas que não o pegaram na sexta-feira, sendo que estes últimos deveriam trazê-lo dia 31/05/2017, quarta-feira, para os alunos que não tinham pego na segunda-feira. Pelo fato de a professora estar doente e não comparecer neste encontro, a pesquisadora acertou com os alunos a sua vinda no dia 29/05 e 31/05 para auxiliá-los na entrega dos livros aos colegas. Na segunda-feira, ao chegar à escola, a pesquisadora observou o mesmo fato ocorrido da turma de 5ºA, ou seja, a turma já tinha feito a entrega para os outros colegas que

não tinham lido. Na quarta-feira, aconteceu da mesma forma. Ao chegar à escola, observou-se esta mesma dinâmica ocorrida na segunda-feira. Percebe-se, com este procedimento das duas turmas, que os alunos têm hábito já relativamente consolidado de leitura, bem como disciplinar, o que nos parece extremamente positivo.

4º Encontro: Dia 02/06/2017 = Uma aula de biblioteca

Alunos do 5º Ano A fundamental:

Iniciamos o quarto encontro com as rodas de conversa, que aconteceram no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG, quando se realizou a roda de conversa sobre o livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, do escritor Pedro Bandeira, a bibliotecária pesquisadora foi mediadora da conversa. Ao término da dinâmica, foi feita uma apresentação de outras obras existentes na biblioteca do CEPAE/UFG do autor Pedro Bandeira. Finalizamos com o empréstimo do livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado. Em razão da quantidade insuficiente de exemplares deste título para todos os alunos – a biblioteca possuía 22 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se pelos 22 livros. Assim, realizamos o empréstimo dos livros a 22 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira, dia 05/06/2017, e entregá-los aos 8 alunos restantes. Essa dinâmica de empréstimos também teve o auxílio da professora, que assumiu a incumbência de fazer o recolhimento em sala de aula e entregar aos alunos que não tinham pego o livro no dia do encontro na biblioteca.

Alunos do 5º ano B fundamental:

Iniciamos o quarto encontro com a roda de conversa na biblioteca escolar do CEPAE/UFG. E, realizou-se a conversa sobre o livro *Curupira*, de Roger Mello. Esta atividade teve a participação dos alunos do 5º B, e a bibliotecária pesquisadora mediu a conversa. Ao final da dinâmica fez-se uma apresentação de outras obras de Roger Mello existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Finalizamos com o empréstimo do livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, que seria trabalhado na semana seguinte. Em virtude da pouca quantidade de exemplares na biblioteca para todos os alunos – a biblioteca possuía apenas 9 exemplares e ao total eram 30 alunos –, a pesquisadora assumiu o compromisso com a biblioteca e responsabilizou-se por estes 9 livros. Por esta quantidade ser insuficiente até mesmo para os empréstimos na segunda e na quarta-feira da semana seguinte, a pesquisadora imprimiu mais 5 cópias – disponíveis na internet –, para que houvesse uma quantidade suficiente para os dois dias. Assim, realizamos o empréstimo dos 9 livros e mais

as 5 cópias para 14 alunos, que assumiram o compromisso de lê-los até a segunda-feira dia 05/06/2017 e trazer para entregá-lo aos colegas que não o pegaram na sexta-feira, sendo que estes últimos deveriam trazê-lo dia 07/06/2017, quarta-feira, para os alunos que não tinham pego na segunda-feira. A dinâmica de empréstimos teve o auxílio da professora, pois ela assumiu a incumbência de fazer esse recolhimento tanto no dia 05 quanto no dia 07 em sala de aula e entregar aos alunos que não tinham pegado o livro no dia do encontro na biblioteca.

5º Encontro: Dia 09/06/2017 = Uma aula de biblioteca – Encerramento

Alunos do 5º Ano A fundamental:

Iniciamos o quinto e último encontro com as rodas de conversa, que aconteceram no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Nessa data, realizou-se a conversa sobre o livro *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*, de Ana Maria Machado. Essa atividade teve a participação dos alunos e a bibliotecária pesquisadora foi a mediadora da conversa. Ao final da dinâmica, foi feita uma apresentação de outras obras de Ana Maria Machado existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Por ser o último encontro, foi solicitado aos alunos que respondessem ao questionário final (Apêndice D). Em seguida, a pesquisadora fez os agradecimentos tanto aos alunos pela colaboração e participação quanto à professora pelo auxílio na execução deste trabalho com os alunos. A pesquisadora também agradeceu aos funcionários da biblioteca pelo apoio e disposição. Ao final, a pesquisadora solicitou que todos os alunos tirassem uma foto juntos para assim encerrar esta última aula de biblioteca.

Alunos do 5º Ano B fundamental:

Iniciamos o quinto e último encontro com as rodas de conversa, que aconteceram no ambiente da biblioteca escolar do CEPAE/UFG. Realizou-se nesta data a conversa sobre o livro *O fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira. A atividade teve a participação dos alunos e a bibliotecária pesquisadora foi a mediadora da conversa. Ao fim da dinâmica, iniciou-se uma apresentação de outras obras de Pedro Bandeira existentes na biblioteca do CEPAE/UFG. Por ser o último encontro, foi solicitado aos alunos que respondessem ao questionário final (Apêndice D). Em seguida, a pesquisadora agradeceu aos alunos pela colaboração e participação, à professora, que gentilmente auxiliou na execução deste trabalho com os alunos, e aos funcionários da biblioteca pelo apoio e disposição. Ao final, a pesquisadora solicitou que todos os alunos tirassem uma foto juntos para assim encerrar esta última aula de biblioteca. Assim, ao final dos encontros, percebemos o comprometimento dos

alunos tanto nas leituras quanto nas discussões e da disponibilidade da professora em nos ajudar na execução deste projeto.

Aplicação de questionário em uma turma de 7º ano

A aplicação de questionário com uma turma de 7º ano do CEPAE/UFG foi uma atividade com o intuito de realizar um comparativo de dados com os alunos dos 5º anos. Foi selecionada apenas uma turma, de forma aleatória, e feita a aplicação do questionário (Apêndice E) durante 10 minutos de uma aula da disciplina de Língua Portuguesa no mês de outubro de 2017.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



ROSEMARILANY BARBOSA GUIDA

PRODUTO EDUCACIONAL

“ SEQUÊNCIA DIDÁTICA: INCENTIVANDO A LEITURA DO GÊNERO DRAMÁTICO
NA BIBLIOTECA ESCOLAR ”

Produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica no curso de Mestrado Profissional do CEPAE-UFG; como requisito parcial para obtenção do grau de mestre.

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Área de Ensino: Linguagens e suas tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vivianne Fleury de Faria

GOIÂNIA
2018

APRESENTAÇÃO

O produto final desta dissertação de mestrado constituiu-se na elaboração de uma sugestão de sequência didática a ser aplicada em uma biblioteca escolar. Sendo desenvolvida e aplicada na biblioteca do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação da Universidade Federal de Goiás, por meio de rodas de conversa, e poderá também ser utilizada em outras bibliotecas. Salientamos que poderá ser alterado o gênero literário, autores e assuntos abordados, cabendo, a critério do professor ou bibliotecário, fazer adequações que sejam pertinentes e adequadas ao bom desenvolvimento desta sugestão de sequência didática. Ela também pode ser aplicada em outros ambientes de leitura existentes na escola, caso ela não possua uma biblioteca escolar.

Isto posto, entendemos a sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). A metodologia da sequência didática utilizada nesta pesquisa foi elaborada a partir do livro *Biblioteca Escolar e práticas educativas*, de Renata Junqueira de Souza (2009, p. 107-108).

Além da sequência didática também foi feita uma Atividade Diagnóstica - apresentada nesta sugestão de trabalho, e cujo método também é a roda de conversa -, cujo objetivo é o de verificar quais os hábitos de leitura e observar qual o grau de conhecimento das turmas acerca do gênero ou assunto escolhido, sendo que esta deverá ser a primeira atividade a ser realizada com os alunos. Após aplicada, os professores e bibliotecários terão uma ideia melhor de quais livros devem selecionar para a sequência didática.

Caso haja o desejo de conhecer essa atividade, mais detalhadamente, aplicada em uma biblioteca escolar, consultar os tópicos Etapas do Plano de Atuação e Rodas de Conversa presentes na Dissertação¹⁹. Com efeito, espera-se que o conteúdo apresentado nesta sequência didática possa auxiliar outros professores, bibliotecários ou auxiliares de bibliotecas que desenvolvem trabalhos de promoção e de incentivo à leitura em bibliotecas escolares, desenvolvendo atividades dentro da escola que interliguem a sala de aula com a biblioteca, através de projetos e ações criativas que objetivem formar leitores literários. Dentre algumas destas atividades, listamos:

¹⁹ Guida, Rosemarilany Barbosa. **A mediação da leitura literária na biblioteca escolar: uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG**. 2018. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br>>.

Hora do Conto: [...] Um profissional capacitado (contador de história) reúne as crianças em roda, ou da forma que for a mais agradável, sentadas em almofadas, em cadeirinhas, no chão, e vai apresentando cada personagem e sua história. Pode também fazer a dramatização da história que acaba de ser contada.

Sarau literário ou sarau poético: Consiste em ler textos de autores conhecidos ou não e em seguida fazer breve análise sobre o que foi lido, em que contexto o texto foi criado ou produzido, e suas repercussões.

Roda de Leitura: O mediador escolhe determinado texto - crônica, poesia, um artigo, trecho de um romance - e o lê. Após a leitura abre-se espaço para o debate sobre o que foi lido.

Encontro com o escritor: Pressupõe o convite a um escritor, poeta, contista, repentinista, jornalista, que falará sobre o seu processo de criação. É interessante que o bibliotecário ou moderador tenha conhecimento do assunto a ser apresentado para conduzir o debate e incentivar perguntas.

Dia do vídeo: Pelo menos três vezes por ano, reserve um dia para exibição de um filme que tenha sido inspirado em determinado livro. Coloque esse livro à mostra, e fale sobre o autor, o assunto, contextualizando o momento histórico-social e político em que foi escrito.

Feira do Livro: Uma vez por ano incentive os alunos a organizarem uma feira do livro trazendo livros para serem trocados ou vendidos, a preços simbólicos.

Palestras: Convém convidar pessoas da comunidade, que tenham excelentes conhecimentos e facilidade de comunicação, para realizar palestras sobre temas que fazem parte do cotidiano. [...] Procure selecionar e apresentar livros, documentários e artigos que ficarão à disposição dos alunos após as palestras para aprofundamento dos temas.

Exposição: A biblioteca deve estar atenta a datas importantes do calendário cívico, nacional, regional e local e preparar exposições alusivas a cada data.

Grupo teatral: A biblioteca deve apoiar a escola na criação de grupo teatral. Disponibilize material sobre o autor da peça e a peça propriamente dita, cedendo espaço para as leituras e os ensaios. Divulgue a apresentação valorizando o autor e o livro que inspirou a peça.

Os dez mais: Uma boa estratégia de incentivar a leitura é listar e colocar em exposição, com resumo sobre cada um, os livros mais retirados para empréstimo num determinado mês.

Premiação: A biblioteca pode premiar sempre com um livro ou algo relacionado ao hábito de leitura alunos que mais leram no semestre, os que mais compareceram à biblioteca para estudar, os que mais participaram das atividades por ela promovidas e organizadas, etc. (CORTE; BANDEIRA, 2011, p.127 a 131).

Lembrando que existem outras atividades, além das citadas, como as rodas de conversa e sequência didáticas, que podem ser desenvolvidas no espaço da biblioteca e que dependerão da criatividade dos profissionais que ali trabalham juntamente com o professor.

Portanto, esta proposta didática utilizou o texto literário dramático como objeto, pois assim, além de poder promover entre os alunos este gênero pouco procurado nas bibliotecas, o professor ou bibliotecário também poderá escolher um dentre os livros abordados para realizar a leitura silenciosa e dramática de partes da peça com os alunos, explicar suas principais características, falar sobre os personagens e sobre as cenas e os atos, como também verificar junto aos alunos a estrutura, a articulação dos atos, cenas, personagens, iluminação, cenários, dentre outros aspectos e, ao final, o professor ou bibliotecário poderá, juntamente com seus alunos, ensaiar e até mesmo representar a peça escolhida.

ATIVIDADE DE DIAGNÓSTICO

Esta atividade diagnóstica é importante para que o professor ou bibliotecário possa verificar quais os hábitos de leitura e conhecimento acerca do gênero a ser abordado, isso o ajudará no momento em que for desenvolver a sequência didática na biblioteca ou na sala de leitura.

- 1º Selecionar a obra a ser lida.
- 2º Selecionar quais serão as turmas e séries de alunos contemplados.
- 3º Determinar os objetivos da atividade.
- 4º Determinar a previsão de duração da atividade.
- 5º Elaborar o conteúdo ou questões concernentes a serem exemplificadas e desenvolvidas com os alunos.
- 6º Realizar uma breve apresentação da obra selecionada.
- 7º Realizar a avaliação caso ocorra.
- 8º Levantar os recursos materiais necessários.

Atividade de Diagnóstico desenvolvida na Biblioteca do CEPAE/UFG

Tema: Texto literário Dramático

Turmas: 5º ano A e B – Turno Matutino – Ensino Fundamental I

Objetivos:

- Diagnosticar hábitos de leitura;
- Verificar o conhecimento e prática de leitura do gênero dramático;
- Realizar uma breve explicação sobre o gênero literário dramático suas características e forma.

Tempo previsto: 1 h / aula de biblioteca

Primeiro momento: Conteúdo ou atividades desenvolvidas,

- Explicar o trabalho a ser realizado.
- Conversas com os alunos sobre seus hábitos de leitura e sobre suas preferências e rejeições quanto aos livros literários, autores ou assuntos.

Segundo momento:

- Verificar o conhecimento por parte dos alunos acerca do gênero e prontamente fazer uma breve explicação do tema selecionado.
- Questões que nortearão esta explicação:
 - 7) Conhecimento do gênero selecionado, sabem o que é?
 - 8) Apresentação de livros do gênero selecionado, para melhor exemplificar.
 - 9) Apresentação dos autores, gêneros, personagens, diálogos, cenário, ilustrações, estrutura do texto, etc.
 - 10) Conceituação e dar melhores explicações sobre o gênero escolhido.

Terceiro momento:

É destinado à seleção e breve resumo das obras a serem lidas no decorrer dos encontros na biblioteca.

Com a intenção de que haja o aproveitamento e que ocorra a formação de leitores literários do gênero dramático, é necessário que sejam selecionadas obras que possam enriquecer o conhecimento e o gosto pela leitura. Por esta razão, foram selecionados quatro livros literários a serem lidos nessa sequência didática e os critérios de seleção levaram em conta três pontos: 1º - devem ser obras escritas e publicadas no Brasil, da literatura brasileira e do gênero dramático. 2º - os livros devem ser da literatura infanto-juvenil e de autores renomados. 3º - os livros devem compor e estar disponíveis para empréstimos e consultas no acervo da biblioteca do CEPAE/UFG (este último critério deve ser adequado à realidade da escola em que o pesquisador deseja fazer esse projeto de incentivo à leitura). Levando em consideração tais critérios, selecionamos os seguintes livros:

Curupira de Roger Mello.

O livro foi escrito em 2002. Nele o autor descreve as peripécias de Curupira, personagem do folclore brasileiro, que utiliza de seus poderes para proteger os animais e a floresta brasileira. A história começa com Teobaldo e Jeremias, dois irmãos que ficam em volta de um lampião contando histórias assustadoras durante todas as noites.

Em um dia rotineiro de trabalho, estão os dois realizando os afazeres da roça, quando Jeremias avista uma cutia e sai em seu encalço. Teobaldo o aconselha a deixá-la ir, e voltarem para casa, pois já passa das sete horas da noite, mas ele não ouve seus conselhos. Logo escurece e Jeremias se perde na floresta. De repente, surge um velho e começa a conversar

com ele. Questiona o porquê de ele ter perseguido a cutia e diz que foi o Curupira quem o fez se perder, pois Jeremias estava perseguindo um animal inocente.

Enquanto isso, seu irmão sai a sua procura e encontra a velha da embolada e um papagaio. Ela conversa com Teobaldo sobre as histórias contadas à noite, e diz que as ouviu e fala a respeito de uma delas, a da história da mariposa, que ele conta frequentemente para seu irmão. Segundo a velha, esta é uma história verdadeira e a menina existe de verdade. Em seguida Teobaldo encontra a menina e passam a conversar, ele já bem cansado de procurar seu irmão. A menina diz para ele que foi enfeitiçada pela velha e transformada em mariposa, mas rapidamente despedem-se, pois ele precisa continuar a procurar por Jeremias.

Mais tarde Jeremias encontra-se com a velha da embolada, ela está com a camisa de Teobaldo. Ao perceber isto, ele a ameaça e começam um jogo de rimas, Jeremias vence, fazendo com que a velha fuja ao ser derrotada. Curupira surge, e começa a dialogar com Jeremias que justifica não querer fazer mal a nenhum dos animais, e por sua vez Curupira diz ser ele o responsável por Jeremias ter se perdido na floresta. Após muito conversarem, eles se entendem e Curupira mostra o caminho para ele voltar para sua casa e se encontrar com seu irmão.

A história mostra uma interação muito grande entre o leitor e o texto, fazendo com que o leitor perceba e sinta como se estivesse visualizando as cenas e os diálogos, sentindo os personagens e toda a ação das cenas. A obra apresenta o Curupira, uma lenda do folclore brasileiro, de maneira bem simples, fazendo com que o leitor compreenda e entenda as ações do personagem. O autor expressa a preocupação com a preservação da flora e da fauna do Brasil e mostra aos leitores a diversidade que é a cultura e as peculiaridades do povo simples do campo, suas crenças e sua cultura, por meio de seus personagens.

O fantástico mistério de feiurinha: teatro de Pedro Bandeira.

O fantástico mistério de feiurinha: teatro foi escrito no ano de 1986, sendo vencedor do prêmio Jabuti de literatura infantil no mesmo ano. A história gira em torno do desaparecimento de uma princesa chamada Feiurinha e do esforço de outras princesas dos contos de fadas tradicionais, junto com um escritor, para tentar encontrá-la.

Assim é narrada a busca por essa princesa, e de forma divertida é descrita a vida das princesas de Contos de Fadas de histórias tradicionais, como Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida, entre outras, mostrando o que aconteceria a elas após o “Felizes para sempre”,

como, por exemplo, o casamento com seus príncipes, os filhos, “engordar e envelhecer”, enfim o que vem depois do final da história.

Tudo começa com um escritor em sua sala de trabalho, buscando ideias e inspiração para escrever, quando, de repente, recebe a visita de Caio, o Lacaio, que fora enviado por Dona Branca Encantado – da história da Branca de Neve, que depois de casada com o Príncipe Encantado muda de nome – do País das Fadas. Caio explica ao escritor que a família Encantado é muito nobre, conhecida e respeitada, e que todas as princesas de contos de fadas se casam com príncipes desta família.

Caio conta ao escritor também que a senhora Dona Branca Encantado, junto com as outras princesas, percebeu que a princesa Feiurinha havia desaparecido, o que colocava em perigo a existência e a felicidade de todas as outras princesas, pois se uma delas desaparecer – não foi feliz para sempre – as outras poderiam desaparecer. Por isso, foi feita uma reunião entre todas elas, que decidiram por procurarem pela história de Feiurinha nos livros, para ver se assim descobririam seu paradeiro. No entanto, ninguém descobriu quem havia escrito a história de Feiurinha e por isso as princesas optaram por enviar Caio, o lacaio, à procura de um escritor que soubesse de sua história.

E Caio encontra o escritor, pedindo-lhe ajuda para encontrar Feiurinha. Porém, o escritor diz nunca ter ouvido falar dela, nem de sua história, mesmo assim concorda em ajudar a encontrá-la. Caio, durante o tempo em que espera, decide ajudar a doméstica Jerusa com os afazeres da casa. Por muito esperarem, as princesas decidem ir ao encontro do escritor e repetem toda a história contada por Caio, enfatizando que Feiurinha é uma princesa e que seu destino é ser feliz para sempre e, se caso não a encontrem, o destino de todas correria perigo. Aí entra em cena Jerusa que pergunta quem são aquelas senhoras lindas. O escritor diz serem suas primas. Ela não acredita e diz que, apesar de estarem mais velhas, são Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel, Cinderela, Bela da Fera e Chapeuzinho Vermelho, o autor confirma e Jerusa volta a seus afazeres.

Apesar de todas as buscas em livros, em cartas enviadas a outros escritores, procurando pela história de Feiurinha, ninguém tinha ouvido falar dela, isso deixa as princesas desesperadas. Em meio a toda essa agitação, surge Jerusa, que escuta o nome Feiurinha e diz que sempre gostou muito dessa história, e que sua avó costumava contá-la para os netos ao pé da lareira. Isso deixa a todos entusiasmados.

Assim, Jerusa senta-se em uma banquetta e começa a contar a história de Feiurinha para as princesas, para Caio e para o Escritor que, prontamente, toma nota da história contada por ela. Soluciona-se o desaparecimento de Feiurinha, que foi esquecida porque as pessoas

não contavam mais sua história. Mas o problema foi resolvido porque o escritor reescreve a história e indaga ao leitor se ele irá ler esta história e defender os personagens, as heroínas, passando para ele a responsabilidade de manter vivos os contos de fadas.

Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés de Ana Maria Machado.

A história começa com uma turma de crianças brincando de Bento-que-bento-é-o-frade, conhecida popularmente como “O mestre mandou”, são elas: Nita, Chico, Lucinha, Zé e Juca. As brincadeiras acontecem de forma harmônica até o momento em que Nita começa a questionar as regras, e o motivo pelo qual uns têm que mandar e outros obedecer a tudo sem questionar. Após essa sua reflexão, ela deixa de brincar com seus amigos e decide sair pelo mundo. Segundo a personagem, ela quer “sair por aí para conhecer e ficar sabendo como é que é”. Questionada pelos colegas sobre como irá sobreviver ela diz que viverá como Pedro Malasarte.

E assim sai pelo mundo afora, sozinha, cantando, e logo ouve a voz de um boneco chamado Prequeté. Ele o a chama para brincar e conversar. No entanto, logo em seguida, desistem da brincadeira, pois não entram em acordo e decidem conversar. Ele chama seus irmãos Pracatá, Priquiti, Procotó e Prucutu para participarem desse diálogo. Sem demora, resolvem brincar. Desta vez, uma brincadeira sem regras, o que Nita logo percebe que não dará certo, e acaba por reconhecer que é preciso haver regras e discussões de ideias para se chegar a um acordo comum.

Depois disso, ela continua sua caminhada e chega a um local onde acontece um mutirão para a construção de uma casa, e se surpreende ao ver a dinâmica dessa construção realizada por uma turma de vizinhos. Percebe que, na atividade em grupo, prevalece o companheirismo, o trabalho em equipe e a amizade. Então, volta para casa e compartilha com seus amigos todas essas aventuras e tudo o que aprendeu em sua viagem.

Pluft, o fantasminha de Maria Clara Machado.

Pluft, o fantasminha acontece em um ato, e se desenvolve no sótão de uma casa velha a beira mar. Os personagens são: Pluft, o fantasma; a menina Maribel; a Mãe fantasma; Gerúndio, o tio de Pluft; Perna de Pau, o marinheiro pirata, e os três marinheiros amigos, Sebastião, Julião e João.

A história se inicia com o sequestro de Maribel, neta do Capitão Bonança, famoso pirata que deixou um tesouro de herança para ela, pelo Pirata Perna de Pau, que a leva para

uma casa abandonada na praia e a esconde no sótão. E cabe aos três marinheiros amigos de Maribel, Sebastião, Julião e João, encontrarem-na e a livrarem do malfeitor.

No sótão, encontra-se Pluft, o fantasma, que tem medo de gente, junto com sua mãe, cujo passatempo é fazer tricô e é especialista em pastéis de vento e de fofocar ao telefone com a prima Bolha e seu tio Gerúndio, um ex-marinheiro do barco do Capitão Bonança, que agora vive de comer pastéis de vento e dormir em um baú.

Pluft questiona sua mãe se gente existe. Ela diz que sim. Ele diz ter medo de gente, ela responde para ele deixar de ter esse medo bobo e ser como o pai quando era vivo, um fantasma muito corajoso. Durante o tempo em que conversam, se aproximam da casa e do sótão o Pirata Perna de Pau junto com Maribel, amarrada em uma cadeira. Os fantasmas se escondem, e assim o pirata começa a procurar pelo sótão o tesouro do Capitão Bonança e a dizer para Maribel que logo que encontrar o tesouro irá se casar com ela e roubar sua herança, no entanto, por estar muito escuro no local, o pirata decide sair e buscar uma lanterna.

Pluft fica à espreita, observando Maribel, e assim que ela o vê, desmaia. Logo que acorda, os dois ficam a se observar, no início com medo, mas depois de muito conversarem acabam se tornando amigos. Pluft decide ser corajoso e salvá-la, mas, assim que Perna de Pau retorna, toda a sua coragem desaparece, o que deixa sua mãe desapontada. Então, o pirata retorna com três velas para continuar a procurar o tesouro. Porém, Pluft e seu tio Gerúndio apagam as velas, assustando o pirata, que puxa Maribel para fora e deixa Pluft desesperado para salvar sua amiga. Ele pede ajuda a seu primo Xisto, fantasma de avião, para encontrar o tesouro e a prima Bolha, pois ela trabalha na polícia secretíssima.

E assim, durante essa conversa e agitação, surgem os três marinheiros: Sebastião, Julião e João que, ao verem o fantasma, entram em desespero, correm, gritam e, ao final, acabam desmaiando de medo. Ao acordarem encontram o baú e decidem olhar o que tem dentro, mas ao verem se tratar de outro fantasma - Tio Gerúndio -, fogem desesperados da casa. Pluft então convence seu Tio Gerúndio e o primo Xisto a salvarem Maribel, e contam com a ajuda do batalhão de marinheiros-fantasmas. Logo em seguida, o pirata Perna de Pau retorna com a menina Maribel ao sótão e continua sua procura pelo tesouro, assim descobre no baú, mas não encontra a chave para abri-lo.

Neste mesmo momento, chegam os três marinheiros, eles estão agora com uma rede, e dão uma surra em Perna de Pau, exigindo-lhe que liberte Maribel. De repente, todos ouvem o som das cornetas dos marinheiros-fantasmas e ficam a tremer de medo e todos desmaiam. Ao acordarem, veem Pluft abrir o tesouro, e nele encontra-se um retrato de Maribel, uma receita de peixe assado e um rosário, mas nada de dinheiro. Então, tio Gerúndio diz ao pirata Perna

de Pau que o dinheiro está no fundo do mar e que os marinheiros fantasmas o levarão até ele, fazendo com que Perna de Pau fuja desesperado. Ao final, Maribel reencontra-se com seus três amigos e comemoram, humanos e fantasmas, a derrota do pirata malvado e a amizade que surgiu entre eles.

Quarto momento:

Acontece o empréstimo domiciliar do primeiro livro literário.

Avaliação: A pesquisadora não avaliou os alunos nesta atividade. No entanto, caberá ao professor ou responsável pela atividade tomar a decisão de avaliar ou não, e caso o faça, escolher a melhor maneira de fazê-lo.

Recursos necessários: Livros da Biblioteca; Caderno para anotações; Papel Sulfite A4; Canetas; Lápis; Gravador; Máquina fotográfica.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Sequência Didática desenvolvida na Biblioteca do CEPAE/UFG

A sequência didática proposta é uma atividade escolar organizada sistematicamente para abordar um determinado gênero textual em sala de aula ou biblioteca, através de rodas de conversa. Para que haja um êxito maior da atividade, é sugerido que seja feita, no mínimo, em três encontros na biblioteca ou 3 horas/aula na sala de leitura, sendo que o primeiro deles é para a sondagem com a atividade diagnóstica e os outros para a prática da atividade. Assim esta sequência exemplificada abaixo conta com cinco encontros, sendo o primeiro destinado à atividade diagnóstica e os demais para o desenvolvimento da prática em si. Cabe ressaltar que é preciso um intervalo entre estes encontros para que os alunos possam realizar a leitura dos livros.

1º Encontro: Uma aula de biblioteca ou 1 hora/aula – Destinada à atividade diagnóstica.

2º Encontro: Uma aula de biblioteca ou 1 hora/aula – Destinada à sequência didática

3º Encontro: Uma aula de biblioteca ou 1 hora/aula – Destinada à sequência didática

4º Encontro: Uma aula de biblioteca ou 1 hora/aula – Destinada à sequência didática

5º Encontro: Uma aula de biblioteca ou 1 hora/aula – Destinada à sequência didática e ao encerramento da atividade.

Tema: Texto literário Dramático

Ano e grau de ensino: 5º ano A e B – Turno Matutino – Ensino Fundamental I

Objetivos:

- Apresentar a obra e o autor a ser lido na aula de biblioteca;
- Realizar a roda de conversa das quatro obras literárias selecionadas;
- Divulgar outras obras literárias do tema selecionado existentes na biblioteca do CEPAE dos autores lidos.

Tempo previsto: 1 h/aula de biblioteca para cada livro

Os livros e os autores a serem lidos, são eles:

- Mello, Roger. *Curupira*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- Bandeira, Pedro. *O fantástico mistério de feiurinha: teatro*. São Paulo: FTD, 2001.
- Machado, Ana Maria. *Hoje tem espetáculo: no país dos prequetés*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- Machado, Maria Clara. *Pluft, o fantasminha*. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Primeiro momento:

Apresentar a obra e o autor a ser lido na aula de biblioteca (o mesmo que foi levado por empréstimo domiciliar ao final da atividade diagnóstica).

Segundo momento:

Atividade oral: neste momento, os alunos conversarão acerca da obra que leram mediados pelo bibliotecário ou professor.

Questões que nortearão a roda de conversa:

- 1) Vocês gostaram do livro?
- 2) O que chamou mais a atenção de vocês?
- 3) Houve alguma parte do livro que vocês acharam cansativa?
- 4) Vocês pularam alguma parte?
- 5) Vocês encontraram alguma coisa que nunca haviam visto em outro livro?
- 6) A primeira vez que vocês viram este livro (antes de ler) como vocês pensavam que ele seria?

- 7) Por que achavam que ele seria assim? (Se a resposta anterior for bom ou ruim)
- 8) Depois de ler, sua opinião mudou sobre o livro?
- 9) Vocês já leram outros livros como este antes?
- 10) Vocês já leram este livro antes? (Se sim) Foi diferente desta vez?
- 11) O que vocês diriam a seus amigos (colegas, parentes) sobre este livro? Vocês o recomendariam a outros?

Terceiro momento:

Apresentar outras obras existentes na biblioteca deste autor lido.

Quarto momento:

Empréstimo domiciliar do próximo livro literário.

Avaliação: A critério do professor ou bibliotecário responsável pela atividade.

Recursos necessários: livros da biblioteca; caderno para anotações; papel sulfite A4; canetas; gravador; lápis e qualquer outro recurso que venha a ser necessário.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de feiurinha**: teatro. São Paulo: FTD, 2001.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado Livre, 2004.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Hoje tem espetáculo**: no país dos prequetés. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Maria Clara. **Pluft, o fantasminha**. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MELLO, Roger. **Curupira**. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.